



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

VIVIANE LIS MARIANO MENDES

A mim pouco me importa, aberta ou fechada a porta, vou entrar:
os caminhos da escritora Yêda Schmaltz (1941/2003)

GOIÂNIA-GO

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Viviane Lis Mariano Mendes

3. Título do trabalho

A mim pouco me importa, aberta ou fechada a porta, vou entrar: os caminhos da escritora Yêda Schmaltz (1941/2003)

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;

- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **VIVIANE LIS MARIANO MENDES, Discente**, em 26/09/2022, às 19:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Diane Valdez, Professor do Magistério Superior**, em 27/09/2022, às 11:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3219476** e o código CRC **A259854D**.

Referência: Processo nº 23070.043800/2022-19

SEI nº 3219476

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

A mim pouco me importa, aberta ou fechada a porta, vou entrar:
os caminhos da escritora Yêda Schmaltz (1941/2003)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Estado, Políticas e História da Educação.

Área de Concentração: Educação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Diane Valdez.

GOIÂNIA-GO

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Mendes, Viviane Lis Mariano

A mim pouco me importa, aberta ou fechada a porta, vou entrar:
[manuscrito] : os caminhos da escritora Yêda Schmaltz (1941/2003) /
Viviane Lis Mariano Mendes. - 2022.
CXXXI, 131 f.

Orientador: Profa. Dra. Diane Valdez.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação,
Goiânia, 2022.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, fotografias, lista de figuras.

1. Yêda Schmaltz. 2. educadora. 3. trajetória biográfica. 4. poesia.
5. literatura goiana. I. Valdez, Diane, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº **151** da sessão de Defesa de Dissertação de **Viviane Lis Mariano Mendes** que confere o título de **Mestra em Educação** pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás-PPGE/FE/UFG, na *área de concentração em Educação*.

Aos **seis dias do mês de setembro de dois mil e vinte e dois (06/09/2022)**, a partir das **08:30**, nas dependências da Faculdade de Educação, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **"A mim pouco me importa, aberta ou fechada a porta, vou entrar: os caminhos da escritora Yêda Schmaltz (1941/2003)"**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora Prof.^a Dr.^a **Diane Valdez (PPGE/FE/UFG)**, doutora em **Educação** pela **UNICAMP**, com a participação de demais integrantes da Banca Examinadora: Prof.^a Dr.^a **Rita Márcia Magalhães Furtado (PPGE/FE/UFG)**, doutora em **Educação** pela **Universidade Estadual de Campinas** - integrante titular interna, Prof. Dr. **Paulo Antônio Vieira Júnior (FL/UFG)**, doutor em **Letras e Linguística** pela **UFG** - integrante titular externo e Prof.^a Dr.^a **Keides Batista Vicente (UEG-Pires do Rio)**, doutora em **Educação** pela **UFG** - integrante titular externa. Durante a arguição os integrantes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus integrantes. Proclamados os resultados pela Prof.^a Dr.^a **Diane Valdez**, Presidenta da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada por Integrantes da Banca Examinadora, aos seis dias do mês de setembro de dois mil e vinte e dois.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a **Diane Valdez**

Prof.^a Dr.^a **Rita Márcia Magalhães Furtado**

Prof. Dr. **Paulo Antônio Vieira Júnior**

Prof.^a Dr.^a **Keides Batista Vicente**

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Rita Márcia Magalhães Furtado, Professor do Magistério Superior**, em 06/09/2022, às 12:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Diane Valdez, Professor do**



Magistério Superior, em 06/09/2022, às 15:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **KEIDES BATISTA VICENTE, Usuário Externo**, em 18/09/2022, às 21:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Antônio Vieira Júnior, Professor do Magistério Superior**, em 26/09/2022, às 10:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3146324** e o código CRC **D34D1EB5**.

Referência: Processo nº 23070.043800/2022-19

SEI nº 3146324

Dedico este trabalho a todas as mulheres que nos antecederam e que se vestiram de força e coragem para questionar de alguma forma a ordem patriarcal vigente. Mulheres que buscaram seus lugares para além dos socialmente impostos, lançando no mundo suas sementes de contribuição para as mudanças que já aconteceram e as que ainda estão por vir. E para todas as mulheres que, por diversas razões e circunstâncias da vida, sobretudo pela dificuldade de acesso à educação e a condições dignas de trabalho, não puderam transpor os lugares subalternizados.

AGRADECIMENTOS

Aqui nos agradecimentos desta dissertação, que ocupou grande parte dos últimos dois anos e meio, vou me ater aos que fizeram parte deste processo, direta ou indiretamente. Algumas pessoas, portanto, não estarão aqui listadas por não terem contribuído nesta trajetória, mas certamente fizeram parte de outras trajetórias e caminhos e fazem parte da minha história.

Este trabalho de mestrado se inicia em 02 de março de 2020, junto ao início do ano letivo de 2020. Cerca de duas semanas depois, iniciam-se os primeiros decretos de distanciamento sociais referentes à pandemia do novo coronavírus. As disciplinas foram cursadas todas no ensino remoto, e o chão da biblioteca, os corredores da Faculdade de Educação e os congressos que os periquitos e pardais fazem todo final de tarde nas árvores da praça universitária, fizeram falta. O projeto mudou, o mundo mudou, e, sobretudo, eu mudei.

Meu primeiro agradecimento é à minha orientadora, professora Diane, pela oportunidade e o voto de confiança que tornou este trabalho possível. Pelos ensinamentos, exemplos, pelo feminismo e pela contemplação do feminino. E por reconhecer e me mostrar minha transformação ao longo do curso, acreditando no meu potencial, me fazendo progredir sempre.

Em segundo lugar agradeço ao meu amigo, companheiro de caminhadas e estradas, Lucas, por andar lado a lado, pelos diálogos, parceria, suporte, conversas, compreensão, cumplicidade, amizade, amor, afeto e respeito. Eu não conseguiria tanto se não fosse o seu apoio diário.

Meus agradecimentos também às queridas colegas do Grupo de Pesquisa em História da Educação (GEPHE/FE/UFG), pelos encontros e por terem constituído uma comunidade e uma parceria nesse trajeto.

Às/aos docentes das disciplinas cursadas durante a pós-graduação: Rita Márcia, João, Jadir, Kátia, Humberto, Miriam Fábria e, novamente minha orientadora, Diane. O curso das disciplinas com vocês e a construção dos artigos, ensaios, seminários, discussões e trabalhos finais foram fundamentais para me preparar para a pesquisa e escrita da dissertação.

Às minhas amigas e amigos de vida e lastro que estiveram presentes durante os últimos anos: Lara, Elaini, Thiago, Lucas, Raphael, Igor, Guilherme, Manu, Ludielma, Renato, André, Eduarda, Gabriela, Priscila e Alessandro, não necessariamente nessa mesma ordem: obrigada pela escuta, respeito, diálogos, ensinamentos, inspiração, empatia e encontros. Tomando emprestadas as palavras de Yêda Schmalz para Cora Coralina: “Obrigada por serem vocês quem são”.

Às/aos colegas de trabalho do Instituto Federal de Educação (IFG), em especial: Regina, Patrícia, Flávio, Débora, Ana Lucia, Divino, Cláudia e Willis, por construírem um ambiente de trabalho de parcerias. E por terem, cada um, me acolhido no momento exato.

Meu agradecimento também ao IFG, na figura de sua reitora, professora Oneida, pela licença para capacitação concedida de três meses, que pode me auxiliar em parte desta pesquisa. É um privilégio trabalhar em uma instituição que garante condições de desenvolvimento pessoal e profissional a seus/suas trabalhadores/as, sobretudo em tempos de sucateamento das condições de trabalho, em meio a processos de terceirização, reformas trabalhistas e cortes de gastos que temos vivenciado diariamente, tanto no poder público quanto na iniciativa privada.

Às\aos ex-colegas de outros trabalhos, e de muito aprendizado: Márcia e Conceição, da Faculdade de Artes Visuais; e Weliton, do Centro de Saúde Itatiaia, da Prefeitura de Goiânia. Obrigada pelos ensinamentos e por acreditarem em mim.

As amigas e amigos que tenho feito nas aulas de teatro da Escola do Futuro em Artes Basileu França, obrigada pela boa companhia das terças e quintas-feiras. Muita arte e merda pra gente!

Aos demais parentes, familiares e amigas/os não listados/as aqui nominalmente, mas que de alguma forma me apoiaram no mestrado.

Às\aos colegas de disciplina de pós, de conversas, seminários e trocas: Eduarda, Wanessa, Jhon e tantos/as outros/as que em algum momento contribuíram neste percurso.

A toda a equipe do Programa Saudavelmente da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE/UFG), em especial à servidora técnico-administrativa Elaine e à médica Luiza, obrigada pelo acolhimento e cuidado e por realizarem um trabalho tão essencial à comunidade acadêmica! Precisamos falar sobre saúde mental e desestigmatizá-la! Meu agradecimento mais especial ao ex-residente, Lucas, pela atenção e a acolhida.

Agradeço também a todas as pessoas e instituições que gentilmente me auxiliaram de alguma forma nos caminhos desta pesquisa, no acesso às fontes, bibliotecas, instituições, em especial ao Museu de Arte de Goiânia (MAG), ao Sistema de Bibliotecas e a Diretoria de Administração de Pessoas da UFG, na figura de seus servidores. E a tantos outros aqui não listados e não nominados, mas que foram fundamentais em determinados momentos da pesquisa!

Igualmente, meu agradecimento às/aos docentes das bancas do exame de qualificação e defesa pelo gentil aceite em participar dos diálogos desta pesquisa e da construção coletiva do conhecimento, membros titulares: Diane, Paulo Antônio, Rita Márcia e os membros suplentes: Keides e Marilza Vanessa.

E, sobretudo, meu maior agradecimento aos governos do presidente Lula e da presidenta Dilma, ocorridos nos primeiros anos da minha vida adulta e que me possibilitaram conhecer um Brasil mais humano, com mais oportunidades de trabalho e estudo, me proporcionando a capacidade, já escassa nos dias atuais e pandêmicos, de ver, viver e sonhar com um país melhor.

A todas e todos o meu muito obrigada!

Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia.
(Alfredo Bosi)

RESUMO

Esta dissertação trata de parte da trajetória histórica e biográfica da educadora Yêda Schmaltz no recorte temporal de 1941, ano que nasceu, a 2003, ocasião de seu falecimento. Schmaltz foi poeta, professora universitária, artista plástica, contista, ensaísta, redatora literária e questionadora do patriarcado. Nossa incursão sobre sua vida problematizou e investigou os lugares por ela ocupados, contextualizou suas vivências, possibilitando a escrita da história de vida desta mulher. Para isso, utilizamos diversas fontes tais como jornais, revistas, cartas, convites de eventos, panfletos, postagens em redes sociais e outros documentos, assim como produções acadêmicas em formato de teses, dissertações, artigos, livros, ensaios, etc. A metodologia do trabalho foi de caráter bibliográfico e descritivo, com abordagem qualitativa-explicativa. Como aporte teórico, lançamos mão de estudos críticos e reflexivos, históricos biográficos, entre outros, sobre a condição e corpo feminino, literatura e feminismo no Brasil, com destaque para autoras como hooks (1995), Duarte (2003), Schmidt (2019), Sarti (2004), Grosz (2000), Perrot (2003), Coelho (1991) e Telles (2017). No primeiro capítulo, abordamos a trajetória pessoal, relações familiares, assim como a formação educacional e acadêmica de Schmaltz. No segundo capítulo, nos encarregamos de aspectos de sua vida pública, investigando a passagem da educadora por seus diversos lugares institucionais. Como conclusão, identificamos que a educadora Yêda ocupou um papel importante na cultura regional e nacional, não somente por seu vasto acervo de publicação literária que se mostrou potente e ativista, mas também pela ousadia, coragem, enfrentamento, resistência, conquistando lugares e posições nos espaços culturais, educacionais, políticos e sociais de um estado patriarcal e agrário.

Palavras-chave: Yêda Schmaltz; educadora; trajetória biográfica; poesia, literatura goiana

ABSTRACT

This dissertation deals with part of the historical and biographical trajectory of the educationalist Yelda Schmaltz in the time frame from 1941, the year she was born, to 2003, the occasion of her death. Schmaltz was a poet, university professor, plastic artist, short story writer, essayist, literary writer, and challenger of the patriarchy. Our incursion into her life problematized and investigated the places she occupied, contextualizing her experiences, enabling the writing of this woman's life story. For this, we use various sources such as newspapers, magazines, letters, event invitations, pamphlets, posts on social networks and other documents, as well as academic productions in the form of theses, dissertations, articles, books, essays, etc. The methodology used was bibliographic and descriptive, with a qualitative-explanatory approach. As a theoretical contribution, we make use of critical and reflective studies, biographical histories, among others, on the feminine condition and female body, literature, and feminism in Brazil, with emphasis on authors such as hooks (1995), Duarte (2003), Schmidt (2019), Sarti (2004), Grosz (2000), Perrot (2003), Coelho (1991), Telles (2017). In the first chapter, we approach Schmaltz's personal trajectory, family relationships, as well as her educational and academic background. In the second chapter, we take care of aspects of her public life, investigating the Schmaltz's passage through her various institutional places. As a conclusion, we identified that the educator Yelda Schmaltz played an important role in regional and national culture, not only because her vast collection of literary publication that proved to be powerful and activist, but also for her daring, courage, confrontation, resistance, conquering places and positions in the cultural, educational, political and social spaces of a patriarchal and agrarian state.

Keywords: Yêda Schmaltz; educationalist; biographical trajectory; poetry. literature from Goiás.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Participação feminina na câmara dos deputados.....	45
Figura 2 – Contracapa da obra <i>Tempo de Semear</i>	51
Figura 3 – Contracapa da obra <i>Anima Mea</i>	55
Figura 4 – Dedicatória em exemplar da obra <i>Secreta Ária</i>	67
Figura 5 – Dedicatória em exemplar da obra <i>O Peixenauta</i>	67
Figura 6 – Dedicatória em exemplar da obra <i>Alquimia dos Nós</i>	68
Figura 7 – Carta de Yêda Schmaltz para Cora Coralina.....	71
Figura 8 – Atestado de ideologia política.....	77
Figura 9 – Material de divulgação da Feira do Livro Goiano	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFLAG - Academia Feminina de Letras

AGL - Academia Goiana de Letras

BEG - Banco do Estado de Goiás

BSLL - Biblioteca Setorial de Letras e Linguística

FE - Faculdade de Educação

FL - Faculdade de Letras

FUNPEL - Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira

GEN - Grupo de Escritores Novos

GEPHE/FE - Grupo de Estudos em História da Educação da Faculdade de Educação

GREMI - Grandes Revelações da Mocidade Inhumense

ICHL - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais

IFG - Instituto Federal de Goiás

IGL - Instituto Goiano do Livro

MAG - Museu de Arte de Goiânia

PPGE/FE - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação

PUC-GO - Pontifícia Universidade Católica de Goiás

SEPAC - Sala de Exposição do Palácio da Cultura

SIBI/UFG - Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de Federal de Goiás

UCG - Universidade Católica de Goiás

UFCAT - Universidade Federal de Catalão

UFG - Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I: CAMINHOS DE YÊDA EM TEMPOS DE SEMEAR	26
1.1 <i>Pra escrever no meio do caminho tinha uma pedra?</i> As relações familiares	26
1.2 <i>Eu namorava livros nas mãos dos outros:</i> primeiras experiências com a leitura e a escrita	30
1.3 Formação escolar católica no interior de Goiás	35
1.4 <i>Aqui construí a minha casa, com tijolos de poesia:</i> mudança para Goiânia	38
1.5 <i>Sacrifício-me por eles:</i> matrimônio e maternidade	41
1.6 <i>Era uma lição de otimismo em relação ao ato de viver:</i> os reconhecimentos.....	42
CAPÍTULO II: HISTÉRICA NÃO, HISTÓRICA!	48
2.1 <i>De quantas chuvas se faz uma flor:</i> a escritora.....	48
2.2 Dedicatórias: <i>aos que me deram a possibilidade de conhecer e expressar o amor</i>	64
2.3 A artista plástica: <i>Não fabrico quadros a cada meia hora</i>	74
2.4 Funções administrativas em tempos de vigilância e repressão.....	76
2.5 A solidariedade intelectual no magistério: educadora além da sala de aula.....	78
2.6 A Casa da Poesia no Bairro Feliz: porto seguro das artes	80
2.7 <i>Estudar e produzir:</i> Grupo de Escritores Novos (GEN).....	82
2.8 Outras ações: IGL, colaboração em jornais e atuação em eventos culturais	86
2.9 Yêda Schmaltz e sua postura intelectual: <i>Para mim, a arte é expressão, transpiração</i>	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICE A	112
APÊNDICE B.....	113
APÊNDICE C.....	115
ANEXO A	116
ANEXO B	119
ANEXO C	121
ANEXO D	128
ANEXO E.....	130

INTRODUÇÃO

Yêda Schmaltz¹ nasceu em novembro de 1941 e faleceu em maio de 2003, viveu pela literatura, poesia e cultura de Goiás, estado que adotou para si. Foi poeta, contista, ensaísta, redatora literária, ativista e questionadora do patriarcado. Dirigiu o Instituto Goiano do Livro (IGL), foi fundadora do Grupo de Escritores Novos (GEN) e a terceira mulher a publicar livro de poesia em Goiás, em 1964, antecedida por Leodegária de Jesus, em 1906 e 1928 e Regina Lacerda, em 1954. Aqui nesta dissertação, contamos um pouco da história de vida dessa mulher, no recorte temporal de seu nascimento a sua morte, sem, contudo, realizar uma história cronológica ou linear ou totalizante de sua vida. Atráves de sua trajetória pessoal, buscamos investigar questões coletivas, políticas, educacionais e sociais do período, seus lugares ocupados, a participação feminina em sua época, sua vida no contexto patriarcal, as condições sociais de produção e circulação de sua obra e os diversos agentes que compuseram seu contexto histórico, social e cultural.

Esta dissertação está organizada por esta introdução, em que apresentamos o percurso, metodologia, levantamento bibliográfico e fontes utilizadas; em seguida, dois capítulos e as considerações finais. Somam-se ao trabalho alguns anexos e apêndices que complementam as argumentações e informações aqui apresentadas.

No primeiro capítulo, abordamos aspectos da vida pessoal de Yêda Schmaltz, como: constituição familiar, relações pessoais, formação escolar e acadêmica, objetivando delinear sua conjuntura em seu tempo e espaço. Esta sessão denominamos “Caminhos de Yêda em Tempos de Semear”, em referência às duas primeiras obras da poeta *Caminhos de mim* (1964) e *Tempo de Semear* (1969).

Na sequência, no segundo capítulo, investigamos aspectos da vida pública da educadora. Esta unidade denominamos “Histórica não, histórica!”. A proposta deste título é subverter a caracterização das mulheres de histórica para histórica, investigando, através da trajetória de Yêda Schmaltz, os lugares ocupados pelas mulheres no curso da história, buscando evidenciar a capacidade das mulheres de ocupar espaços públicos, relatando a história de vida de Yêda como experiência nesse sentido.

As teorias em torno da histeria feminina suscitam inúmeras controvérsias. O termo surge de Jean-Martin Charcot e, posteriormente, populariza-se com Sigmund Freud. Scull, em

¹Com registro civil “Iêda Oscarlina Schmaltz”, a escritora optou por assinar “Yêda Schmaltz”, por esta razão, utilizaremos essa grafia em todo o trabalho, com exceção das citação do nome batismal e das transcrições, que figurarão conforme grafado no original. Cumpre mencionar que as primeiras obras literárias de Schmaltz, quais sejam, *Caminhos de Mim* (1964), *Tempo de Semear* (1969), *Secreta Ária* (1973), *O Peixenauta* (1975), *Poesias e Contos Bachareis II* (org.) (1976) figuram até então com a grafia “Iêda Schmaltz”.

Hysteria: The Biography (2009), apresenta diversas possibilidades para o entendimento da história da histeria ao longo dos séculos. Scull (2009, p. 7, tradução nossa) aponta, levando-se em conta a suas ambigüidades e controvérsias, que “a histeria era “o limbo nosológico de todas as doenças femininas sem nome”, ou ainda:

Mas também é possível deleitar-se com as ambigüidades e contradições da histeria, como prefiro fazer. A histeria era “real”, fictícia, somática ou psicopatológica? Poderia constituir um idioma não dito de protesto, uma voz simbólica para o sexo silenciado, que foi proibido de verbalizar seus descontentamentos e, assim, criou uma linguagem do corpo? Talvez fosse simplesmente um ardil elaborado, um tipo complexo de fingimento e manipulação que tornava seus pacientes desconcertantes e enfurecidos dignos de culpa e punição? Ou, de outro modo, não era mais do que uma lata de lixo de diagnóstico, um amontoado heterogêneo de queixas remendadas linguisticamente, principalmente um testemunho da criação de mitos médicos, de incompreensão e ignorância? Em vários momentos, e às vezes simultaneamente, todas essas reivindicações tiveram seus defensores. Não é de admirar que o proeminente psiquiatra britânico de meados do século XX, Eliot Slater, tenha falado desdenhosamente do diagnóstico como “um disfarce para a ignorância e uma fonte fértil de erro clínico... não apenas uma ilusão, mas também uma armadilha.

Não adentraremos nos pormenores do assunto, o qual suscitaria um trabalho inteiro. Tampouco buscamos uma definição absoluta para o termo: o intuito desta recuperação é justificar a utilização do termo na subversão dos discursos de associação entre o estigma da histeria e o universo feminino, sob a ideia de que a histeria feminina estava relacionada ao “silêncio das mulheres, originado no recalque imposto pelas coerções familiares e sociais” (PERROT, 2003, p. 20). O jogo de troca de letras marca, textualmente, a subversão da associação das mulheres à histeria, afirmando sua condição histórica.

Como recurso estilístico na produção do texto desta dissertação, lançamos mão do uso de epígrafes no início dos capítulos e de algumas seções, opção que fizemos em diálogo com a obra da escritora, que constantemente lança mão desse recurso em suas produções poéticas. Segundo Viera Junior (2015), o discurso epigráfico na obra yediana surge a partir de *Tempo de Semear* (1969) e figura de forma a estabelecer o tema sobre o qual os versos da poeta tratarão, sintetizando e estabelecendo a relação intertextual de seu discurso. Vieira Junior (2015, p. 192) constata que, em alguns casos, “as epígrafes encontram-se inseridas em um projeto no qual epígrafe/texto/contexto se interpenetram e se complementam, ao ponto de tornarem-se um produto só”.

Em termos etimológicos, a palavra “epígrafe” provém dos vocábulos gregos *epi*, que significa: “sobre”, “por cima de” e *graphein*, que significa “escrever”. Segundo Reis (2018, p. 104, 105), a epígrafe “designa um texto, em princípio de curta extensão, inscrito num local

destacado, antes de se iniciar a narrativa propriamente dita, uma das suas partes ou um dos seus capítulos”. Elas podem ser *alógrafas*, quando de autoria alheia, e *autógrafas*, quando de autoria do próprio epigrafador. Segundo Genette (2009) a prática da epígrafe foi bastante difundida, sobretudo, no transcorrer do século XVIII e tem diversas funções, entre elas destaca-se: ressaltar e prenunciar a temática do texto ou seu título; referenciar ou homenagear o autor epigrafado; integrar a obra a determinada tradição cultural, estabelecendo seus pares, entre outras. No entanto, Genette (2009, p. 141) ressalta que nenhuma de suas funções é explícita, “já que epigrafar é sempre um gesto mudo cuja interpretação fica a cargo do leitor”.

Para além do diálogo com a obra da poeta, tal escolha se dá também por gosto estilístico e retórico desta pesquisadora, que vê neste recurso uma soma poética ao texto científico, entendendo que as epígrafes são capazes de sintetizar bem algumas ideias, como só as/os poetas, filósofos/as e pensadores/as são capazes, além de enunciarem o tom que o capítulo ou seção terão. Algumas das epígrafes escolhidas são da própria escritora, outras são de autores e autoras da área de literatura, filosofia e outras.

Meu primeiro contato com a trajetória de Yêda Schmaltz se deu através do verbete, de autoria de Silva e Vieira Junior (2017)², sobre a educadora, que integra o *Dicionário de Educadores e Educadoras em Goiás: Séculos XVIII e XXI*, organizado por Valdez (2017). Concomitante a este contato, durante o curso da disciplina *Infâncias e Juventudes: História e Políticas Educacionais Séculos XIX e XX*, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (PPGE-FE), participei de um ciclo de seminários de alguns verbetes do dicionário supracitado e do *Dicionário de Educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais*, organizado por Fávero e Britto (2012).

Nesta oportunidade, buscando evidenciar trajetórias femininas, trabalhamos com a apresentação de biografias de educadoras que compõem os verbetes de ambos os dicionários, entre elas, a título de exemplo, citamos: Armanda Álvaro Alberto; Bertha Lutz; Nísia Floresta, Leodegária de Jesus; Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas e Ondina Albernaz. Além da apresentação dos seminários, realizamos também discussões e leituras acerca da relevância dos estudos biográficos para a historiografia, do acesso às pluralidades da história por meio deste gênero e da relevância da escrita biográfica na história da educação de Goiás e do país. O nome de Schmaltz, embora integre um dos dicionários, não chegou a fazer parte da proposta da disciplina, no entanto, o trabalho com outros nomes femininos fomentou o

2 O verbete é de autoria de Paulo Antônio Vieira Júnior, professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, referência em estudos sobre a escritora e Simone Cristina Schmaltz de Rezende e Silva, professora do curso de História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, historiadora e filha de Yêda.

meu interesse de pesquisa sobre protagonismos femininos silentes na história e importância de trabalhar a trajetória biográfica de mulheres que deram valiosas contribuições para a educação.

Outro ponto que favoreceu a escolha de Yêda Schmaltz como objeto de estudo é o fato de ser possível identificar uma aproximação na ocupação de alguns lugares de sua trajetória com a minha. Assim como ela, graduei-me no curso de Letras na Universidade Federal de Goiás e atuei em funções administrativas na UFG, inclusive em algumas das mesmas unidades acadêmicas que Schmaltz trabalhou. Atuei como técnica-administrativa em educação no cargo de Auxiliar em Administração na Faculdade de Artes Visuais (FAV), nos anos de 2013 a 2014, e como estagiária durante a graduação no Colégio de Aplicação, no ano de 2011. Como veremos ao longo deste trabalho, estes foram alguns lugares ocupados por Schmaltz em tempos e funções diferentes. Além disso, atualmente, trabalho como técnica-administrativa em educação no IFG, no cargo de Secretária Executiva. Foi por esta instituição que Schmaltz lançou seu primeiro livro, *Caminhos de Mim*, no ano de 1964. Em 2021, em fortalecimento à memória editorial da instituição, foi lançada a segunda edição da obra. Estes fatos me chamam a atenção não no sentido pessoal, mas no sentido da história das instituições e dos sujeitos, seus pontos de conexão, semelhança e heterogeneidades.

Posto estas questões introdutórias referentes à contextualização geral dos percursos desta pesquisa, seu recorte temporal e sua estruturação, passaremos, a seguir, a um levantamento geral das fontes consultadas, que serão analisadas ao longo dos dois capítulos e conclusão, que integram este trabalho.

A partir da leitura do verbete, fizemos um levantamento bibliográfico dos trabalhos já realizados sobre a educadora, alguns deles já indicados no próprio texto do verbete, e outros que foram surgindo ao longo da pesquisa.

O contato com as publicações da autora integrou a pesquisa, pois a leitura de seus poemas e contos proporcionou conhecê-la através de sua formulação poética, nos seus trinta e nove anos de carreira literária. Nos livros, encontramos diversos paratextos, tais como prefácios, orelhas de livros, dedicatórias, posfácios, notas biográficas, apêndices e anexos que nos serviram como fontes nos auxiliando na empreitada de escrever parte de seu percurso de vida.

Como registrado, é no campo da crítica literária o maior número de publicações sobre esta educadora. No entanto, antes de problematizar o debate sobre estas produções, vale apresentar as escritas da autora para que se possa estabelecer melhor as relações com o que outras pessoas, sejam da academia, memorialistas, periódicos e outros, destacaram.

A bibliografia da autora é composta por quatorze livros de poesias, dois de contos, um de ensaios, uma antologia de sua obra e organização de três antologias poéticas de outros autores/as, totalizando vinte e duas publicações, além de participação em diversas antologias. Têm maior destaque junto à crítica suas obras de caráter mitológico, sobretudo as que tratam da reinvenção de mitos clássicos na modernidade, dentre estas: *A Alquimia de nós* (1979), *Baco e Anas braslieiras* (1985), *A ti, Áthis* (1988) e *Atalanta* (1987). A listagem completa das obras, organizações e participação em antologias estão relacionadas no Anexo A.

Em sua estreia literária com *Caminhos de Mim*, em 1964, Schmaltz recebeu a atenção da crítica literária, através de estudo de Teles (1995) publicado parcialmente no jornal *O Popular*, em agosto de 1964, e posteriormente em sua íntegra na *Revista da UFG n° 1* de 1995 e no livro *A Crítica e o Princípio do Prazer - Estudos Goianos II* (1995). Neste estudo sobre a literária feminina em Goiás, Teles propõe uma análise da obra de estreia da escritora, contribuindo para a inserção de Yêda Schmaltz na tradição de mulheres escritoras no estado de Goiás.

De grande contribuição também para veicular e abrir caminhos para a divulgação da obra de Schmaltz são os estudos acadêmicos sobre a escritora em ensaios e artigos realizados por pesquisadoras de estudos literários e de artes, como Turchi (1990), Denófrío (1990; 1996), Tietzmann Silva (1987; 1990), Olival (1998; 2000; 2009) e Coelho (1991; 1995).

Merece destaque também os trabalhos de Vieira Júnior (2009; 2014; 2016; 2017a, 2017b; 2017c, 2021) com vasta produção sobre a obra poética yediana, compreendendo sua dissertação de mestrado, sua tese de doutorado, diversos artigos publicados em revistas e o livro *Uma escrita sustentada pela paixão: a poesia erótica de Yêda Schmaltz* (2022), que reúne reflexões desenvolvidas em sua tese de doutoramento no programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás.

Além das fronteiras do estado, segundo Vieira Junior (2016), são destacados o prefácio assinado pelo professor e escritor porto-alegrense Antônio Hohlfeldt (1985); os estudos da professora Nelly Novaes Coelho (1991; 1993) da Universidade de São Paulo e da professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Angélica Soares (1999). Estas duas últimas autoras se debruçam especificamente sobre a literatura de autoria feminina no Brasil, colocando Schmaltz ao lado de nomes como Olga Savary, Gilka Machado, Adélia Prado e Hilda Hilst.

De projeção internacional, Viera Junior (2016) elenca estudo de resenha crítica assinado por Maria Angélica Guimarães Lopes (1998), professora de literatura brasileira da Universidade da Carolina do Sul, nos Estados Unidos, publicado na Revista *Cadernos Pagu*,

da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sendo este, segundo o autor, um dos estudos de maior circulação sobre a escritora.

De abrangência internacional, assina estudos sobre a poeta o professor Gian Luigi de Rosa, que atua como pesquisador em universidades italianas. Vieira Junior (2016) ressalta a importância dos estudos de Luigi de Rosa por abarcarem a obra completa da poeta goiana e pelo seu olhar advir do exterior. Ressalta ainda o estudo intitulado *Poesia e protesto, um caso brasileiro: Yêda Schmaltz*, no qual Luigi de Rosa apresenta reflexões sobre o engajamento político da poesia yediana no contexto da ditadura militar brasileira (1964 - 1985). No entanto, Vieira Junior faz ressalvas de que o engajamento percebido pelo pesquisador italiano não figura tão evidente, e que, segundo Vieira Junior (2016, n.p), “o termo “protesto” parece não ser apropriado para se referir à poesia de Yêda Schmaltz, o que pode ser percebido na obra da autora é um movimento de resistência simbólica, um discurso contra-ideológico, desenvolvido nos livros de erotismo ostensivo”.

Vieira Junior (2016) elenca, até o ano de 2016, ocasião da publicação de seu estudo, um total de cinco dissertações e uma tese, todas desenvolvidas em universidades de Goiás: Lopes (1989), Aires (1989), Bittencourt (2009) e Vieira Júnior (2009; 2014). Estes, acrescidos de outros trabalhos encontrados, constam relacionados no apêndice A.

Além destes trabalhos, encontramos teses e dissertação que não têm Yêda Schmaltz como foco central de estudos, mas que a citam e nos fornecem informações importantes sobre sua participação nos espaços da cena cultural goiana das primeiras décadas da segunda metade do século XX. Como exemplo, a tese *(Des)arquivar biografemas: a biblioteca de Cora Coralina* (GRANTS, 2016) onde encontramos uma carta de Yêda Schmaltz para Cora Coralina agradecendo o envio de doces e de um poema. Na dissertação *Sou Paranaíba Pra Cá: Literatura e Sociedade em Cora Coralina* (BRITTO, 2006) encontramos a informação que no manuscrito do poema “Variação”, de Cora Coralina, há uma dedicatória para Schmaltz.

A partir do levantamento bibliográfico, e das contribuições que tais trabalhos nos deram, investigamos a ocupação de Yêda Schmaltz nos espaços de seu tempo, suas contribuições, suas relações pessoais, familiares e seu lugar no curso da história, tanto nos espaços educacionais, quanto culturais e nos diversos espaços de educar: seja na poesia, nas páginas dos jornais, nos grupos e associações, nas salas de aulas das universidades, em sua residência, nas artes, etc.

Encontramos algumas entrevistas concedidas por Yêda Schmaltz, publicadas em jornais, sites e livros que foram fontes importantes para esta pesquisa, pois através delas pudemos ouvir a voz da poeta. A relação completa consta listada no apêndice C. Nos

capítulos a seguir, ao tratar propriamente da vida e trajetória da escritora, utilizamos trechos desses documentos para percebermos melhor a escritora nestes registros.

Uma dessas fontes foi uma crônica jornalística de entrevista que Schmaltz concedeu a Laurenice Costa Noleto, então aluna do 2º ano do curso de jornalismo, publicada no *Boletim Informática do Curso de Jornalismo da UFG, 1970*, suplemento organizado pelas primeiras turmas deste curso do Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), da recém-criada UFG. Na ocasião, Schmaltz já havia publicado as obras *Caminhos de Mim* (1964) e *Tempo de Semear* (1969), desempenhava funções administrativas no ICHL e concedeu, em sua residência no Bairro Feliz, em Goiânia-GO, a entrevista. No referido suplemento há uma entrevista com a também escritora Regina Lacerda, fonte rica e interessante, por se tratar de imprensa não oficial com informações sobre a história da UFG nas primeiras décadas de funcionamento.

Outro ponto interessante ocorrido durante a pesquisa foi o fato de que ao manusearmos alguns dos livros da autora, em sua maioria pertencentes ao acervo de bibliotecas da UFG, encontramos diversos exemplares autografados com dedicatórias diversas, entre elas: “Para a cara amiga Aparecida, a minha dupla dedicatória, o meu reconhecimento e o meu afeto. Junho, 1983” ou ainda “À Faculdade de Educação UFG, Estante de Cultura Goiana. Ofereço 1977”, encontradas nos exemplares das obras *Poesias e Contos Bacharéis II* (1976), *O Peixenauta* (1975) e *Secreta ária* (1973). Estas dedicatórias são fontes para estudos da história, pois nos fornecem informações sobre os círculos de relações sociais mantidos pela escritora, denotam o caráter afetivo da educadora, caráter reforçado por outros autores trabalhados ao longo da pesquisa e percebido em análise e manuseio de outros materiais.

Tivemos acesso a fontes iconográficas que estão sob guarda do Museu da Imagem e do Som (MIS), datadas da década de 1960, imagens da escritora em noite de autógrafos e de integrantes do Grupo de Escritores Novos (GEN), do qual fez parte. Algumas obras estudadas também nos trouxeram fotografias que contribuíram para a pesquisa, como a obra *Poesias e Contos Bacharéis II* (TELES, 1976). Em razão do escopo e recorte do presente trabalho, optamos por não realizar pesquisa e análise iconográfica nesta dissertação, no entanto, as fotografias encontradas durante a pesquisa são registros históricos importante, e por isso, em caráter complementar, anexamos algumas desses registros no anexo C.

Localizamos trabalhos que se encarregam das atividades de Yêda Schmaltz nas artes plásticas, entre eles, destacamos a obra *Da Caverna ao Museu: Dicionário das Artes Plásticas em Goiás*, organizado por Amaury Menezes (1998) que traz um panorama da obra de Schmaltz, da vida cultural e produção de artes plásticas em Goiás; e o dossiê da artista no

acervo do Museu de Artes de Goiás (MAG), com vasto material composto por, convites de eventos, fotografias, reportagens publicadas nos jornais locais, em especial *Diário da Manhã* e *O Popular*, por ocasião do lançamento de suas exposições e livros. Os dados encontrados nessas fontes e referências foram importantes na construção dessa dissertação.

Ademais, tivemos acesso a alguns documentos de caráter público do assentamento funcional de Schmaltz enquanto servidora pública da Universidade Federal de Goiás (UFG), tanto nas funções administrativas quanto docentes exercidas. Compõem a pasta: portarias de nomeações, designações, composição de comissões, etc.

Entramos em contato com o *Sempre UFG*, portal da Universidade Federal de Goiás (UFG), lançado em 2019, que visa acompanhar a trajetória de egressos da instituição e preservação da memória da Universidade. No entanto, conforme nos foi informado pela coordenadora do projeto, professora Thalita Sasse Fróes, o programa não dispõe de nenhuma informação discente de Yêda Schmaltz, e até o momento conta com informações fornecidas pelos próprios egressos, a partir da ocasião em que o projeto foi implantado.

De grandes contribuições para esta pesquisa foram também as obras *Poemas do GEN 30 anos* de organização de Godoy (1994) e *GEN – Um sopro de Renovação em Goiás* de Olival (2000). Estas obras trouxeram estudos críticos, depoimentos, trechos de jornais e revistas e uma antologia de poemas de seus/as ex-integrantes.

Na obra *Memórias de Nossa Gente* (2015), lançado pelo banco SICCOOB, encontramos uma biografia de Yêda Schmaltz escrita por Ubirajara Galli. Nesta obra há a biografia de outros nomes da cultura do estado de Goiás.

A obra *Ensaístas brasileiras – Mulheres que escreveram sobre literatura e Arte de 1860 a 1991*, de Hollanda e Araújo (1993), também dedica um verbete à escritora. Apesar de se tratar de um verbete curto, há de se destacar que a obra é assinada por Heloisa Buarque de Hollanda, pesquisadora de destacada atuação nos estudos feministas. Constituindo-se de verbetes, a obra realizou um recenseamento das autoras com trabalhos de teor reflexivo e crítico com publicações do século XIX a XX, inserindo Schmaltz entre os nomes femininos de destaque na literatura e arte brasileiras e na história dos movimentos feministas no Brasil.

Encontramos também um pequeno verbete sobre Yêda Schmaltz no *Dicionário Bibliográfico de Membros da Academia Goianiense de Letras* (2008) e no *Dicionário Bibliográfico de Membros da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás* (2008). Alguns dos trabalhos encontrados nos trouxeram informações que já dispúnhamos, outros nos trouxeram informações novas que foram se somando a esta pesquisa.

Consultamos periódicos jornalísticos da *Hemeroteca Digital Brasileira*, portal de periódicos nacionais digitalizados que permitiu acesso a jornais, revistas, boletins e outros. Nestes periódicos, encontramos informações sobre movimentação da carreira de militar do exército brasileiro do pai da escritora, Wilfrido Schmaltz, que apresentamos melhor adiante ao tratarmos de suas relações familiares; os periódicos nos forneceram também informações sobre o lançamento de seus livros, divulgações de festivais de música nos quais foi jurada, pequenas notas de críticas literárias.

A incursão por estes estudos e fontes permitiu notar que há muitas informações sobre Schmaltz, ainda que estejam dispersas. Apresentadas as fontes e percursos gerais desta pesquisa, procedemos agora à apresentação da metodologia de trabalho e referencial teórico. A pesquisa é de caráter histórico, documental, bibliográfico e descritivo, quanto à metodológicos de abordagem e objetivos, estes são de caráter qualitativo-explicativo. Realizamos procedimentos de revisão bibliográfica acerca dos trabalhos já realizados, acrescentando reflexões e interrelacionando fatos, agentes, espaços e momentos históricos, na construção de uma historiografia crítica e reflexiva, a partir do uso de diversas fontes já citadas. Buscamos reunir e problematizar o acervo, procedendo a descrição documental, interpretação de ações, estruturas e papéis e formulação de hipóteses. Assim, imprimimos neste estudo uma possibilidade de escrita sobre a trajetória de Yêda Schmaltz, ciente de que existem outras. Como aporte teórico amparamo-nos nos estudos sobre a condição das mulheres no século XIX e XX, corpo feminino, feminismo no Brasil, feminismo e literatura no Brasil, realizados pelas pesquisadoras hooks (1995), Schmidt (2019), Duarte (2003), Sarti (2004), Grosz (2000), Perrot (2003), Coelho (1991) e Telles (2017).

CAPÍTULO I

CAMINHOS DE YÊDA EM TEMPOS DE SEMEAR

E a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz.

(Ferreira Gullar)

1.1 Pra escrever no meio do caminho tinha uma pedra? As relações familiares

Como a epígrafe de Ferreira Gullar sintetiza, a história humana se desenrola em diferentes lugares. Semelhante à história de Schmaltz que apreendemos por meio das pesquisas, das memórias, jornais, entrevistas e outros. No nosso intuito de entender a mulher poeta Yêda, faz-se necessário a incursão pelos caminhos de Yêda e sua sementeira, por suas relações familiares, formação escolar e acadêmica, primeiras experiências com os livros, leitura e escrita, como trouxemos a seguir. Como dito na introdução, o título desta unidade faz referência às duas primeiras publicações da autora. Buscamos a partir da história individual de Schmaltz, entender a história coletiva desse sujeito nesse tempo e espaço. Assim, o que levou Schmaltz a trilhar a carreira literária? Quais foram suas experiências marcantes de vida? Quais enfrentamentos teve de lidar em razão de seu gênero feminino? Partindo do pressuposto que essas perguntas não têm nenhuma resposta exata, ao longo deste capítulo trazemos ideias, imagens, fatos e fontes que talvez contribuam em uma possível resposta ou hipótese a estas questões.

Filha da mineira Maria de Lourdes Cristina Schmaltz e do goiano Wilfrido Schmaltz, que residiam em Ipameri, interior de Goiás, nasceu em Tigipió, na grande Recife, estado do Pernambuco, em 8 de novembro de 1941. Nasceu distante das terras goianas, pois seu pai, militar do exército brasileiro, foi transferido para Pernambuco em função das estratégias militares brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945). Embora tenha nascido em Pernambuco, sempre se considerou goiana: “...eu nasci lá por acaso. Não deveria ser pernambucana; tanto que me considero uma escritora goiana.” (SCHMALTZ, 2009a, p. 507, 508).

Do lado materno, era neta de Oscarlina Carvalho, de quem herdou o nome do meio e que preferiu não utilizar artisticamente, e do avô Demóstenes Cristino, natural de Caratinga, Minas Gerais, que se graduou em odontologia e, na década de 1920, foi viver com a família em Ipameri, interior de Goiás. Demóstenes, sobressaiu na história da imprensa e da literatura goiana, com Leo Lynce e outros foram precursores do modernismo em Goiás, fato que o fez ocupar um lugar de influência na carreira de Yêda. Tiveram dois filhos, a mãe de Yêda e o seu tio Leonardo Cristino, médico e também poeta. Sobre a profissão e/ou ocupação de sua avó materna, não localizamos informações

Pelo lado paterno, teve como avô o arquiteto alemão Friedrich Schmaltz, e como avó Mercedes Rocha Schmaltz, de nacionalidade brasileira. Friedrich e Mercedes tiveram cerca de dez filhos e não foi possível obter outros dados a respeito da vinda da família para o Brasil, da profissão e/ou ocupação de sua avó paterna e demais informações sobre estes. Importante observar que o fato de descender de família alemã é problematizado pela escritora em suas falas: “O meu pai tinha um **temperamento militar, alemão**. Quando faço esta afirmativa há todo um pensamento filosófico em **torno dos dois vocábulos**, pois ele não me deu afetividade de que eu necessitava.” (SCHMALTZ, 2009a, p. 510, grifos nossos). Como podemos perceber, estas duas temáticas inquietavam a poeta e são associadas em si na figura paterna e em torno da afetividade. No poema “Anima”, da obra *Baco e Anas Brasileiras* (1985), a poeta traz esta temática em torno da presença paterna e da formação militar, adicionada à dualidade civil, acrescenta ainda a dualidade freira e prostituta, *santae puta* que recai sob a mulher:

Os homens
não me entenderam.
Me quiseram **freira**
ou prostituta:
me estereotiparam.
Nunca me aceitaram
no que sou de **santa e puta**.

Só fizeram mesmo
foi trair, os homens
que não entenderam
o amor que abre o coração
junto com as pernas.

Escrevo com o meu corpo
sobre este veneno de cobra
que os homens
me impuseram.

Pois os amei, os homens
que me sujaram
e me aborreceram

com suas gravatas,
e suas bravatas.
Igual a meu pai, que me batia
com o cinturão de **soldado**,
e me fez **civil**
pra sempre.
(SCHMALTZ, 1985a, p. 104, grifos nossos)

Ainda que escrito na primeira pessoa do singular, utilizando de uma persona feminina, não podemos afirmar que o poema em questão seja ou não de cunho autobiográfico, visto que partimos da premissa de que a voz do eu lírico e a voz da autora são diferentes e podem estar em uníssono ou não. A despeito disso, a mensagem poética, somada a outros elementos da vida da escritora, nos permite afirmar que a questão civil *versus* militar foi relevante em sua trajetória, desde a infância, pois a carreira de militar de seu pai acarretou à família constantes mudanças de cidade.

Schmaltz passou os primeiros anos da infância no bairro do Catete, na então capital do Brasil Rio de Janeiro, posteriormente retornaram para a cidade de Ipameri. Mercedes, sua mãe ocupava-se das atividades domésticas e faleceu, em 1949 quando Yêda tinha sete anos de idade (SCHMALTZ, 2009a). A questão militar perpassa ainda o fato de Schmaltz ter vivenciado o período da ditadura militar, já nos primeiros anos de sua vida adulta. Para assumir cargo público na Universidade Federal de Goiás teve que obter atestado ideológico, afirmando não ser adepta à ideologia contrária ao governo. Além disso, em diálogo com a família, verificamos que o primeiro marido de Schmaltz, Luiz, foi preso durante a ditadura militar, permanecendo encarcerado por alguns dias. Não obtivemos mais dados a este respeito. Ainda sobre a relação com o pai, segundo informações obtidas com Simone Schmaltz, filha da escritora, Yêda já adulta mantinha guardado e organizado uma série de documentos do acervo pessoal da família referentes a carreira militar de seu pai, como cartas, desenhos fotografias e mapas enviados à família durante sua carreira no exército brasileiro, alguns destes documentos são do período em que esteve em combate na Segunda Guerra mundial, na Itália.

Segundo Galli (2015), após o falecimento de Mercedes, Yêda morou em Ipameri, por cerca de dois anos com o tio materno Leonardo Cristino, médico e também escritor, casado com Lúcia Vânia Cristino, professora de desenho artístico e geométrico. Posteriormente, voltou a morar com o pai que se casou novamente.

Em entrevista ao professor Ricciardi (2009) Schmaltz ressaltou o processo psíquico e social que se instaurou após a perda de sua mãe. Segundo a poeta, este acontecimento fez com que ela se ensimesmasse e recorresse aos livros e à literatura como um recurso para lidar com

a situação traumática da perda da mãe. Mais tarde, seu pai casou-se novamente e teve outros filhos, no entanto, esta nova configuração familiar não lhe supriu a ausência deixada por sua mãe, segundo Schmaltz (2009a, p.510) “Ele não conseguiu ser pai e mãe ao mesmo tempo. Os outros modelos femininos também não me supriram esta parte”.

Segundo Yêda, em entrevista ao professor Ricciardi (2009), apesar de ter um avô poeta, não tinha, para além do avô, o apoio familiar para a carreira de escritora. Na entrevista relatou:

Quando eu tinha quatorze anos, estava fazendo a quarta série de ginásio. Almoçando, meu pai me perguntou o que eu queria ser quando crescesse. Respondi que queria ser poeta. Aí ele disse “Pra escrever no meio do caminho tinha uma pedra?” Eu não sabia como defender o poema do Drummond. Não conhecia o Modernismo. Por esse argumento vê-se, portanto, que eu não tinha o apoio da família, apesar de ter um avô poeta. (SCHMALTZ, , 2009a, p.511).

Nesta mesma entrevista, relatou que em sua primeira infância, no bairro do Catete no Rio de Janeiro, viveu sob condições socioeconômicas desfavoráveis, pois seu pai ainda não havia sido promovido a oficial: “A primeira infância vivi no Rio de Janeiro, no bairro do Catete. Levávamos uma vida de pobres, pois meu pai não era oficial; era sargento. (SCHMALTZ, , 2009a, p.511). Encontramos na Hemeroteca Digital Brasileira publicações dos Boletins da Diretoria do Pessoal do Exército que contém a promoção e movimentação de Wilfrido Schmaltz, que auxiliaram na investigação da trajetória de Schmaltz e sua família. No entanto, não localizamos informações relativas à remuneração e ao ano em que ocorreu a sua promoção para o quadro de oficiais. Wilfrido Schmaltz faleceu em 2006, três anos após o falecimento da filha.

Outra relação que queremos comentar, foi a relação com o avô materno Demóstenes, que perpassa grande parte de sua obra em epígrafes, dedicatórias, poemas e outros. Em entrevista, ao ser indagada se havia algum contador de histórias na família respondeu: “Olha, um contador de histórias houve: meu avô, poeta, maravilhoso e lindo. Ele me contava as histórias de Gatos de Botas, Bela Adormecida pra eu dormir. A presença afetiva que tive na infância foi dele.” (SCHMALTZ, 2009a, p.512). Sobre essa relação, Olival (2002) traz um fato curioso e afetivo entre os dois: Demóstenes, por ocasião dos aniversários de Yêda, no lugar de colaborador de um dos jornais da cidade, mandava publicar nos jornais notas festivas, e solicitava que o nome da neta fosse grafado “Yêda Oscarlina Cristino” com o sobrenome “Cristino”, de Demóstenes e Maria de Lurdes, mãe de Yêda, em referência ao fato do nome batismal de Yêda ser “Iêda Oscarlina Schmaltz” e trazer apenas o sobrenome paterno e o prenome da avó materna. Segundo Olival (2002) a colaboração de Demóstenes Cristino teria

se dado no periódico *Ipameri Jornal* (1960, 1961 e 1962), e a publicação de poemas nos números 10 e 13 da *Revista Oeste*. Olival, destacou que no ano de 2001, Yêda Schmaltz estaria recolhendo e organizando as crônicas e poesias publicadas pelo avô em jornais e outros periódicos, com vistas à publicação em livro intitulado *Crônicas de Oscarlina*, acompanhado do estudo “Demóstenes Cristino; perfil humorístico de um coração romântico”, ensaio crítico assinado por Olival sobre a obra completa em poesia e prosa do escritor. O livro não chegou a ser lançado, pois Yêda Schmaltz faleceu no ano de 2003, pouco tempo depois de ter iniciado este projeto, não tendo tempo de finalizá-lo.

1.2. *Eu namorava livros nas mãos dos outros: primeiras experiências com a leitura e a escrita*

*Eu escrevia, mas não dava os escritos à luz.
Mulher não usava muito escrever
(Yêda Schmaltz)*

Yêda (2009a, p.511,) registrou ao professor Ricciardi (2009) que o acesso aos livros era escasso “No interior de Goiás àquela época não havia livrarias. Não havia acesso a livros. Havia uma biblioteca pequena na prefeitura, da qual eu era sócia. O livro tinha um significado de valor muito grande. Primeiro, porque não podia comprar. Eu namorava livros nas mãos dos outros”. Ao professor Ricciardi (2009), em mesma entrevista, contou que suas primeiras experiências com a leitura e a literatura, vieram através do pai e do avô materno, por meio de história em quadrinhos da banca de revistas que o avô era proprietário:

Os primeiros livros, na verdade foram revistas em quadrinhos. Meu avô tinha uma banca de revistas a que eu tinha acesso irrestrito. Depois ele me deu o *Musa bravia*, que li, sem o entendimento de que estava lendo. No colégio, alguma literatura sem importância. **Meu pai me deu uma coleção de Monteiro Lobato, que li quando era menina e de que gostei muito. Nessa época Lobato era proibido pela Igreja, e as freiras não deixava lê-lo.** (SCHMALTZ, p.510-511, 2009a, grifos nosso)

No momento em que se formava a leitora Yêda Schmaltz, o Brasil vivenciou uma série de arbitrariedades tanto por parte do poder eclesiástico, quanto por parte do Estado, ambos inter-relacionados. Sobre a coleção de Lobato, vale registrar que no contexto da ditadura do governo de Getúlio Vargas (1937 - 1945) e da expansão do ensino católico no país, a obra de Lobato foi considerada pelo estado e pela Igreja como nociva aos valores destes, ambas com poder sobre as instituições de ensino. Neste contexto, seus livros são censurados, recolhidos e taxados como desaconselháveis para crianças (DEBUS, 2001).

As ações contra o autor incluíram o recolhimento de suas obras das bibliotecas públicas e escolas católicas durante as décadas de 1930 a 1950. A perseguição por parte da Igreja Católica inclui, além do recolhimento das obras, a publicação de livros como o do padre jesuíta Sales Brasil, intitulado *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças* (1958), lançado pela editora cristã Paulinas, cujo prefácio da edição de 1958, assinado por monsenhor Álvaro Negromonte traz:

Este livro devia ter vindo há muitos anos, para evitar os **imensos males** que anda espalhando a Literatura Infantil de Lobato. Sempre tivemos, aqui e ali, pequenos estudos da obra demolidora de Lobato, desde que começaram a circular os seus livros. Fui um dos primeiros a combater essa influência perniciosa, na tribuna, na imprensa e no rádio. Em 1936, a Associação de Professores Católicos de Diamantina, denunciando “os grandes males que poderiam advir, para a fé e a educação cristã das crianças, da leitura das últimas obras de Monteiro Lobato”, pediu ao seu Arcebispo que as proibisse naquela arquidiocese. A resposta foi que os referidos livros já estavam proibidos pelo próprio Direito, segundo as normas do Cânon 1399 que condena “os livros que defendam heresia ou cisma ou de qualquer maneira procurem destruir os fundamentos da Religião. (NEGROMONTE, 1958 *apud* SELKE, 2018, grifos nossos)

Sobre esta publicação cristã e esses “males”, Yunes (2008, p. 17) apontou:

Sob a forma de conferências feitas a princípio para rádio e para a tribuna, aparecem no livro as acusações genéricas de comunismo — o vilão ideológico daquelas décadas pós-revolução bolchevique — que incluem o desrespeito a valores como obediência, matrimônio, pátria em doze lições ou negações que rastreia na obra: negação à causa superior de todas as coisas, da divindade de Cristo, da hierarquia social, da civilização cristã, de moralidade do pudor, do respeito a superiores etc. Ele vê sinais explícitos de materialismo, de darwinismo, de marxismo e, pior, de manipulação subliminar das crianças, para a adesão a valores profanos. Apóia-se nas doutrinas da Igreja, lidas com miopia estrita, e ignora solenemente qualquer base “científica” da teoria da literatura. Confunde arte com doutrina, pedagogismo com pedagogia, moralismo com moral. Lobato, como já o fizera com os modernistas, não responde. Depois de sua morte sai a segunda edição do livro, ainda tentando desmoralizar e desqualificar sua contribuição à renovação da educação brasileira, pela discussão da cultura e desrepressão à infância.

Conforme aponta Selke (2018), Sales Brasil e a igreja católica encontraram na obra de Lobato um propagandista comunista-ateu:

Sales Brasil, com sua mentalidade paranóica, encontrou todo o suposto programa do Partido Comunista na obra infantil do autor. Monteiro Lobato viveu o bastante para ver a gênese desta apropriação/recepção de sua obra — morreu em 1948. A construção de Lobato como um comunismo-ateu dependia de um ambiente radical (como a Guerra Fria) e da demência da direita brasileira. Com o fim deste ambiente, (fim da URSS e da Ditadura Militar) esta construção foi esquecida e só é lembrada por estudiosos da obra do autor ou por pessoas que viveram aqueles anos.

Lobato sofreu ataques também por parte da imprensa. O jornal *Diário da Noite*, em março de 1936 trouxe o artigo intitulado “O Brasil insultado por brasileiros”, no qual há críticas à personagem Dona Benta. Segundo Debus (2001), alguns de seus livros chegaram a ser queimados em pátios de escolas católicas, no ano de 1942. Mesmo sendo censura e execrado pelo poder político, religioso e imprensa, Lobato em sua época se apresentou como importante na formação de leitoras/es como Schmaltz, inovando na literatura brasileira, sendo um dos primeiros autores a se dedicar ao público infanto-juvenil, criando um universo infantil rico, imaginativo e tratando as crianças e adolescentes como interlocutores de respeito.

Ainda sobre suas primeiras experiências com as letras, Yêda Schmaltz relata que seus primeiros escritos ocorreram por volta dos quatorze anos, enquanto cursava a quarta série do curso ginásial em suas palavras “Eu escrevia, mas não dava os escritos à luz. Não contava para ninguém. Tinha vergonha. Mulher não usava muito escrever. Escondia.” (SCHMALTZ, 2009a, p. 511). Esta afirmativa nos leva a pensar o cenário de repressão social e familiar de que as mulheres estavam constantemente submetidas neste período. Em outra entrevista nos traz: “Considero que nasci poeta, começando a escrever poesia, desde que comecei a escrever, e de preferência escolhia poesia como fonte principal de leitura” (SCHMALTZ, 2009b, p.53). Em alguns de seus escritos e entrevistas, percebemos que a literatura em sua vida foi de suma importância, tanto para questões pessoais, como para lidar com a perda prematura da mãe e também como instrumento de emancipação feminina através da escrita:

A perda da minha mãe me fez ficar inteiramente sozinha, porque a família era reduzida, e eu não tinha irmãos. Meu pai se casou novamente, e eu passei a ter madrasta. E nos anos subsequentes, passei a viver sem uma afetividade de que toda criança necessita. Isso funcionou muito sobre minha personalidade que se fechou muito sobre si mesma, ensimesmei e passei a viver muito em cima dos livros. A falta de minha mãe me marcou profundamente. Ainda agora, mulher feita e que não gosta de dizer a idade, ainda choro a falta de minha mãe. Foi uma ausência estelar na minha vida. [...] Já fiz terapia e estudei com análise, pelo fato de não me lembrar de minha mãe, de toda a relação com ela. Foi um choque terrível. A minha madrasta não deixou de acompanhar o arquétipo de madrasta. Não foi um bom relacionamento. (SCHMALTZ, 2009a p.509-520)

Na mesma entrevista, ao ser indagada se o fato de escrever ajudou a se descobrir como mulher, respondeu:

Acredito que sim. A escritora convive com a mulher, e as duas passam por um processo, processo de vida e de literatura, em que uma e outra evoluem. Na literatura vai surgir toda uma transformação da mulher. Na minha literatura vai chegar este momento em que atingi a minha maturidade como mulher. Até então, publiquei vários livros: [...] sem me preocupar com o lado feminino (SCHMALTZ, 2009a, p. 514)

Como podemos notar a partir dos excertos dessas entrevistas, e demais fatos narrativos sobre sua vida, percebemos que a literatura se constituiu para Schmaltz um lugar de suma importância, e que para além de uma experiência estética, torna-se instrumento de descobertas, interações, comunicação, um caminho para se descobrir mulher, expressar sentimentos, e, sobretudo, um lugar de ensinar e aprender.

O trabalho intelectual como uma forma de ativismo de contestação e resistência é descrito por hooks em seu artigo *Intelectuais negras*, em que a hooks apresenta (1995, p. 466) o trabalho intelectual como uma ferramenta de libertação. Para a definição de intelectual hooks ampara-se nas ideias do filósofo e crítico literário britânico Terry Eagleton, para quem:

Um intelectual não é simplesmente alguém que permuta ideias. Tenho muitos colegas que trocam ideias que eu ficaria extremamente relutante em chamar de intelectuais. Um intelectual é alguém que permuta ideias transgredindo fronteiras discursivas, porque vê a necessidade de fazer isso. Em segundo lugar, um intelectual é alguém que troca ideias em sua importância vital para uma cultura política mais ampla. (EAGLETON, 1989, tradução nossa)

Sobre sua própria experiência com o trabalho intelectual, hooks (1995, p. 466) declarou:

No meu caso, voltei-me para o trabalho intelectual na busca desesperada de uma posição oposicional que me ajudasse a sobreviver a uma infância dolorosa [...] Na adolescência passei por um processo de conversão que me impeliu para a vida intelectual. Constantemente perseguida e castigada na família as tentativas de entender meu destino me empurraram para o pensamento analítico crítico. Manter-me à distância de minha experiência de infância, vê-la com um distanciado desligamento foi para mim uma estratégia de sobrevivência. Para usar o termo psicanalítico de Alice Miller tornei-me minha própria testemunha esclarecida capaz de analisar as forças que atuavam sobre mim e através dessa compreensão manter um senso separado de mim mesma. Ferida as vezes perseguida e vítima de abusos encontrei na vida intelectual um refúgio um abrigo onde podia experimentar uma sensação de atuar sobre as coisas e com isso construir minha identidade subjetiva. Esse reconhecimento vivido de como a mente pelo pensamento crítico podia ser usada a serviço da sobrevivência como podia ser uma força curativa em minha luta para combater o desespero da infância me permitiu tornar-me um eu autônomo na família disfuncional e levou-me a valorizar o trabalho intelectual. Valorizava-o não por ter-me trazido status ou reconhecimento mas porque oferecia recursos para intensificar a sobrevivência e meu prazer de viver. Sem jamais pensar no trabalho intelectual como de algum modo divorciado da política do cotidiano optei conscientemente por tornar-me uma intelectual, pois era esse trabalho que me permitia entender minha realidade e o mundo em volta encarar e compreender o concreto. (hooks, 1995, p. 465-466)

Ainda que o estudo de hooks centre-se no feminismo negro, a autora entende que o “trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação fundamental para os

esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passaram de um objeto a sujeito que descolonizaram e libertaram suas mentes” (hooks, 1995, p. 466). Neste sentido, as mulheres historicamente oprimidas também encontram no trabalho intelectual uma forma de emancipação, a medida que este permite a elaboração de si próprio e de outrem, e é capaz de produzir as condições para que os indivíduos explorados possam romper a condição de objeto para ocupar a de sujeitos.

Nesta perspectiva, hooks nos apresenta apontamentos que dialogam com a trajetória de Yêda Schmaltz, para quem a atividade intelectual parece ter sido uma ferramenta política e emancipatória de superação de perdas, do sexismo, superação da opressões e do espaço privado a que as mulheres são constantemente impelidas, como já apresentamos em excertos de falas e entrevistas da escritora. Em entrevista ao ser indagada “Por que escreve?” registrou:

Porque não me entendo sem escrever. Há anos, ocorreu um fenômeno comigo. Tomei um remédio que me impedia de escrever. Enquanto tomava este remédio e não escrevia, não me senti pessoa, como se eu não fosse eu. Me senti uma coisa. Foi uma experiência horrível em minha vida. Sou incapaz de ser não escrevendo (SCHMALTZ, 2009 p. 518)

Na mesma entrevista, à pergunta “Existe o prazer de escrever?” respondeu:

Existe. É um prazer muito grande que é capaz de suprimir faltas, como, por exemplo, a de um marido, que não tenho atualmente. Existe o prazer lúdico de acabar de escrever um poema que me leva a lê-lo várias vezes pelo mero prazer da releitura. (SCHMALTZ, 2009, p. 518)

Na mesma perspectiva, Coelho (1991, p.97) comenta a respeito da consciência crítica das mulheres sobre si através da literatura, ocorrida sobretudo a partir do decorrer dos anos 1970 e 1980, advindas das mudanças políticas e estruturais ocorridas neste período, citando Schmaltz neste contexto, registrou:

É no decorrer dos anos 70/80, que se aprofunda a consciência crítica da mulher em relação a si mesma e a tarefa que lhe caberia desempenhar não só no âmbito da criação literária, mas também no da sociedade em-mudança. Dá-se uma espécie de explosão da fala feminina, é como se não houvesse nenhum limite, nenhuma fronteira a ser respeitada. Em busca de uma nova identidade, é como se as mulheres tivessem a audácia de não quererem mais se sujeitar à antiga imagem e por não conseguirem encontrar a nova, assumem ao mesmo tempo uma paradoxal multiplicidade de identidade conflituantes... Dilduem-se as fronteiras entre poesia e ficção. Ou melhor, a ficção, uma vez perdida a lógica ordenadora das coisas e seres, vê-se obrigada a trabalhar com a intuição e, tentar organizar, em discurso, a fragmentação do mundo que lhe cabe expressar. Daí que poetas passem também a escrever ficção. Como é o caso de: Hilda Hilst, [...] Heloísa Maranhão, [...] Adélia Prado, [...] Yêda Schmaltz. [...] Todas elas, escritoras da mais alta temperatura criadora, cujas obras resultam "exemplares" como expressão do feminino-em-evolução ao nível da arte-e-da-vida.

Nesta perspectiva, o trabalho intelectual é um catalizador da transformação da consciência e vida de si e a dos outros, como ferramenta de mudança social e política, contribuindo para o processo de superação das desigualdades de gênero e na busca por novas identidades femininas, sendo norteador na vida da escritora, como podemos perceber através de suas falas em diálogo com os estudos de hooks (1995) e Coelho (1991). Estas são apenas algumas das possibilidades de experiências vivenciadas pela escritora e comentada por nós neste espaço.

1.3 Formação escolar católica no interior de Goiás

...os meninos faziam peças em madeira, e as meninas bordavam.
(Maria de Lourdes Barbalho Marques)³

A formação escolar correspondente a educação básica de Schmaltz ocorreu no interior de Goiás, nas cidades de Ipameri e Inhumas. Iniciou seus estudos no ensino primário, na cidade de Ipameri, no ano de 1941, concluindo-o no ano de 1951, no Educandário Nossa Senhora Aparecida, instituição de caráter confessional, dirigido pela Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado, em entremeio a este período teria estudado ainda na cidade do Rio de Janeiro, por ocasião de uma das transferências de trabalho de seu pai.

Sobre o Educandário Nossa Senhora Aparecida, verificamos que o estabelecimento foi fundado no ano de 1936, no contexto da Era Vargas (1930 - 1945) e da expansão do ensino católico. Segundo estudos de Peixoto (2013, p. 55), destinava-se à educação dos filhos da elite ipamerina, com a dupla finalidade de instruir e evangelizar: “marcada pela preocupação com a instrução cívica da educação formal e o projeto de evangelização e expansão da fé cristã católica”.

Conforme verificamos nos estudos de Peixoto (2013), a evangelização cristã católica ocorria através das rotinas e rituais litúrgicos que incluíam orações diárias antes do início de cada aula com “pedidos de graças pelo novo dia” (PEIXOTO, 2013, p. 160), participação em procissões, missas dominicais e através das aulas ministradas pelo corpo docente majoritariamente composto por freiras, contando apenas com um homem, o Reverendo Padre José Bellotti, segundo Relatório de Inspeção do ano de 1947. Já a instrução cívica, sob a ótica do nacionalismo de Vargas, ficava a cargo da organização do espaço e dos conteúdos e

³ Trecho de depoimento de Maria de Lourdes Barbalho cedido para o estudo de Peixoto (2013), aluna do Educandário Nossa Senhora Aparecida, na década de 1950, mesma época em que Schmaltz estudou na instituição. A íntegra do depoimento consta no referido estudo.

moldes como as disciplinas eram conduzidas, e de práticas como cantar semanalmente o hino nacional e o da bandeira e no ensino de geografia e história com foco em símbolos nacionais.

A instituição contava também com atividades culturais como apresentações musicais, teatrais, de banda e ensino de instrumentos, ligadas às políticas públicas varguistas implementadas por Heitor Villa-Lobos, cujo objetivo era, por meio da educação artística implementar uma identidade moral, nacionalista e ordeira, aos moldes do contexto histórico do período, realizando, através das artes, uma propaganda do governo. Por razões diversas, entre elas a profusão de outras instituições de ensino na região, a instituição encerrou suas atividades no final da década de 1960.

O ensino contava ainda com disciplinas de francês, educação física, religião, canto orfeônico, e trabalhos manuais, nos quais as crianças do gênero masculino aprendiam a produzir peças em madeira e as crianças do gênero feminino aprendiam a bordar. Ministradas à parte, havia ainda aulas de piano e de pintura. O relato de uma ex-aluna da instituição durante a década de 1950, mesmo período em que Schmaltz estudou no local nos traz:

A rotina da Escola tinha o seu início, quando todos os alunos, apresentavam suas Carteiras Escolares, para serem carimbadas as presenças, junto ao portão do Estabelecimento. Logo após o sinal do sino, eram formadas as filas, conforme as séries, e em sequência das mesmas. Entravam primeiro, os alunos de menor idade. Avisos eram dados pela Irmã responsável pela disciplina. Irmã Alaíde, temida por todos pelo rigor, controlava até pelo olhar a disciplina. Em seguida, tínhamos acesso ao corredor, onde adentrávamos para as salas de aulas. Irmã Benedita, substituiu-a quando ela foi transferida. O modo severo de controle perdurou da mesma forma [...] As disciplinas eram as mesmas que hoje ainda perduram, mas adicionadas a um currículo bem maior, pois tínhamos aulas de Francês, Latim. Trabalhos Manuais, Educação Física, Religião e Côro Orfeônico. Nos trabalhos manuais, os meninos faziam peças em madeira, e as meninas bordavam. Além disto, o Colégio dispunha de professores para aulas especiais, que no caso eram pagas em separado da mensalidade, disponibilizando aos alunos a aprendizagem do Piano e da Pintura. As aulas de piano eram dadas pela Irmã Maria Angélica, e de pintura pela Irmã Maria, em horários extracurriculares.. (PEIXOTO, 2013, p.227)

O ensino diferenciado para homens e mulheres denota o papel social de gênero imposto e esperado a homens e mulheres na sociedade brasileira da década de 1950. Observa-se também creditada à escola o objetivo de construção de uma identidade nacional, ordeira, com imposições de comportamentos diferenciados para homens e mulheres. O tipo de educação direcionada para o gênero feminino divergem-se da educação direcionada para os homens: bordar *versus* confeccionar peças de madeira, apontando para uma educação para o âmbito e as lides doméstico para as mulheres, enquanto aos homens, através destas práticas, instruem-se para uma educação voltada para as ciências e engenharias. Como o depoimento

nos mostra, esta foi uma realidade na educação brasileira, trata com naturalidade. Os avanços nesse sentido, foram sentidos no Brasil em sua maioria a partir de 1960 e 1970, quando uma série de acontecimentos regionais e internacionais abriram caminhos na busca pela igualdade de gêneros.

Segundo Sarti (2004), o feminismo brasileiro registra significativas experiências anteriores a 1960 e 1970, com destaque para a mobilização feminina em torno do sufrágio nas primeiras décadas do século XX, no entanto, uma série de movimentações históricas ocorridas no período de 1960 a 1970 elevam estas datas como marcante nas lutas emancipatórias femininas, entre elas destacam-se: o ano Internacional da Mulher na ONU, ocorrido 1977, o processo de modernização pelo qual o país vinha passando, a luta feminina contra a ditadura que se instaurou a partir de 1964, entre outras.

Posteriormente, em sequência aos estudos, Schmaltz cursou o ensino secundário no Ginásio de Inhumas, concluindo-o no ano de 1957. Embora Inhumas integre a região metropolitana de Goiânia desde 2019, na década de 1950 o cenário era bem diferente, sua população era de aproximadamente 17.700 habitantes, (IBGE, 1951) e, por não integrar a região metropolitana da capital, sua baixa população, entre outros motivos, figurava, como uma cidade interiorana.

Vale mencionar que Yêda Schmaltz e sua família estabeleceram relações com o município de Inhumas, onde participou, como comissão do júri, em diversas edições de eventos e festivais no município, como o “Grandes Revelações da Mocidade Inhumense” (GREMI). Constam ainda em alguns registros⁴ que Schmaltz teria recebido o título de cidadã inhumense, entretanto, em nossa consulta junto à Secretaria da Câmara Municipal de Inhumas, nos foi informado que não há o nome da educadora como agraciada com a concessão de Título de Cidadania Inhumense. Quanto à concessão dos títulos de cidadania honorária da poeta, em nossa pesquisa, identificamos a outorga dos títulos de cidadã goianiense e cidadã goiana concedidos pela Câmara Municipal de Goiânia, em 1988 e pela Assembleia Legislativa do Estado de Goiás (Alego), em 1999.

Ademais, ainda sobre a relação com a cidade de Inhumas, verificamos que o museu da cidade recebeu o nome de Casa de Cultura e Museu Major Wilfrido Schmaltz, cujo objetivo, é de guarda e preservação de objetos relacionados à história do município. (INHUMAS, 2015).

Mais tarde, em continuação aos estudos, novamente em Ipameri, Schmaltz cursou o curso Técnico em Contabilidade na Escola Técnica de Comércio de Ipameri, também no

⁴ As fontes que registram que Yêda Schmaltz teria recebido a concessão do título de cidadã inhumense são: AFLAG (c2022) e Schmaltz (2002).

interior do estado de Goiás, concluindo-o no ano de 1960. Apesar de ter cursado o curso Técnico em Contabilidade, em entrevista à Noletto (1970), Yêda confessa sua “aversão por matemática” (NOLETO, 1970, p. 36). Também não localizamos maiores informações sobre esta instituição de ensino, acreditamos que Schmaltz, mesmo com “aversão à matemática”, tenha cursado um curso com uma grande carga desta área de conhecimento devido às poucas opções da época, que tornava recorrente a formação profissional desconsiderando-se predisposição vocacional. Em grande maioria, para as mulheres, as opções resumiam-se a tornarem-se normalistas, aptas a lecionarem nas séries iniciais da educação e ao ofício de donas de casa.

Ainda sobre a relação de sua família com a cidade de Ipameri, seu tio Leonardo Cristino Sobrinho, foi vereador, no período de 1959 a 1962. Além disso, seu avô Demóstenes Cristino figura como personalidade da cidade e há no município uma escola com seu nome: Escola Municipal Demóstenes Cristino.

1.4 *Aqui construí a minha casa, com tijolos de poesia: mudança para Goiânia*

No início da década de 1960, Schmaltz mudou-se para a capital do estado de Goiás: Goiânia para cursar Direito na então Universidade de Goiás, mantida pela Sociedade Goiana de Cultura (SGC) e Arquidiocese de Goiânia. No ano de 1971 esta instituição passou a se chamar Universidade Católica de Goiás (UCG) e em 2009 teve estatutos e nomenclaturas alterados para Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO); concluindo o curso no ano de 1966, na mesma turma em que se formaram nomes da literatura e cultura goiana como Miguel Jorge, José Mendonça Teles, Geraldo Coelho Vaz, Luiz Fernando Valladares Borges, Martiniano José da Silva, Alaor Barbosa, Edir Guerra Malagoni e outros⁵. Do interesse conjunto sobre a literatura desta turma de bacharéis em Direito de 1966, teve origem, no mesmo ano, a publicação da antologia poética denominada *Poesias e Contos Bacharéis I*, e, dez anos depois, em 1976, *Poesias e contos bacharéis II*.

Além da graduação em Direito, Schmaltz graduou-se, em meados da década de 1970, no curso de Letras Vernáculas, pela também recém-criada, Universidade Federal de Goiás. A escolha por cursar Letras veio a partir de demandas surgidas do ofício de escritora:

A partir do segundo livro, [*Tempo de Semear* (1969)] foi quando cheguei a tomar consciência de tudo isso que havia antes sentido, começando a fazer um trabalho mais elaborado. Daí pra frente, eu só me preparei para a poesia,

⁵ Relação completa dos formandos em Teles (1976, p. 47 – 50).

estudando, lendo, fazendo o curso de Letras, e pude verificar como resultado um processo de crescimento, o que significa que atualmente eu só posso acreditar na poesia artesanal, elaborada, pesquisada. (SCHMALTZ, p.53, 2009b)

Observando a trajetória educativa de Schmaltz, vemos uma formação sólida em algumas das principais instituições educacionais do estado, tanto no que se refere a sua educação básica quanto superior. Fundadas nos anos de 1959 e 1960, respectivamente as universidades Federal e Católica foram as primeiras instituições de ensino superior do estado, em uma época que ainda eram escassas instituições desta natureza em Goiás. É interessante notar que Yêda participou de ambas as instituições tanto compondo o quadro discente como o quadro docente, em específico na UFG compôs ainda o quadro administrativo, nos primórdios da implantação dessas instituições, denotando uma ocupação ampla pelas instituições de educação de Goiás em sua época.

Tendo morado nas cidades de Ipameri, Inhumas e vindo a se estabelecer definitivamente em Goiânia na década de 1960, Schmaltz acabou por dedicar alguns de seus versos para cantara os rios, gentes, flores e costumes do estado que adotou pra si. Estes poemas reunidos resultaram na antologia poética *Urucum e Alfenins* (2002). Em entrevista concedida ao professor baiano Aleilton Fonseca, Schmaltz ao comentar sobre o livro e a concessão do título de cidadã goiana, registrou:

Nasci, por um acaso da vida de meus pais, em Pernambuco, mas passei a vida toda em Goiás. Aqui me firmei como **pessoa** e como **artista**; aqui construí a minha casa, com tijolos de poesia, e aqui tive três filhos goianienses. **Sou goiana**. Sem falsa modéstia, penso que mereço o título. Na verdade, quem avalia são vocês, os cientistas da literatura. Devo dizer que tenho dedicado toda **a minha vida à literatura**, especialmente ao gênero de poesia. Considero este livro [Urucum e Alfenins], mais um livro publicado, o que me **enriquece muito**; entretanto deve-se notar que ele mostra apenas uma faceta **do meu fazer literário (poemas feitos sobre Goiás)** e acho que ele é **mais importante para o meu Estado do que para mim**. Esta antologia possui um **valor muito especial** enquanto recupera poemas escritos em meus primeiros livros que estão absolutamente esgotados, sem previsão de novas edições. (SCHMALTZ, 2005, n.p, grifos nossos)

Utilizamos os grifos acima para ressaltar algumas questões que queremos comentar: A primeira é a relação da escritora com estado de Goiás e a segunda é sua relação com a literatura em si. Estas duas relações perpassam grande parte de sua obra, e perpassam-se também entre si. Podemos perceber na fala de Schmaltz uma preocupação com a constituição da goianidade, tanto sua, quanto da sociedade através da literatura. Ao ser indagada sobre como foi concebida esta antologia poética responde:

Com a ajuda dos computadores, nós, os poetas, podemos minimizar nossa habitual falta de racionalidade. Foi o que sucedeu comigo: diante do monitor, com minha obra em arquivos, passei a agrupá-la por temas como poesia engajada, poesia erótica, etc., e havendo a necessidade de criar uma pasta para poesia goiana, percebi a quantidade de poemas escritos sobre Goiás, ao longo de tantos anos de carreira literária. Assim nasceu este livro — pensei que o conjunto de poemas goianos poderia ser uma contribuição importante para o meu Estado e suas novas gerações, assim como para o país, tanto sob o ponto de vista literário quanto o histórico. (SCHMALTZ, 2005, n.p)

No estudo *Imagens de Goiás na poesia goiana*, de Cruz (2018), publicado na obra *Considerações Sobre a Poesia Goiana* (ORTIZ, 2018), a autora propõe uma possibilidade de leitura dos versos de Schmaltz como “monumento identitário do povo goiano, quer pelas referências que evocam, quer pelas imagens que impõem” (2018, p. 151). Cruz utiliza como *corpus* o poema “Goiás: terra e pedra”, que integra a obra *Caminhos de Mim* (1964), também presente na antologia *Urucum e Alfenins* (2002), ao lado do poema “Goiás”, de Gilberto Mendonça Teles, da obra *Saciologia Goiana* (2004) partindo da premissa de que “é possível investigar as formas de narrar a nacionalidade brasileira também a partir do texto poético, sendo este um monumento artístico para onde convergem as diferenças e descontinuidades internas à nação” (CRUZ, 2018, p. 151), concluindo que “nos dois poemas, percebe-se o empenho dos autores em tornar Goiás, e por extensão o Brasil, conhecido de seus leitores, sendo que o segundo [de Schmaltz], dedica-se mais a esse propósito. Aliás, para o segundo Goiás é o “princípio do futuro”, o que significa que ele ainda não é o estado que os seus habitantes merecem e almejam” (CRUZ, 2018, p. 159).

O estudo de Cruz, refere-se ao contexto de publicação destes dois poemas (1964 e 1970), ocorrido durante as primeiras décadas após a fundação da nova capital de Goiás, Goiânia, acontecimento atrelado ainda a outros fatos históricos antecedentes, concomitantes e precedentes a fundação da nova capital, tais como a Revolução de 1930, Marcha para o Oeste, construção de Brasília. Cruz em seu estudo acentua:

A partir do Batismo Cultural de Goiânia e da publicação da *Revista Oeste* em 1942, e, mais tarde, da fundação do grupo O Quinze e do GEN, forma-se em Goiás uma intelectualidade artística mais consciente, ainda que restrita a alguns poucos nomes, segundo Jamesson Buarque (2015). Esses passaram a integrar a Literatura Brasileira, sendo reconhecidos por intelectuais de prestígio no país. Dentre os temas que cultivam, encontram-se o apreço à cidade natal, a metapoética, a efermeridade da vida, a certeza indubitável da morte, a nostalgia da infância e a apresentação da terra natal com seus ritos e costumes, além da fauna e da flora típica da região central do Brasil. (CRUZ, 2018, p. 151)

Neste sentido, o estudo de Cruz (2018) demonstra que Schmaltz integra-se a esta intelectualidade artística consciente, que participa da organização do espaço nacional por

meio da produção poética, integrando-se a uma tradição da literatura e dos escritores brasileiros do compromisso intelectual com a nação. No entanto, este é apenas um traço da poesia yediana, sobretudo no que diz respeito ao início de sua carreira literária, ligada à sua vinda para a capital goiana, ocorrida no início da década de 1960, que coincide com as primeiras décadas da cidade e, conseqüentemente, da constituição de seu campo cultural e intelectual.

Posteriormente, a poesia yediana expande-se em densidade e em discursividade, os temas do erotismo, da reconstrução do mito e da nova identidade da mulher ganham em forma em sua poética. Schmaltz tem consciência dessas mudanças em sua poética, em entrevista ao escritor Brasigois Felício, em 1984, respondeu à seguinte questão “Em termos formais de linguagem, como você vê o processo literário em sua obra, incluindo poesia, ensaio e prosa?”:

Quanto à poesia, houve um normal processo gradativo talvez não de “evolução”, mas de soma de experiências, processo de mudança. Durante certo período em que me julgava “evoluída”, andei realizando um exagerado trabalho formal muito a gosto dos críticos da época: era uma beleza para ganhar prêmios. Mais amadurecida, percebi que deveria voltar a minhas origens e procurei, como procuro ainda, formas mais simples e comunicativas. Somente depois de muita poesia é que me aventurei na prosa, em 1975, exatamente, talvez influenciada pelo curso de Letras que fazia. (SCHMALTZ, 1984b, p. 16)

A resposta da escritora denota ainda uma consciência sobre seu fazer literário, e a constante busca por aprimoramento de sua obra, quanto ao compromisso com o ofício, no intuito de aprimorar o seu fazer poético, fato também constatado em outros momentos desta pesquisa.

1.5 *Sacrifício-me por eles: matrimônio e maternidade*

Partindo para a vida familiar de Yêda Schmaltz e informações relativas ao matrimônio e a maternidade, verificamos que a escritora casou-se duas vezes, a primeira com Luiz Gonzaga e Silva, também servidor da UFG, com quem teve Luiz Cristino e Simone Cristina. O segundo casamento foi com o artista plástico Malaquias Ferreira Belo, com quem teve uma filha, Melanie Belo (BITTENCOURT, 2009).

Sobre a maternidade, Schmaltz (2009a, p. 523) disse em entrevista: “Sou muito mãe desses meus três filhos, Luiz Cristino, Simone e Melanie. Coloco-os em um lugar prioritário em minha vida. Sacrifício-me por eles.”. Algumas de suas obras são, inclusive, dedicadas a elas e a ele, como por exemplo, *Baco e Anas Brasileiras* (1985), *Procedimentos da Arte* (1983) *Tempo de Semear* (1969), *Miserere* (1980), *Secreta ária* (1973), dentre outras.

Com relação ao matrimônio e acontecimentos marcantes da vida, em mesma entrevista declarou:

Passei por momentos muito fortes em minha vida. Não sei se foram duas separações. Tive dois maridos. Casei-me a primeira vez com um marido com quem tive os dois primeiros filhos. Depois, não foi um casamento, foi uma união, quando tive a minha menor. Acho que passar por uma separação é uma coisa muito dolorosa, profundamente marcante. Imagina passar por duas. Foi o que me lembrei de imediato. Mas, posso afiançar a você que passei por outras dores, talvez tão grandes, não sei se maiores. (SCHMALTZ, 2009a, p. 515)

Ainda que tenha vicenciado o matrimônio e a maternidade, Yêda não se resumiu a estes, e teve condições de acesso ao estudo e ao trabalho, o que lhe permitiu se tornar figura relevante para a arte e cultura do estado. No entanto, teve que conciliar carreira, casamento, maternidade e demais afazeres. Sobre a relação entre a maternidade, família e carreira, na mesma entrevista ao ser perguntada como o cotidiano, trabalho, a família, os filhos, influenciam a sua literatura, respondeu:

Influenciam muito, porque tenho experiência como **professora; dona de casa, doméstica, mulher que vai ao supermercado, ao banco, a mãe, o pai**, tudo isso entra na minha literatura, nos meus poemas, principalmente os mais contemporâneos em que **exercito muito a figura feminina na poesia** (SCHMALTZ, 2009a, p. 521, grifos nossos)

A partir desta fala, percebemos reflexões da escritora sobre o fato de ser mulher e como este fato está intimamente ligado aos afazeres domésticos e o cuidado com os filhos, o que leva à dupla jornada de trabalho a que as mulheres estão constantemente submetidas. Mesmo com seus empregos formais, os serviços domésticos são, em grande maioria, responsabilidade das mulheres. Grifamos partes do texto para demonstrar esses múltiplos espaços que as mulheres têm que, cotidianamente, ocupar, em especial as mulheres que são mães, como é o caso da escritora.

Outro ponto que podemos perceber a partir do excerto acima é que Yêda se opõe às categorias dicotômicas de “ou isto ou aquilo”. Isto é denotado tanto por suas falas, como esta acima, quanto pelo fato de ter exercido múltiplas funções.

1.6 Era uma lição de otimismo em relação ao ato de viver⁶: os reconhecimentos

Yêda Schmaltz faleceu em 10 de maio de 2003, aos 61 anos, na cidade de São Paulo - SP, no Hospital da Beneficência Portuguesa, por razões relacionadas ao tratamento de um

6 Frase de Ático Frota Vilas-Boas da Mota (1928 – 2016), que foi professor, pesquisador, historiador, escritor e folclorista. Baiano, do interior da Bahia, radicado em Goiás, é considerado um dos fundadores da Universidade Federal de Goiás, e chegou, inclusive, a ser perseguido durante o golpe militar do Brasil, em 1964 e preso, por cerca de um mês, acusado de subversão (CHAVES, 2011).

aneurisma cerebral. Seu corpo foi cremado na capital paulista e as cinzas foram depositadas no jazigo da família, na cidade de Ipameri.

Por ocasião de seu falecimento, o jornal *O popular* publicou no *Caderno Cidades* matéria com depoimentos de amigos e intelectuais goianos. O depoimento do professor universitário Ático Vilas-Boas da Mota anotou:

Ela era uma **personalidade excepcional**, por vários motivos. Em primeiro lugar, porque era uma **lição de otimismo em relação ao ato de viver** e, em segundo lugar, porque tinha na literatura a oportunidade de **proclamar este apetite de viver**, fazendo da poesia sua segunda natureza. Seu passamento cria um vazio no processo literário goiano e nos remanescentes do Grupo de Escritores Novos (GEN). (MONTEIRO, 2003, p.3, grifos nossos)

Depoimento do escritor José Mendonça Teles:

Yêda Schmaltz representa um nome muito expressivo na literatura goiana, pois viveu intensamente a poesia. Assim, como eu, Yêda faz parte de um grupo de escritores que nasceu e cresceu no meio acadêmico e sua perda precoce nos deixa com o coração sangrando. Além de **talentosa**, ela sempre se destacou por ser uma **pessoa solidária, companheira** de todas as horas. (MONTEIRO, 2003, p.3, grifos nossos)

O então deputado federal Luiz Bittencourt (PMDB-GO), proferiu, em sessão em maio de 2003, na câmara dos deputados, discurso sobre sua obra, trajetória, premiações e contribuições como um todo para as artes, cultura, educação e literatura do estado:

Lamento ter de registrar nos Anais da Câmara dos Federal a morte dessa minha conterrânea, que foi, indiscutivelmente, uma figura da maior saliência no universo cultural e na comunidade acadêmica de Goiás. Consigno aqui o meu pesar pelo seu desaparecimento e quero dizer que Yêda Schmaltz ficará na história literária de Goiás como uma das altíssimas vozes femininas da poesia lírica do Brasil. Yêda Schmaltz foi, sem dúvida, **uma mulher de forte personalidade** que muito bem exerceu, à moda de Gabriela Mistral, o seu ministério magisterial no exercício da cátedra universitária e na arte de expressar uma poesia de puríssima linguagem lírica, sentimental e de respeito às tradições culturais do meu berço natal. Era o que tinha a dizer.(BRASIL, 2003a, p. 4176, grifos nossos)

A Câmara Municipal de Ipameri também prestou considerações póstumas em sessão ordinária em maio de 2003, com a leitura do poema *Canto II*, da obra de *Tempo de Semear* (1969).

O então senador da república, pelo PFL-GO, Demóstenes Torres também proferiu discurso durante sessão deliberativa ordinária, no senado federal, em pesar ao falecimento da escritora:

Dava gosto ver a alegria de Yêda ao falar de seus projetos. Aliás, ela sempre tinha projetos e mais projetos, todos com a cultura à frente. Para ela mesma, nada. Em seu proveito pessoal, nada. Lucrava apenas com o embevecimento dos leitores ou com a cara feia dos vetustos, que até hoje não compreendem

como alguém pode se dedicar com tanto afincamento a algo tão sublime quanto a poesia. A essa gente Yêda incomodava. E o que ela dizia desse tipo de incomodado? Dizia **doces e deliciosos versos**, semeados em diversos veículos de comunicação, desde o boletim artesanal distribuído de mão em mão, até os modernos recursos da Internet. (BRASIL, 2003b, p. 11347, grifos nossos)

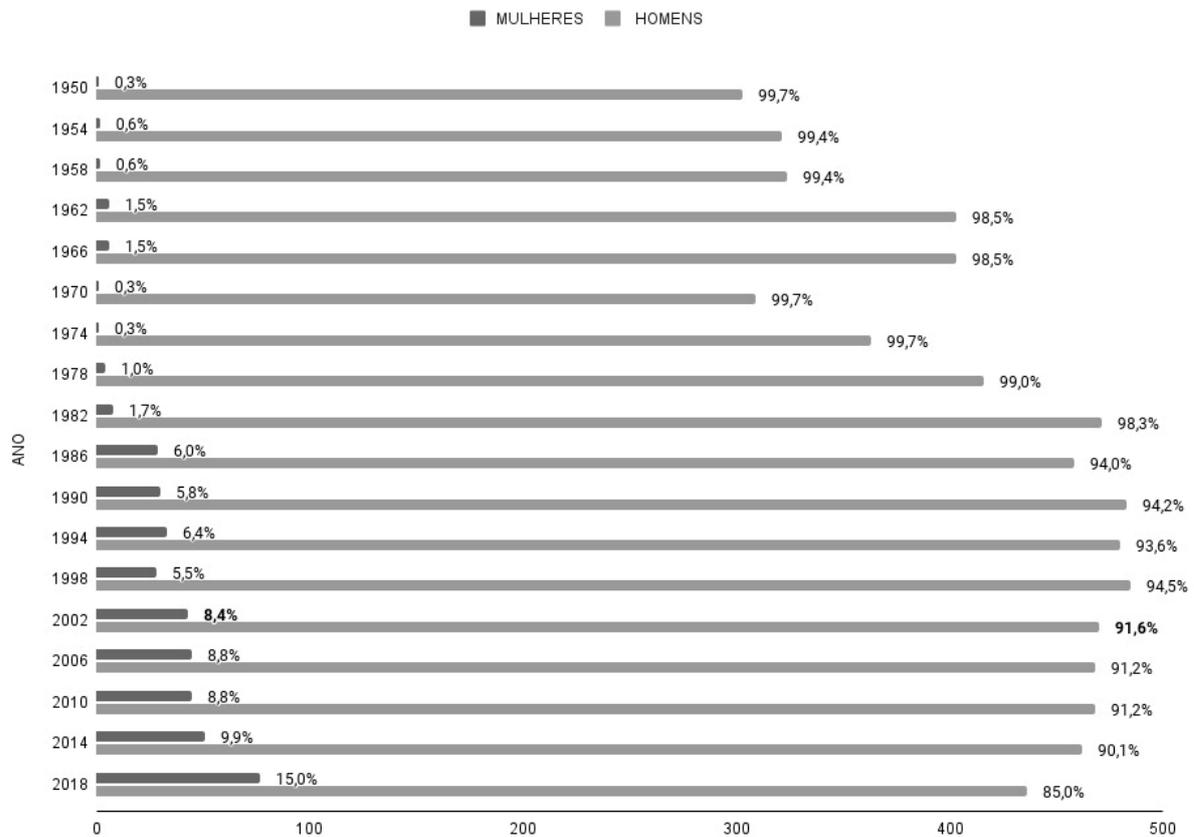
Em maio de 2014, a União Brasileira de Escritores (UBE), seção Goiás, em parceria com a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás promoveram evento para lembrar os cinquenta anos do lançamento de *Caminhos de Mim* (1964) (CURADO, 2014). Ademais, o auditório da instituição leva o nome da escritora em homenagem póstuma.

As considerações e distinções prestadas dão conta das contribuições que Yêda Schmaltz prestou à cultura goiana, reconhecendo nela, uma mulher resistente, o que podemos notar através de sua escrita, de sua trajetória. Contudo, a seguir, gostaríamos de comentar um pouco mais sobre estes depoimentos e discursos sobre a escritora.

O primeiro fato que nos chama a atenção é que localizamos um número maior de falas sobre a escritora proferidas por homens do que de falas proferidas por mulheres. Isto nos leva a refletir, mais uma vez, sobre o lugar das mulheres no curso da história. Por que temos mais falas de homens do que de mulheres sobre ela? Provavelmente porque muitos dos lugares políticos em seu tempo eram em seu tempo majoritariamente ocupados por homens e ainda o são em grande medida.

No que diz respeito especificamente sobre as casas legislativas do Senado e da Câmara, os discursos de despedida à escritora foram proferidos por homens. Notamos a discrepância abissal entre o índice de porcentagem entre mulheres e homens em relação ao índice da população feminina no país nestas instituições. Sem nos desviarmos muito de nosso objeto de estudo nesta dissertação apresentamos, a seguir, uma tabela com os números da bancada feminina na Câmara, comumente chamada de “casa do povo”. Grifamos ainda o ano de 2002, ocasião do pleito em vigor no ano de falecimento da escritora, para fins da contextualização histórica. Neste ano, apenas 8% da ocupação desta casa legislativa se deu por mulheres. Isto contextualiza porque homens fizeram os discursos de despedida da escritora, e não mulheres. Visto que a questão feminina sempre foi um ponto central da obra yediana é importante entender porque não foram mulheres que comentaram a sua morte. Porque a representação feminina no cenário político sempre foi historicamente baixa e ainda o é.

Figura 1
PARTICIPAÇÃO FEMININA NA CÂMARA DOS DEPUTADOS



Fonte: Agência Câmara (2018) [Adaptado]⁷

Os números acima apresentados são da Câmara dos Deputados, mas no Senado Federal os números são ainda mais baixos. O que observamos com isto, é o fato de que estes números ficam muito aquém da porcentagem que a população feminina brasileira representa. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2019, o número de mulheres no Brasil é superior ao de homens, somos cerca de 51,5% da população brasileira. Observando estes dados e fatos, percebemos que alguns lugares em nossa sociedade ainda seguem, majoritariamente, sendo ocupados por homens, embora muitos tenham sido já os avanços na luta pela igualdade de gênero entre homens e mulheres.

O segundo fato que queremos comentar é a escolha lexical utilizada para caracterizar Yêda Schmalz, tanto pelos parlamentares quanto por seus pares e amigos. Para isto,

⁷ Os dados apresentados correspondem a deputadas/os eleitas/os titulares, não estando contabilizadas as/os deputadas/os suplentes, ainda que tenham tomado posse, e, portanto, não condiz necessariamente com o número de cadeiras ocupadas, visto que este número pode alterar-se devido à licenças, cassação, renúncia, falecimentos e etc.

selecionamos as falas abaixo. Negritamos alguns termos a fim de chamar a atenção para a escolha lexical realizada pelos locutores.

i) **Elegante, delicada, feminina e autoritária** a um só tempo (NOLETO, 1970, p. 35, grifos nossos)

ii) Era **combativa, viva, entusiasmada pela vida**, embora, tantos dissabores, tenha vivido na caminhada humana (CURADO, 2014, n.p, grifos nossos)

iii) **Inquieta**, como geralmente são as pessoas **criativas**, Yêda tinha o **desassossego** por marca. Só se contentava quando passava seu conhecimento, espalhando saber (BRASIL, 2003b, p. 11347, grifos nossos)

iv) E Yêda cresceu e **não tremeu**, apanhou palavras no calidoscópico da **dor** e do **amor** e saiu por aí reinventando mundos e raimundos, rimando rima com esgrima...” (TELES, 2002, orelha do livro, grifos nossos)

v) Outra característica notável é a presença da dicção e da **sensibilidade feminina** no trato com o assunto, na maneira como o sujeito do enunciado se coloca diante das situações, **revelando sua visão de mundo** (FONSECA, 2002, p. 10, grifos nossos)

Na escolha lexical desses locutores, percebemos o uso constante de palavras ligadas a extremos e dualidades: como a “delicada” e a “autoritária”, ou ainda “dor” e “amor”, termos que estigmatizam as mulheres.

Conforme observa Bourdieu (2019), a estrutura dualista corrobora para a dominação masculina, à medida que cria hierarquias: macho/fêmea, alto/baixo, duro/mole, reto/curvo. Neste mesmo sentido, segundo Grosz (2000), a oposição macho/fêmea é intimamente aliada à oposição mente/corpo, onde a mente é tornada equivalente ao masculino, e o corpo ao feminino, o que, por conseguinte, exclui as mulheres de serem sujeitos do conhecimento. Norma Telles (2017) apresenta reflexão de como as mudanças estruturais ocorridas na sociedade nos últimos séculos levaram a acentuação desta visão dualista:

Na nova configuração que definiu o indivíduo como o entendemos hoje, foi redefinido também o papel da mulher, dos nativos do mundo não-europeu e de outras culturas. A mulher passou a ser a ajudante do homem, a educadora dos filhos, **um ser de virtude, o anjo do lar. Ou o oposto, as mulheres fatais e as decaídas**. Sem dúvida, tanto **anjo/perversa** quanto **“bom selvagem”/selvagem traiçoeiro** eram tipos ideais sem correspondência no vivido. A cultura burguesa se fundava em binarismos e oposições tais como natureza/cultura, pai/mãe, homem/mulher, superior/inferior, que relacionam em última instância a mulher com o outro, a terra, a natureza, o inferior a ser dominado ou guiado pela razão superior e cultura masculina. O discurso sobre a “natureza feminina”, que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como força do bem, mas, quando “usurpadora” de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como potência do mal. (TELLES, 2017, p. 402, grifos nossos)

A própria escritora também discute essas dicotomias e dualidades, e o fato ser uma mulher em uma sociedade de raízes patriarcais. Na quarta capa da seleção de poemas *Urucum e Alfenins* (2002), ao explicar sobre o significado do título do livro da obra escreveu:

Em goianês Urucum (força) é uma árvore do cerrado que dá uma flor cor-de-rosa muito linda e uns bagos espinhosos; abrem-se esses bagos e retira-se de lá uma sementinha de cor laranja-avermelhada, bem forte; amassa-se e o resultado é a tinta de urucum, aquela mesma com a qual os índios Carajás pintam o rosto e o corpo em sinal de guerra. A substância do urucum também é comestível, serve de corante para as comidas. / Alfenim (fineza), pra mim, é a essência da delicadeza. Observa-se um prato de biscoíus* delicados em forma de flores, bichinhos, principalmente pombos etc, todos em cor branco-leitosa: não são biscoíus, são os alfenins, pequenos doces esculpido à mão pelas doceiras da cidade de Vila Boa de Goiás. Vermelho e branco, guerra e paz, dicotomias, dubiedade, oposição, enfim é o que mostra o livro: poemas bravos e poemas delicados; um Goiás lindo e telúrico e um Goiás também árido a ser desbravado. Vivendo aqui, **sendo mulher** e poetando, eu **sempre me senti muito alfenim para tanto urucum...**” (SCHMALTZ, 2002, n.p, grifos nossos)

O que observamos é que Schmaltz não se sujeitava aos lugares subalternizados e aos estereótipos de gênero socialmente estabelecidos, causando impacto em uma sociedade, o que percebemos dada as escolhas lexicais dos locutores ao defini-la. Esta postura de ocupação dos espaços políticos e físicos causou um estranhamento à sociedade. A despeito deste estranhamento, Yêda Schmaltz ocupou estes espaços, e tomando emprestadas as palavras que os locutores acima utilizaram, o fez de forma delicada, autoritária, combativa, viva, entusiasmada pela vida, inquieta, criativa, não tremeu, com dor, amor e sensibilidade feminina, revelando sua visão de mundo, sendo muito alfenim para tanto urucum.

CAPÍTULO II

HISTÉRICA NÃO, HISTÓRICA!

*A mim pouco me importa
aberta ou fechada a porta,
vou entrar.*
(Yêda Schmaltz)

2.1 De quantas chuvas se faz uma flor: a escritora

Apresentados os lugares privados e os reconhecimentos no capítulo anterior, nesta unidade destacaremos os espaços públicos ocupados por Yêda Schmaltz, evidenciando sua capacidade de multiplicidade no campo da literatura, do magistério, das artes plásticas, da imprensa, curadorias, comissões, júris e outros espaços. O título escolhido nos auxilia na proposta de investigar e subverter estruturas patriarcais, como igualmente fez Schmaltz em sua trajetória. Aqui buscamos responder como se deu a ocupação de Schmaltz nestas instituições pelas quais transitou. Quais foram seus enfrentamentos com relação às estruturas patriarcais? Quais eram as condições sociais de produção e circulação de suas obras? Quais enfrentamentos esta educadora teve em sua vida profissional? Através das fontes encontradas na pesquisa, buscamos responder algumas destas questões.

Um dos lugares mais habitualmente conhecidos e relacionados à Yêda Schmaltz é o lugar de escritora. Schmaltz propôs, a partir de sua literatura, dentre as tantas possibilidades de identidades femininas existentes, a dar voz a uma destas, buscando a emancipação feminina. Sua lírica de maior destaque é, sobretudo, a de temática mitológica e erótica. A escritora tinha grande interesse por mitologia, em especial grega antiga.

Outras leituras de interesse da escritora que também perpassam parte de sua obra são: filosofia, psicanálise, teoria da arte e cânones da literatura nacional e estrangeira, entre essas influências destaca-se nomes como: Friedrich Nietzsche e Carl Gustav Jung, que integram epígrafes e perpassam a obra como influências temática e estruturais. A exemplo, *Alquimia dos nós* é estruturado a partir de elementos na psicanálise junguiana, Já *Baco e Anas Brasileiras* organiza-se muito amparados em referências à filosofia nietzschiana. Em relato de entrevista concedida a Noletto (1970) para o *Boletim Informática do Curso de Jornalismo da UFG 1970*, quando trabalhava como secretária do Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), ao ser questionada sobre quais poetas gostava de ler, respondeu que, em âmbito estrangeiro lia Verlaine, Eliot e Whitman, já nacional disse que preferia ler Vinicius, Manuel

Bandeira, Cecília Meireles, Drummond e Cassiano Ricardo. A respeito de escritores goianos lia, entre outros, José Godoy Garcia, Edir Guerra Malagoni e Luíz Araújo.

Para comentarmos um pouco mais sobre a sua atuação como escritora, listaremos suas obras publicadas de forma diacrônica, entretanto, o intuito aqui não é o de realizar uma catalogação, contudo, entendemos que a ordem cronológica se faz necessária para a incursão temporal que implica em aspectos de amadurecimentos, transições, alterações na temática, entre outros. Além disso, esta incursão temporal nos permitem notar as relações pessoais, os locais frequentados e o contexto histórico do ano de publicação de cada uma de suas obras, de modo a compor parte da cena cultural goiana a época de cada uma das publicações da autora.

Sua primeira publicação, aos 22 anos, é *Caminhos de mim*, lançada em 1964. Conta com 58 poemas, divididos em três partes: “de vento”, “de cor” e de “de pedra”. Esta obra é de forte influência do Grupo de Escritores Novos (GEN), que tratamos mais adiante, inclusive, a parte da obra intitulada “de pedra” é dedicada aos escritores do grupo. Lançada pela Escola Técnica Federal de Goiás (ETG), a capa é ilustrada com um quadro de T. F. Araújo, adaptado por José Edgard de Oliveira e fotogravura de Ulisses Pereira Dias. Na estreia recebeu a atenção de nomes já estabelecidos dentro da crítica literária, como Gilberto Mendonça Teles. Em entrevista, Schmaltz apontou:

Na época, eu era menina ainda, e significou demais. Começava a primavera para mim. Não sei se na época poderia aquilatar a dimensão de publicar um livro. Estava imbuída de estar iniciando uma carreira literária que levei muito a sério, como profissional. Foi um passo fundamental em minha vida. O livro *Caminhos de mim*, 1964. Livro **de poemas esparsos**, que contém, em seu bojo, o poema *Goiânia*, convite e roteiro, considerado antológico pela crítica. Gilberto Mendonça Teles o considerou, na época, a maior expressão da poesia feminina feita em Goiás. A crítica me deu muito incentivo. (SCHMALTZ, 2009a, p. 513, grifos nossos)

Ainda que Yêda tenha classificado que a obra contém poemas esparsos, tal afirmativa requer ponderação, visto que trata-se de uma obra com estrutura bastante premeditada, com um enredo guiando a organização e um ordenamento das composições. Outro traço que demonstra consciência crítica e autocrítica da autora é o fato de que esta obra, que vem a ser a primeira de Yêda Schmaltz e a terceira de autoria feminina em Goiás, inaugurando uma voz lírica assinaladamente feminina nas Letras goianas, lançando mão de um eu-lírico que se distingue pela consciência feminina, que se reconhece como uma mulher.

Em iniciativa do Instituto Federal de Goiás (IFG) foi lançada a segunda edição de *Caminhos de Mim*, pela Coleção Artífices, juntamente com outras nove obras editadas entre os anos de 1951 e 1969, pela então gráfica da antiga Escola Técnica de Goiânia (ETG), que

atualmente corresponde a essa instituição, totalizando dez obras na coletânea. Segundo Queiroz, coordenadora da Editora IFG, a Coleção Artífices, tem como objetivo:

resgatar a memória editorial de nossa instituição e prestar uma homenagem a escritoras e escritores que fizeram e fazem parte do patrimônio artístico e cultural de nossa terra. Para além desse objetivo, buscamos dar visibilidade aos produtos artísticos como forma de resistir ao processo de desvalorização desses produtos em nossa história recente e afirmar a arte literária como trabalho dos mais importantes para a constituição de nossa humanidade. (DICOM/IFG, 2021, n.p)

A coleção foi lançada em agosto de 2021, de forma remota durante a programação do *II Colóquio de Poesia Goiana e I Seminário da RedePoesia* promovido pela Rede de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia (RedePoesia), que conta com pesquisadores do IFG, UFG, UEG e de outras instituições de ensino goianas. A nova edição tem prefácio assinado pelo escritor Brasigóis Felício e posfácio assinado pelo professor Paulo Antônio Vieira Júnior. A capa conta com ilustração criada a partir de trabalhos de xilogravura produzidos por estudantes do curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Câmpus Aparecida de Goiânia da instituição. Parte da tiragem da coleção se destina à doação a bibliotecas públicas de Goiás e da Rede Federal de Ensino, da qual o IFG faz parte. O livro está ainda disponível para download gratuitamente através do site da Editora IFG, juntamente às demais obras da coleção.

A segunda obra da escritora, lançada no ano de 1969, é *Tempo de Semear*, as ilustrações da capa é de Heleno Godoy com arte final de Laerte Araújo e prefácio da escritora Stella Leonardos, a partir de poema que esta havia enviado à Schmaltz. É organizado em três partes: I) De quantas chuva se faz uma flor; II) Setepétalas do Povo e III) Outros Poemas. A obra obteve o segundo lugar da Bolsa de Publicações “Hugo de Carvalho Ramos” do Departamento Estadual de Cultura do Estado de Goiás (Menção honrosa). Publicada pela editora Cerne, conta com epígrafe do trecho bíblico Mateus 13:1-9.

Por ocasião deste lançamento, encontramos a seguinte divulgação no jornal *Correio Braziliense*: “Dois livros serão lançados neste próximo mês de agosto. Ambos no Bazar Oió, dia 8, de Iêda Schmaltz, *Tempo de Semear* e dia 15, de Manoel Ferreira Lima, *Vozes do Caminho*” (NETTO, 1969, n.p). O exemplar do livro que manuseamos do sistema de bibliotecas da UFG, possui um selo do Bazar Oió em sua contracapa.

Figura 2 – contracapa da obra *Tempo de Semear*



Fonte: Fotocópia realizada pela autora, 2022

O selo do Bazar Oió encontrado na contracapa do exemplar de *Tempo de Semear* (1969), nos dá indícios de que, possivelmente, o livro foi comercializado neste estabelecimento. O trecho de anúncio com informações sobre o lançamento acima apresentado também corrobora nesse sentido. Consultamos o sistema de bibliotecas da UFG para verificar a forma de aquisição do referido exemplar, nos foi informado que consta como doação, no entanto, não há registro do doador.

Sobre esta mesma obra, o jornal carioca *Correio da Manhã*, em edição de setembro de 1969, publicou:

Da colega Ieda Schmaltz, recebemos seu segundo livro de poesias **Tempo de Semear**, publicação do Departamento Estadual de Cultura do Estado de Goiás. Na simpática missiva anexa, diz que "os goianos necessitamos do apoio dos grandes centros culturais do País, uma vez que publicamos os nossos livros, mas poucos conseguem ultrapassar nossas fronteiras. Unindo-nos ao seu apelo, apoiamos suas iniciativas literárias pois é **Tempo de Semear** cultura sem fronteiras. **Tempo de Semear**, 2º lugar da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos e menção honrosa do Instituto Goiano do Livro é da mesma autora de *Caminhos de mim*, lançado em 1964 (PEÇANHA, 1969, p. 4, grifos do autor)

Localizamos outra nota de divulgação da mesma obra, no periódico *O Jornal do Rio de Janeiro*, em setembro do mesmo ano, na coluna “A notícia é mulher”, que figura na mesma página de outra coluna intitulada “O homem é notícia”, traz a seguinte informação:

A escritora Iêda Schmaltz nos manda de Goiânia seu livro de versos, “Tempo de Semear”, prêmio da Bolsa de Publicações “Hugo de Carvalho Ramos”, do Departamento Estadual de Cultura de Goiás, menção honrosa do Instituto Goiano do Livro. Stela Leonardos apresenta o volume da poetisa goiana que insere seu nome entre os mais prestigiosos das letras femininas brasileiras. Merece a atenção dos leitores e da crítica. Aqui fica nosso agradecimento pela remessa do elegante volume apresentado pela Cerne. (KAMILA, 1969, p. 2)

As publicações de artigos em periódicos fora do estado de Goiás demonstram que a escritora divulgava seus livros por conta própria, que ela se empenhava para que sua escrita fosse lida e conhecida. Quando não se tem divulgação pela editora, sobretudo em um tempo que não havia redes sociais, o papel de divulgação, em formato de doação, faz o papel de atrair leitores/as o livro.

O lançamento da terceira obra da poeta *Secreta ária*, ocorreu no ano de 1973, na Livraria Editora Cultura Goiana, em noite de inauguração da mesma. Com a arte da capa do artista plástico Amaury Menezes e ilustrações de Froés, inseriu uma dedicatória aos funcionários públicos, Este livro de poesias venceu o concurso de 1972, da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, foi publicado pela editora Rio Bonito em parceria com a Prefeitura de Goiânia. A orelha é composta por excertos do artigo *A Revolução poética da Geração de 60*, de Nelly Novaes Coelho, publicados na Revista Cultura, em 1971. O parecer da comissão julgadora integra a quarta capa e assim argumentou:

Apresentam-se ao Concurso da Bolsa de Publicações “Hugo de Carvalho Ramos” doze originais, sendo oito de poesia e quatro livros em prosa. Para poesia a Comissão foi unânime em votar para o prêmio de publicação, o livro intitulado “Secreta ária”, que veio assinado com o pseudônimo de Maria Candelária Barnabé. O livro é dedicado aos funcionários públicos e tem como temática a vida do funcionário burocrático padrão. Nesse sentido de mensagem universal o livro foi considerado como uma “obra aberta”. O tema “funcionário público” foi tratado com muita propriedade pelo poeta, num estilo pessoal, com muita sensibilidade, o que denuncia um poeta cômico do seu ofício dentro da poética universal, preocupado com o homem e sua vivência existencial. A Comissão Julgadora achou que *Secreta Ária* é uma contribuição válida à literatura goiana e recomenda a sua publicação. (SCHMALTZ, 1973, quarta capa)

A quarta publicação de Schmaltz ocorre em 1975, com a obra *O peixenauta*, também vencedora do Prêmio Bolsa de Publicação Hugo de Carvalho Ramos no mesmo ano, na categoria poesia. O lançamento ocorreu em novembro do mesmo ano, na residência do escritor Bariani Ortêncio, em Goiânia, junto ao lançamento do livro *Monólogos da Angústia*, de Brasigóis Felício, também vencedor do prêmio no mesmo ano, na categoria prosa. A Comissão emitiu o seguinte parecer:

Foram submetidas a julgamento um total de treze obras literárias (seis em prosa e sete em verso). As treze obras foram submetidas, inicialmente, ao exame individual de cada membro da Comissão, e posteriormente a todos, em reunião. A Comissão houve por bem conceder o 1º lugar no gênero poesia à obra “O Peixenauta”, cuja autor se utiliza do pseudônimo “Eurídice”. Considerações: A poesia hoje tende a seguir a direção da objetividade: ou buscando motivos e temas que se tornem testemunho crítico da realidade social moral e política, ou buscando códigos que a tornem integrável nos modernos processos de comunicação. O poeta atinge o objetivo estético da poesia hoje, quando consegue atualizar motivos e temas participantes sob uma forma lúdica de linguagem. Nos poemas de “O Peixenauta”, divididos em dois tempos: Tempo Épico e Tempo Lírico encontramos este objetivo plenamente alcançado. Há uma perfeita coerência do poeta ao trabalhar as duas faces do signo. Sabe jogar com o significante sem prejudicar significado. Nota-se a preocupação do autor em realizar uma obra fruto de pesquisa e um verdadeiro programa poético, o que também está de acordo com a tendências mais sérias da poesia atual. (SCHMALTZ, 1983a, p. 138)

Esta é a primeira obra da autora a ter duas edições: a primeira em 1975 pela editora Oriente, no com a arte da capa de Cleber Gouveia e ilustrações de Siron Franco; e a segunda edição em 1983, pela editora Anima, com capa assinada pela própria autora e apresenta a escultura grega Vitória (Nike) de Samotrácia e ilustrações de Siron Franco. Ambas as edições são idênticas quanto aos poemas presentes na obra, sendo a segunda edição acrescidas de anexos contendo opiniões da crítica em excerto de jornais e revistas. A obra foi indica para as provas de vestibular da UFG na área de literatura, na década de 1980 (VIEIRA JUNIOR, 2017b), o que auxiliou a sua divulgação.

O quinto livro da escritora, *A alquimia dos nós*, foi lançado no ano de 1979, no Hotel Umuarama (GALLI, 2015). Embora na obra anterior *O peixenauta* (1975; 1983) a mitologia já apareça bastante, é a partir, sobretudo, de *A alquimia dos nós* que esta temática passa a ser mais constante na obra da escritora, que vai crescendo em discursividade. Sobre o surgimento desta tônica, em matéria ao jornal *O Popular*, em novembro de 2000, comentou:

Quando era monitora do departamento de Letras da UFG estudei intensamente a literatura e me interessei pela mitologia. Nessa época, percebi a importância das figuras arquetípicas de Carl Gustav Jung, bem como sua relação com a mitologia. Foi quando comecei a atualizar esses mitos como forma de enriquecer minha obra. (MARIA, 2000, p. 7)

Em entrevista, ao ser indagada sobre a data de aparecimento da preocupação feminina em sua obra, a escritora respondeu:

Ocorreu com a publicação de *Alquimia dos nós*, em que surge a figura arquetípica de Penélope, em que há uma parte com esse título. Nela, trabalho o arquétipo com mudanças, em que a Penélope não espera Ulisses retornar. (SCHMALTZ, 2009a, p. 514).

Assinam excertosna orelha do livro José Mendonça Teles, José Godoy Garcia, Giuseppe Carlo Rossi, Paulo de Medeiros Albuquerque, Afonso Romano Santana, Carlos Rodrigues Brandão, além de notas do *Jornal de Letras* e *O Estado de São Paulo*. Citamos estes nomes para observarmos que Schmaltz manteve constante diálogo com seus pares, e demais membros do sistema literário, com reconhecimento da crítica, denotando-nos mais uma vez a sua capacidade ativa sobre a literatura e o sistema literário.

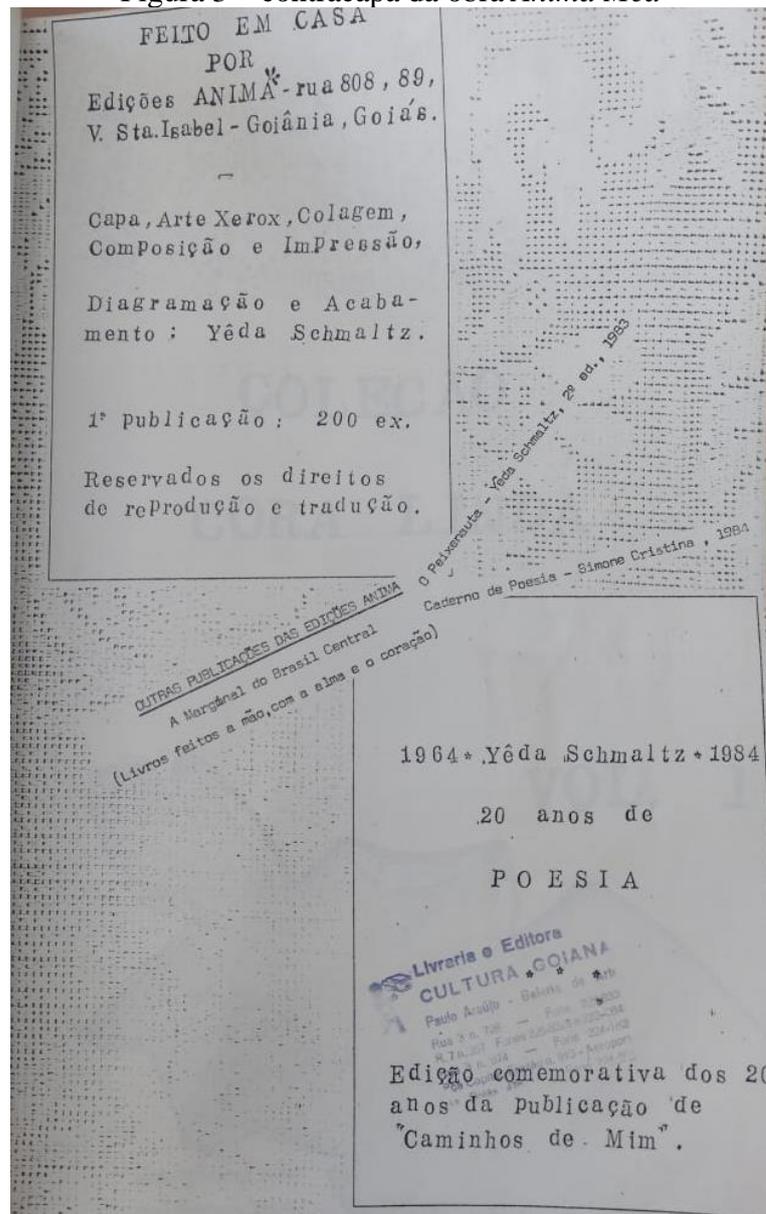
No ano de 1980, a escritora diversificou ainda mais sua escrita, e lançou sua primeira obra de contos, *Miserere* (1980) pela editora Antares, com prefácio assinado pelo escritor Bernardo Élis. O nome da obra deriva do salmo 50, conhecido popularmente como *miserere*, por se iniciar com esta palavra no original, traduzida como “piedade ou misericórdia”. A autora utilizou epígrafes bíblicas do livro de Jó e referência aos salmos 56 e 50. Alguns contos têm epígrafes e excerto de texto de Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Lewis Carroll, Homero, Freud, Cecília Meireles, Molière, denotando as influências literárias da escritora. Posteriormente, esta obra recebeu a atenção da crítica em estudo de Aires (1996), juntamente com a obra posterior de contos da autora, *Atalanta*.

Diversificando mais a sua obra, Schmaltz lança em 1983, o livro de ensaios *Os procedimentos da arte*, com prefácio de Heleno Godoy. A obra foi vencedor do IV Concurso Nacional de Literatura da Secretaria de Educação e Cultura e Fundação Cultural do Estado de Goiás no gênero ensaio, na edição de 1979.

Na ocasião do lançamento dessa obra, Schmaltz é uma professora universitária com mais de dez anos de carreira. Esta obra parte, portanto, deste lugar de professora e pesquisadora, e é a reunião de um conjunto de estudos de caráter didático voltada a estudantes dos cursos de letras e artes, com foco sobre os trabalhos realizados em Goiás. O título da obra faz referência ao ensaio “A Arte como Procedimento” do escritor e crítico literário russo Viktor Chklovsky, que é também um dos aportes teóricos utilizados no livro, juntamente com outros expoentes do formalismo russo.

No início da década de 1980, a autora lança a obra marginal *Anima mea*: uma antologia em comemoração aos seus vinte anos de atividade literária. Esta obra é lançada pela edição independente *Anima em arte Xerox* [sic], feitos a mão pela poeta, com lançamento em maio de 1984, no bar Giga Bar, em Goiânia.

Figura 3 – contracapa da obra *Anima Mea*



Fonte: Fotocópia realizada pela autora, 2022

Por ocasião do lançamento, a escritora concedeu entrevista a Brasigóis Felício, publicada no jornal *O Popular*, em maio de 1984. A ser indagada com a pergunta “Como você se vê fazendo um trabalho dentro da linha alternativa ou marginal, depois de ter publicado tantos livros em off-set? Você rejeitou de vez o processo oficial e padrão de impressão gráfica?”, respondeu:

Não rejeitei nada. Nós escritores não podemos rejeitar nada; o que precisamos é publicar os nossos livros, da maneira que for, oficiosa ou não. Eu sou uma poeta marginal, sempre fui, estou só **assumindo**. Veja bem: tenho vários livros publicados em off-set porque os livros foram premiados com prêmios de **publicação** ou editados pela Sec. de Cultura, mas nesses 20 anos, **nenhuma** Editora Nacional quis publicar um livro sequer de poemas

de Yêda Schmaltz. Foi publicada sim, nacionalmente, mas em **prosa**: poesia não! Poesia não vende! Então permaneço à **margem**. Mas aconteceu um outro fenômeno dentro da poesia brasileira que me incentivou a criação da ANIMA: foi quando percebi que nos folhetos e livros marginais publicados no país na última década, é que se encontravam os melhores poetas, enquanto que recebia das grandes Editoras os livros dos poetas **oficiosos** que deixavam sempre a desejar. Eu então quis me incluir, mas objetivamente entre os marginais, com orgulho e alegria. Um amigo me disse: “Você não precisa disso!” Eu tenho certeza que preciso. Ainda é importante lembrar que os movimentos marginais em Goiás praticamente não existiram: muito pouco se faz e acho que posso dar um exemplo que vai incentivar os jovens. Tome nota dos livros feitos a mão ou mimeografados ou em Xerox que vão surgir depois de *Anima Mea*. (SCHMALTZ, 1984b, p. 16, grifos do autor)

A respeito desse movimento político literário, Coelho (1991, p. 97 e 98), em seu estudo *A literatura feminina no Brasil Contemporâneo* aponta:

Há ainda uma importante produção poética que, nos anos 70/80, reflete o período de repressão e autoritarismo em que vivemos durante o governo militar. Trata-se da "Literatura Alternativa", criada pelos poetas "marginais", isto é, aqueles que não tinham acesso aos meios tradicionais de publicação e divulgação. Ficaram também conhecidos como a "geração mimeógrafo" Entre as poetas que mais se tem distinguido nessa linha, estão: Leila Micolis e Ana Maria Cristina César

Coelho não elenca o nome de Schmaltz, mas compreendemos que a publicação de *Anima Mea*, em 1984, insere-se neste contexto de movimento político feminino de resistência às estruturas sociais de produção e circulação dos bens culturais e à ditadura militar. Denotando, mais uma vez, o olhar atento, de Yêda Schmaltz sobre o cenário político e social da produção poética brasileira, e seu projeto político intelectual de posicionamento ativo enquanto escritora e educadora.

Em 1985 surge uma das obras mais laureadas da escritora: *Baco e Anas brasileiras*, vencedora do Prêmio Nacional Itanhangá de Poesia, do Prêmio Goiano Itanhangá de poesia e um dos quatorze finalistas do Concurso de literatura da segunda bienal Nestlé, todos no ano de 1984. Publicado pela editora carioca Achimé, conta com capa e ilustrações de algumas obras do artista plástico brasileiro radicado na Bélgica Henrique Alvim Corrêa (1876-1910) e prefácio do crítico literário e também professor universitário Antônio Hohlfeldt. Junto há dedicatória há uma nota “Homenagens Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (Cora Coralina)”. Inferimos que a menção à Cora Coralina pode ter ocorrido em consideração ao falecimento da escritora, ocorrido em abril de 1985.

Segundo Vieira Junior (2022) há nesta obra um jogo discursivo complexo entre as composições poéticas e as imagens que ilustram a obra, escolhidas pela própria autora. Neste mesmo sentido, Coelho (1993) aponta que a intersecção entre ilustração e poesia nesta obra

intensifica o processo comunicativo e aprofunda o clima ora erótico/dramático/jacoso ou licencioso dos versos da obra. As gravuras de Alvim sublinham as relações de erotismo/prazer/dor/luxúria/morte/execração e desejo presentes nos versos, dialogando com os poemas e reforçando as imagens neles contidas neles. (VIERIA JÚNIOR, 2017c). Sobre esta escolha Schmaltz (1985, p.125) afirmou:

Quando escrevi este livro, *Baco e Anas brasileiras*, imediatamente pensei em ilustrá-lo com a obra de Alvim Corrêa porque percebi que havia uma identidade enorme entre os meus textos e toda a parte da obra do artista que trata da mulher. Trata-se de uma afirmação incrível e que pode abrir novos horizontes para o conhecimento da obra do artista: uma escritora do final do séc. XX, ao escrever um livro de denúncia, identificar-se com aquela obra, significa que ele foi um visionário, [...] através de uma linguagem simbólica principalmente, mediu e mostrou toda a violência que sempre se desabou sobre a mulher e, de maneira erótica, às vezes caricatural, desvelou dentro de uma perspectiva altamente intelectual, a sexualidade feminina tantas vezes castrada.

A obra compõe-se de aproximadamente cinquenta poemas e dez gravuras, e, nas palavras de Hohlfeldt, é uma obra cuja proposta é discutir a condição feminina. Em uma fala, datada de 1990, sobre esta obra, Schmaltz (p.53, 2009b) comentou: “Considerado que o livro *Baco e Anas Brasileiras* foi a grande catarse de minha vida e *A Alquimia de nós* foi a minha melhor obra.”. Em entrevista ao jornal baiano *JornalCacau/Letras*, ao ser indagada com a seguinte pergunta sobre moralismo em relação ao seu livro “Seu livro tem uma abordagem feminista, e é tematicamente corajoso. Você não teme despertar as iras do moralismo farisaico, que ainda reina entre nós?”, respondeu:

Meu livro representa a *nova mulher* e ninguém se engane com uma leitura rápida e com as ilustrações picantes, porque no fundo ele é um livro de denúncia contra a violência masculina que desaba sobre a mulher e um convite para que a mulher se assuma em toda sua plenitude. A violência tem várias formas de se expressar e uma delas é o moralismo farisaico do poder que dá ao homem a possibilidade de escrever sobre qualquer tema sem ser julgado, enquanto que a mulher, não, ela precisa ser *corajosa* para falar sobre sexo, prazer, menstruação ou orgasmo. [...] É bom lembrar que, apesar de um número significativo de “belas almas” fazerem procissão de fé do moralismo, foi sempre em nome do “dever-ser” moral que se instauraram as piores tiranias, assim como o suave totalitarismo de tecnoestrutura contemporânea a ela muito deve. (SCHMALTZ, 1985b, p. 7, grifos do autor)

Embora o trecho trate da obra *Baco e Anas brasileiras*, a defesa da mulher empreendida pela escritora na representação de um paradigma que não se atém aos limites do meio social, são percebidas também em suas demais obras publicadas. Neste comentário a escritora demonstra consciência desta defesa. Neste sentido, a poesia da autora se situa na formulação criativa da denúncia e sob o signo da resistência apaixonada (VIEIRA JUNIOR, 2022).

Em 1987, a autora lança sua segunda obra de contos *Atalanta*, vencedora do IV Concurso Nacional de Literatura da Secretaria de Educação e Cultura e Fundação Cultural do Estado de Goiás. Segundo Carneiro (1987) o concurso contou com mais de duzentos e cinquenta concorrentes. Compuseram a comissão julgadora os escritores Caio Porfírio Carneiro, Deonísio da Silva e José J. Veiga.

A obra contou com diversas epígrafes, dentre elas W. Shakespeare, Nise da Silveira, Fernando Pessoa, Chico Buarque, Maquiavel, Sêneca, Gênesis, Guimarães Rosa, C. G. Jung, entre outros. Como mencionado anteriormente, este é um recurso estilístico largamente adotado pela escritora. Suas funções são diversas e apontam afiliações às obras e autores que em que a escritora pretende dialogar.

Atalanta foi lançado pela editora carioca José Olympio, em regime de co-edição com o Instituto Nacional do Livro, e mantém conexão com a obra anterior da autora, *Alquimia dos nós* (1979), em relação de continuação, agora em forma de contos. A obra está organizada em quatro partes: sombra, anima, o *animus* e *self*, que são os nomes de cada uma das etapas do processo de individualização da teoria junguiana. O psiquiatra e psicoterapeuta suíço, Carl Gustav Jung, foi uma forte influência na obra da autora, perpassando-se em epígrafes, citações e na própria estrutura e estilo da obra. Esta obra recebeu a atenção da crítica em estudo de Aires (1996) no livro *O Conto Feminino em Goiás*, juntamente com sua obra anterior do mesmo gênero *Miserere*. O estudo de Aires traça o percurso da mulher na busca de sua identidade através deste gênero nas obras das escritoras de Goiás Ada Curado, Aída Felix de Souza, Marietta Telles Machado, Maria Helena Chein e Yêda Schmaltz.

Em 1985, a escritora venceu o concurso da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, o que lhe permite publicar, em 1988, a obra *A ti Áthis*, centrando-se no mito de Áthis (ou Átis) trabalha com os arquétipos da mitologia grega, questão comumente presente na lírica da autora. Além do mito grego, outra forte influência desta obra é a cantata cênica *Carmina Burana* (1937), composta por Carl Orff, que perpassa a obra em epígrafes, estrutura, temáticas e imagens.

A décima segunda obra da autora é *A Forma do Coração*, em 1990. Seu lançamento ocorreu no Centro Cultural Martim Cererê, no Setor Sul da capital goiana. A edição conta com apresentação de Darcy França Denófrio e ilustrações de Roosevelt de Oliveira. A obra foi publicada através do “Prêmio da Bolsa de Publicações ”José Décio Filho” edição 1989, de seleção da União Brasileira de Escritores (UBE-Goiás), em parceria com o Cerne (Consórcio de Empresas de Radiodifusão e Notícias do Estado). Através de seus quarenta e oito poemas, apresenta reflexões poéticas sobre o ser humano. Segundo o parecer da comissão julgadora,

trata-se de uma obra “dinâmica, fluente, ousada e insinuante” e com tom crítico de uma sátira sutil ao abordar a temática do ser humano em seus desencontros, buscas, perdas e conquistas (CARDOSO, 1990).

Vencedora o concurso Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos pela terceira vez, no ano de 1995, Schmaltz publica a obra *Ecos* (1996). Compuseram a banca do referido concurso os seguintes membros: Luiz Fernando Valadares, Carlos Fernando Magalhães e Antônio José de Moura. A obra conta ainda com três poemas premiados no Concurso BEG: “O beijo de Klimt”, “Anêmona do Mar I, II” e “Espelho de Medusa” (MOURA, 1995; SCHMALTZ, 1996)

Posteriormente, em 1996, a autora publicou, pela goiana Kelps, a obra *Prometeu americano*, agraciado com menções especiais no concurso Nacional Carlos Drummond de Andrade, 1995, Itabira-MG e no Concurso da Bolsa Hugo de Carvalho Ramos, ambos na edição de 1995. As epígrafes são de Friedrich Nietzsche, Gauguin, Cecília Meireles, Osman Lins e Goethe e orelha com excertos de falas de Nelly Novaes Coelho, Marina Colasanti e Moema de Castro e Silva Olival. A observação de Coelho (1996, orelha do livro) registrou:

A poeta goiana Yêda Schmaltz, expressa eloquentemente o grau de maturidade e consciência alcançado pela mulher brasileira em relação à sua presença no mundo, e, especificamente, a sua condição feminina dividida entre a verdade de sua própria natureza e os preceitos com que a ética restritiva e disciplinadora da civilização cristã a estigmatizou.

No ano seguinte, 1997, através da Bolsa de Publicações Cora Coralina, foi publicada a obra *Rayon*. A edição do concurso contou com trinta e uma obras inscritas, e os vencedores receberam premiação em dinheiro juntamente com mil exemplares das obras. O título da obra deriva do nome do tecido raiom ou rayon, um dos primeiros tecidos artificiais, conhecido como “seda artificial”. Nas palavras da autora: “O rayon é a seda artificial feita pelo homem e, no caso deste livro, é a seda que eu fiz” (SCHMALTZ, 1997, orelha do livro). O título faz referência ainda ao título da obra *Aion* (1951) de Carl Gustav Jung, acrescido da letra *erre* (R), em referência também à palavra raio. Como já dissemos, Jung se apresenta como uma forte influência na obra da autora. O poema “Brilho”, que integra a obra, desmembrado em quatro poemas individuais, foi vencedor do 1º Premio de Poesia do Concurso BEG de Literatura, edição 1996.

No ano de 1999, surgiu *Vrum*, com edição da autora e impressão realizada pela gráfica Kelps, esta obra tem uma tiragem de 500 exemplares, numerados de 001 a 500, todos assinados pela autora. O exemplar que manuseamos foio de número 0347, também pertencente ao sistema de Bibliotecas da UFG. A obra conta com um anexo ao final do estudo

“O arquétipo Mitológico na escrita de Yêda Schmaltz” do professor e pesquisador Gian Luigi de Rosa. A capa é assinada pela própria escritora e compõe-se de reprodução da pintura afresco “A poetisa”, arte pompeiana do século I que representa a poeta grega da ilha de Lesbos, Safo. Constitui-se de um único poema, dividido em módulos. Recebeu a atenção da crítica em estudo de Olival (2009) intitulado “Vrum: máscara lúdica da poetisa e dessacralização do poema”, no qual Olival apresenta uma análise geral sobre a obra. A assinatura e a numeração em cada obra denotam um trabalho cuidadoso de imprimir um caráter individual e único a cada um dos exemplares desta obra.

No ano de 2002 foi lançada a obra *Chuva de ouro*, pela editora da UFG, integrado a coleção Vertentes. Seu lançamento é realizado no mês de novembro, com sessão de autógrafos na Academia Goiana de Letras, e seu título faz referência ao mito grego da princesa Dânae, no qual Zeus havia se transmutado em uma chuva de ouro para manter relações sexuais com a princesa, engravidando-a. A obra aborda o cotidiano feminino, os mitos e sexualidade. (LIMA, 2000). O poema “Chuva de Poesia I”, integrante da obra foi premiado no Concurso Internacional Premio di Poesia Simín Bolívar “El Libertador”, realizado pela Edizion Lo Spazio, na cidade de Fondi, Itália, e publicado em edição bilíngue português /italiano. Outros poemas da obra receberam menção honrosa no V Prêmio BEG, Funpel/BEG, 1997.

Com sessão de autógrafos na Assembleia Legislativa de Goiás, em evento que também marcou a entrega do título honorífico de cidadã goiana à escritora, em outubro de 2002, foi lançada a antologia poética *Urucum e alfenins* (BORGES, 2002). A obra traz uma reunião de poemas que tratam do estado de Goiás, seus usos, costumes regionais, cidades, rios, etc. Assinou o prefácio o professor baiano Aleiton Fonseca. Como epígrafe de abertura, tem-se o canto de guerra dos índios Carajá, do grupo Jê (Tapuias), que também inspiram parte do título da obra: *Jaburê, quá, quá!... / “Jaburê, quá, quá!... / Arirê, cum! cum!... / Arirê, cum! cum!...* (SCHMALTZ, 2002, p. 11)

Três anos após a morte a escritora, em 2006, é lançada a publicação póstuma de poemas inéditos *Noiva da água*, pela editora Kelps e editora da UCG, com noite de lançamento em agosto de 2006, no Instituto Cultural José Mendonça Teles. A capa é de detalhes de quadro da própria Yêda Schmaltz. (GALLI, 2015).

Como organizadora, Yêda Schmaltz assina três antologias poéticas: *Poesias e Contos Bacharéis II* (1976), juntamente com José Mendonça Teles e Miguel Jorge, *Amigos Seletos* (1991) e *Poesia* (1993).

Destacamos que sistema de Bibliotecas da UFG possui grande parte da obra da autora, muitas delas com mais de um exemplar. Os únicos exemplares que as bibliotecas da instituição não possuem são a obra póstuma *Noiva da água* (2003), a obra em arte xerox [sic] *Anima mea* (1984); a obra de organização *Poesia*, (1993) da Oficina Literária da Fundação Pedro Ludovico Teixeira; e a nova edição de *Caminhos de Mim* (2021), recém lançada pela Editora IFG. Há um exemplar de *Anima mea* na biblioteca da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Esta instituição correspondia anteriormente à UFG, Regional Catalão, que em março de 2018, desmembrou-se da UFG, instituindo-se a Universidade Federal de Catalão.

A incursão sobre o itinerário histórico nos permitiu mapear os locais de circulação e lançamento de seus livros: Academia Goiana de Letras, Centro cultural Martin Cererê, Hotel Umarama, Bazar Oió, Giga Bar, casa de escritores como Bariani Ortêncio, Livraria Editora Cultura Goiana, Assembleia Legislativa de Goiás e outros. Os nomes dos que assinam prefácio, pós-fácio, orelhas também nos dão indícios da cena cultural do período e das relações pessoais que a escritora mantinha. Percebemos que muitos desses nomes são homens, denotando um cenário ainda muito masculino.

Outro ponto que notamos a partir da recuperação acima e as falas das entrevistas, foi que algumas das publicações de Yêda só foram possíveis a partir de bolsas de publicações e prêmios e concursos literários, de iniciativas do estado, município e órgãos e associações de promoção da cultura, tais como: a Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos e Bolsa de Publicações Cora Coralina, etc. Este fato, no entanto, não se resume à Yêda e é vivenciado também por outros escritores, sobretudo na segunda metade do século XX, momento em que o campo literário em Goiás sofria algumas transformações, a partir da criação de Universidades, editoras e livrarias, bem como a formação dos próprios leitores/as, e das políticas públicas de incentivo à leitura e a literatura, no contexto da recém-criada cidade de Goiânia, e nova capital do estado de Goiás, a partir de 1933.

Ainda que seja dever constitucional do estado garantir o acesso aos bens culturais, apoiar, incentivar e valorizar a difusão de manifestações artísticas e culturais, por meio de políticas públicas, o financiamento estatal para a publicação de obras literárias pode causar um enviesamento que impede a profissionalização do escritor e a autonomia em relação às ideologias estatais, uma vez que o/a escritor/a para ser publicado tem que se submeter aos julgo da banca examinadora do concurso e às regras e cláusulas do certame.

Em entrevista publicada no jornal *O Popular*, encontramos fala de Schmaltz sobre os concursos literários em Goiás que demonstram um olhar atento e sincero da escritora sobre estas políticas publicas de incentivo à cultura realizadas no estado de Goiás. Ao ser indagada

sobre o que pensava dos concurso literários de Goiás e se vale a pena participar deles, e se não existe neles muita coisa extra-literária, respondeu:

Concurso é concurso: a gente tem que entrar de peito aberto e por mais honesto que seja, a sorte também influi ao lado do valor da obra porque, no mínimo há uma questão de padrão de gosto e cultura das comissões julgadoras. Não somente em Goiás, mas em todo o país, existem coisas extra-literárias que influenciam nos concurso e todo o mundo sabe disso. Se a gente for aprofundar no assunto, corre sempre o risco de ser deselegante. No caso de Goiás, a título somente de alerta ou conselho àqueles que constituem as bancas julgadoras vale dizer o seguinte: 1) todos conhecem todos sendo alguns amigos de alguns e outros inimigos de outros tantos; 2) todos conhecem bem o estilo de cada um, de modo que fica impossível o anonimato dos participantes; 3) como consequência, pode faltar equidade aos resultados. Para que você tenha uma ideia disso, num concurso de goianos, se eu souber quais são os participantes sabendo também quais são os membros da comissão julgadora, posso lhe dizer com antecedência quem sairá vitoriosos com uma margem mínima de erro. Quando eu participo, sei das minhas possibilidades e nunca erre. Tudo isso significa que o caminho mais adequado é se constituírem bancas julgadoras com pessoas de fora de Goiás (SCHMALTZ, 1984b, p. 16)

Como percebemos, Schmaltz problematizou estas políticas públicas, enxergando nelas diversas incorreções que podem ferir a lisura e equidade dos certames. São dados denunciadores colocados pela escritora, que sempre se posicionou politicamente. Bittencourt (2009, p. 13) nos traz uma reflexão sobre a questão do sistema literário e da realidade do mercado editorial com relação à obra yediana, segundo este autor:

Um dado que chama a atenção é que apenas uma obra de Schmaltz, o livro de contos *Atalanta* (1987), foi publicado por uma grande editora, de envergadura nacional, a José Olympio. O fato de os livros de Schmaltz terem sido publicados por editoras locais concorre para a falta de projeção nacional da escritora, pois é inegável que para que um autor seja conhecido nacionalmente é preciso que sua obra esteja disponível em livrarias e bibliotecas de todo o país.

Também a esse respeito, o escritor e jornalista Brasigóis Felício, em matéria publicada na plataforma de exposição de ideias *Navegos*, teceu comentários que corroboram para os apontamentos levantados por Bittencourt. Segundo Felício (2020, n.p):

Sua obra, de valor reconhecido pelos que sabem quem é quem na poesia brasileira produzida dos anos 70 até nossos dias, só não obteve a consagração nacional (em termos de público), que merece, e haverá de ter um dia, por não ter sido publicada por uma grande editora, que a tornasse disponível em todas as livrarias do país. Não obstante isto, a crítica nacional e internacional reconheceram a força de sua linguagem e sensibilidade.

Nesse mesmo sentido, Nunes (2018) aponta que a obra *Procedimentos da arte* (1983), publicada em 1983 pela editora da UFG, havia sido aprovada para publicação pela mesma editora desde 1980, no entanto, não pode ser publicada neste ano por questões orçamentárias,

foi publicada somente três anos após o parecer favorável à sua publicação. Demonstrando que, por questões orçamentárias, mesmo com a aprovação para publicação, a obra poderia demorar cerca de três anos para que realmente fosse lançada.

A própria Yêda Schmaltz também abordou esta questão, sobre as dificuldades de se escrever poesia no interior de Goiás. Em entrevista Fonseca (2005) ao ser indagada com a seguinte pergunta “O reconhecimento dos poetas no Brasil é lento e incerto, já que é preciso "vencer" no eixo-Rio-São Paulo. Isso está mudando ou ainda é um problema?” respondeu:

Isto continua sendo um problema e não está mudando, pela simples razão fundamental (dentre outras) de que as grandes Editoras estão nesse eixo. O que podemos considerar bastante inexplicável é a curta visão literária e cultural da maioria dos editores que preferem publicar um livro de valor duvidoso, escrito por carioca ou paulista, em detrimento de melhores trabalhos realizados por autores de outros estados. Nisto tudo entra também um problema comercial, a mídia, que produz fenômenos estranhos como o do já internacional autor... nem vou dizer o nome. (SCHMALTZ, 2005, n.p)

A escritora também se manifestou sobre as adversidades no que concerne ao acesso às editoras para publicação, através do poema “O Cu do Mundo”, contido na obra *Urucum e Alfenins* (2002) em que traz algumas de suas inquietações a este respeito:

Jamais consegui uma Editora
para publicar os poemas
de uma brasileira
de Goiás.

Tudo é tão longe
e tão certo:
vivo em Goiânia descabelada
e contaminada,
no deserto componho.

E a minha palavra
vai caindo, como o poema
de Safo,
no abismo.

(SCHMALTZ, 2002, p. 107)

Em entrevista, ao ser questionada sobre os momentos de frustração que vivenciou na carreira literária, revelou as dificuldades de acesso às editoras:

De frustração, tenho, porque não tenho uma editora, apesar de ser uma poeta de carreira. O que foi publicado não foi algo profissional, com contrato. Foram publicados Miserere, pela Achiamé, Antares e Atalanta, pela José Olympio. Este fato de não ter editora, é muito triste. O fato de estar em Goiás, não deu à minha obra poética a repercussão que acredito que merecia no contexto da literatura feminina do país. Há editoras que se interessam

mais pela prosa, não, pela poesia. Não consegui grande coisa com toda a minha poesia (SCHMALTZ, 2009a, p. 519 e 520)

Notamos que, apesar das relatadas dificuldades de publicação, a poeta manteve sua periodicidade de publicações, fazendo da literatura um lugar de resistência, enfrentando os entraves encontrados. Obteve reconhecimento de instituições públicas, através dos concursos ganhos e dos títulos de cidadã com os quais foi agraciada. Ponderamos que a escritora pode não ter alcançado o reconhecimento que esperava, dada a sua total dedicação à carreira literária e esforço na divulgação de sua obra.

Pela dificuldade de acesso às editoras conforme exposto, e pela própria fala da escritora, percebemos que o caminho pela literatura goiana parece ter sido árduo e de bastante dedicação. Verificamos que era comum Schmaltz enviar exemplares de seus livros para jornais para divulgação. Em pesquisa na Hemeroteca Digital Brasileira com o termo "Yêda Schmaltz", no período de 1941 a 2003, encontramos cerca de cinquenta ocorrências em seu nome. As ocorrências concentram-se em jornais e revistas do Distrito Federal, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Pernambuco. As publicações, em sua maioria, tratam de divulgação de lançamentos de livros, pequenas críticas literárias e publicação de poemas e agradecimento pelo envio de exemplares. Algumas destas publicações já foram aqui apresentadas anteriormente. Entre as publicações de seus poemas em jornais e revistas, citamos entre eles: *O Lutador (MG)*, em 1982 e *Revista DF Letras (DF) da Câmara Legislativa do Distrito Federal*, em dezembro de 1998.

Ademais, percebe-se que Yêda Schmaltz exerceu importância nas artes e cultura de Goiás não só por suas publicações literárias, como também por seu ativismo em favor da cultura e por sua atuação nos espaços culturais. Em entrevista concedida ao jornal baiano *Jornal Cacau/Letras*, em 1985, afirmou: “acho que sou a mulher que já publicou mais livros no Estado de Goiás, nove ao todo, sendo que sete de poesia, e no gênero poesia sou mesmo a que mais publicou. Quantidade não significa qualidade, mas significa experiência, persistência, doação à causa da literatura.” (SCHMALTZ, 1985b).

2.2 Dedicatórias: aos que me deram a possibilidade de conhecer e expressar o amor

Segundo Genette (2009), a palavra dedicatória designa duas práticas: A dedicatória da obra, que corresponde ao ato simbólico de prestar consideração a uma pessoa, grupo, entidade, etc. que pode ser real ou ideal; e a dedicatória do exemplar que diz respeito ao ato singular e à realidade material do exemplar, consagrando a cessão da posse, ocorrida via venda ou

doação/oferecimento. Excluem-se da definição determinados gêneros como epístolas, hinos, elegias, entre outros, por características próprias. Sua função teve variações de modo ao longo dos séculos, de acordo com as mudanças em torno das condições socioculturais de produção da literatura, modificando-se em tom e conteúdo. Entre as definições de dedicatória, Genette afirma “é a mostra (sincera ou não) de uma relação (de um tipo ou de outro) entre o autor e alguma pessoa, grupo ou entidade” (2009, p. 124). A principal diferença entre a dedicatória da obra e de exemplar, tal qual a conhecemos hoje, é que a segunda sempre é necessariamente a um ser humano vivo:

Ao contrário do dedicatário de obra, o dedicatário de exemplar deve ser humano e vivo, porque, ao contrário da dedicatória de obra, a dedicatória de exemplar não é apenas um ato simbólico, mas também um ato efetivo, acompanhado, em princípio, de uma doação efetiva, ou pelo menos de uma venda presente ou anterior. Isto é, de uma posse, que a dedicatória, exatamente, assina e consagra. Não se dedica (sabendo) a alguém um livro que não lhe pertence; daí a fórmula frequente e muito exata: “Exemplar de x”. Ao contrário, decerto, a dedicatória de obra não vem acompanhada, de maneira nenhuma, da doação ou da venda do conjunto dos exemplares impressos: é, como a própria obra, de ordem diferente, ideal e simbólica.

Partimos da definição desta prática social para comentarmos nesta seção um pouco das possibilidades de dedicatórias que verificamos em algumas obras de Schmaltz, que nos possibilita acompanhar o tempo histórico de suas produções e de suas vivências.

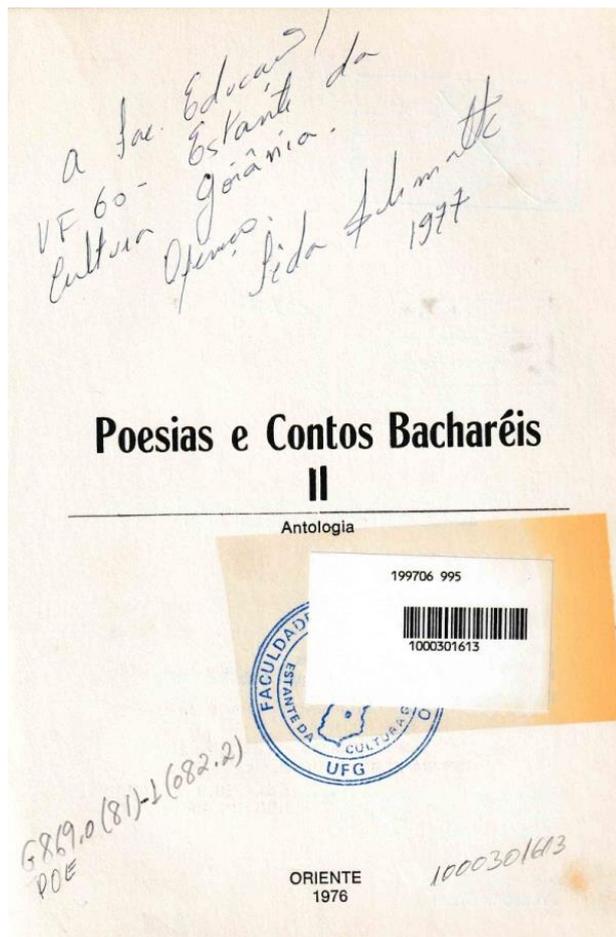
As dedicatórias da obra presentes nos livros da poeta são variadas: há pessoas, grupos, classes, familiares, amigos, dedicatários genéricos e específicos. Entre estas: Ao GEN, que teve grande influência no início de sua carreira, aos funcionários públicos, a dedicatória de *Caminhos de Mim*, à papai e mamãe, em tom de mocidade. Ou ainda *Alquimia de Nós* “...aos que me deram a possibilidade de conhecer e expressar o amor”, “Para Melanie” em *Procedimentos da arte*. E em outras: “Brasigóis Felício, Marieta de Lourdes Barros e Nelly Novaes Coelho: seus nomes soprados por cima deste livro, como pó de ouro ou sementes de papoula”, dentre outras.

Citamos algumas destas dedicatórias para comentá-las como registros das relações sociais de apreço mantidas pela escritora. Contudo, queremos nos ater aqui não às dedicatórias da obra, mas às dedicatórias de exemplares encontradas durante esta pesquisa, em específico nos exemplares do sistema de Bibliotecas da UFG, considerando que estas fontes nos dão importantes informações sobre a trajetória da escritora, seus circuitos de sociabilidades, indicativos do modo de circulação, posse e consumo das obras, e de interações interpessoais. Por se traterem de exemplares do sistema de bibliotecas da UFG, nos trazem

também informações sobre a instituição, principalmente no caso das obras adquiridas através de doação, conforme observamos e apresentamos a seguir.

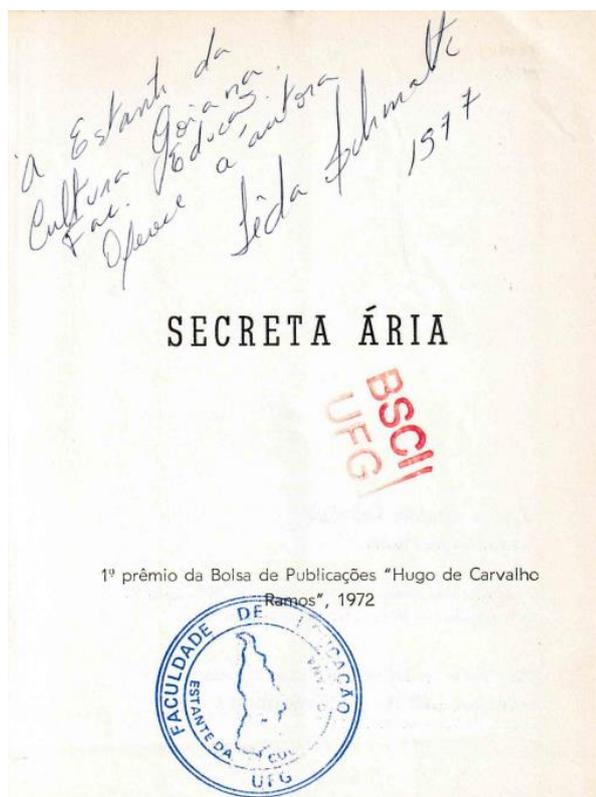
Localizamos três exemplares, de diferentes obras com dedicatórias à Faculdade de Educação, contendo autógrafa da escritora, e oferecimento para a Estante de Cultura Goiana, datadas de 1977, carimbo da Faculdade de Educação:

Figura 3 – dedicatória em exemplar da obra *Poesia e Contos Bacharéis II*



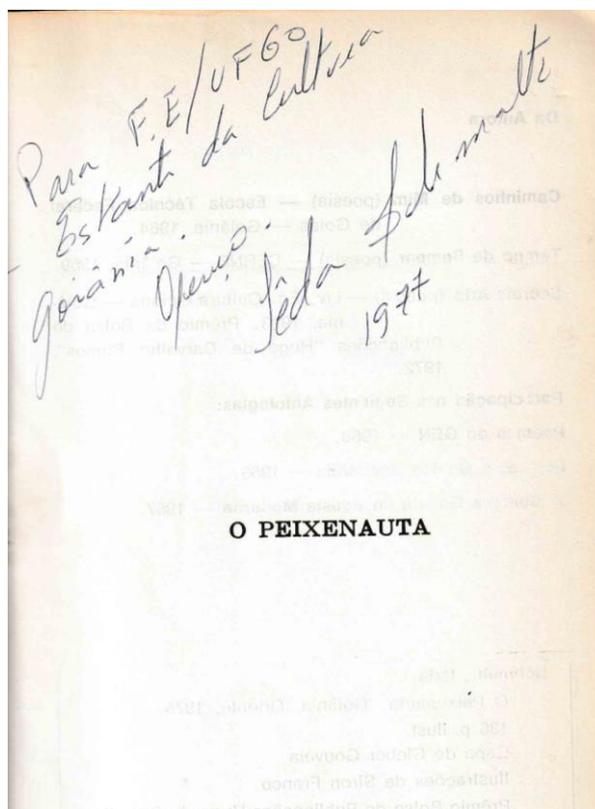
Fonte: Fotocópia realizada pela autora, 2022

Figura 4 - dedicatória em exemplar da obra *Secreta Ária*



Fonte: Fotocópia realizada pela autora, 2022

Figura 5 - dedicatória em exemplar da obra *O Peixenauta*



Fonte: Fotocópia realizada pela autora, 2022

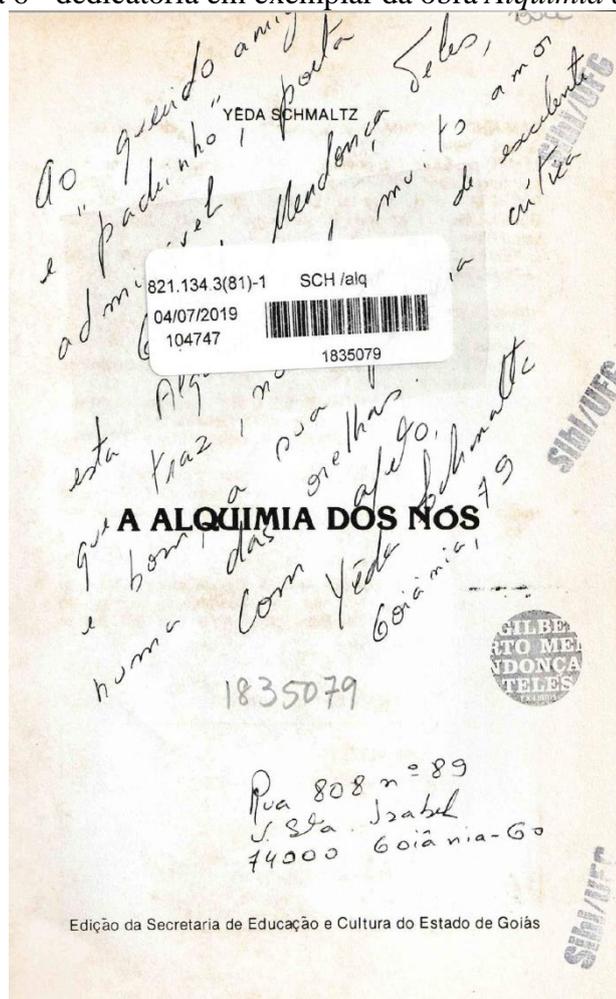
Segundo consta no *Informe do Departamento de Comunicação Social do ICHL/UFG edição nº 63* (1978), a Estante da Cultura Goiana foi uma iniciativa da Faculdade de Educação, alavancada pela professora Nancy Ribeiro Araújo e Silva. Sobre esta ação, o informe divulgou:

Dentro da política de incentivo e divulgação do autor goiano no meio estudantil, principalmente na Faculdade de Educação, a professora Nancy Ribeiro Araújo e Silva está promovendo a Estante da Cultura Goiana. Desde o ano passado, a professora Nancy está escrevendo aos escritores goianos que têm livros publicados para que forneçam exemplares para a Estante e esta já conta com mais de 500 livros. (INFORME, 1978, p. 1)

A doação dos exemplares pela escritora com a dedicatória e assinatura, em diálogo com o informe das ações promovidas pela professora Nancy Ribeiro, demonstra um empenho na divulgação de sua obra, contribuição com o acervo da universidade e atenção à iniciativa da professora Ribeiro.

Outra dedicatória que localizamos é a que se segue:

Figura 6 - dedicatória em exemplar da obra *Alquimia dos Nós*



Fonte: Fotocópia realizada pela autora, 2022

Conforme consulta ao Sistema de Bibliotecas da UFG, o referido exemplar foi adquirido através de doação do acervo pessoal de Gilberto Mendonça Teles à Faculdade de Letras (FL). Os procedimentos relativos à doação foram registrados no artigo *Patrimônio e Memória: A Experiência da Incorporação da Biblioteca particular de Gilberto Mendonça Teles pelo Sistema de Bibliotecas da UFG* (2020), de autoria de Silva e Siqueira (2022) servidoras responsáveis pelo recebimento da doação e implementação das obras ao acervo da instituição. O oferecimento também está registrado em matéria no site da UFG, de setembro de 2018. Conforme registrado na matéria, o escritor decidiu doar os livros para a universidade após reflexões sobre suas origens e a carência de acervos na região “Dentro da crise orçamentária, deparei-me com a necessidade de doar esse acervo para a universidade” afirma Teles (MELO, 2018). Obtivemos a informação junto aos servidores da Biblioteca Setorial de Letras e Linguística (BSLL), que uma vez por semestre, o escritor costuma realizar visita ao acervo.

Neste exemplar, consta a seguinte dedicatória: “Ao querido amigo e “padrinho”, poeta admirável Gilberto Mendonça Teles, esta Alquimia de muito amor que traz, no mínimo, de excelente e bom, a sua palavra crítica numa das orelhas. Com afeto, Yêda Schmaltz. Goiânia, 1979”. Esta dedicatória demonstra diálogos entre Schmaltz e Gilberto Mendonça Teles, considerado pela escritora como um de seus incentivadores no início de sua carreira e apoiador também do Grupo de Escritores Novos, ademais assina excerto e orelhas de obras da escritora. Além da dedicatória, há um carimbo com o nome de Gilberto Mendonça Teles, provavelmente para organização e personalização de sua biblioteca, e ainda há anotação do endereço da autora. Inferimos que a autora anotava seu endereço em algumas de suas dedicatórias para facilitar a troca de correspondências com os escritores. Algo que nos chama a atenção neste registro, é o selo de catalogação da biblioteca colado em cima da dedicatória, comprometendo sua conservação, visualização e preservação deste registro.

No exemplar da SIBI/UFG de *Miserere* que manuseamos consta: “Para Magali, estes contos e mais a simpatia da autora. 1981”, já no exemplar de *O Peixenauta* temos: “Para a cara amiga Aparecida, a minha dupla dedicatória, o meu reconhecimento e o meu afeto. Junho de 1983”. Em *Procedimentos da Arte* outra dedicatória que encontramos contém: “Para a querida amiga Aparecida de Paula professora com quem muito aprendi, com um afeto especial. Yêda Schmaltz, 1983”. No exemplar de *Alquimia de Nós*, do escritor Ubirajara Galli, adquirido por ele em noite de lançamento e autógrafos da obra, escreveu: “Ao querido companheiro de poesia, Ubirajara Galli, estes poemas de amor e de humanidade. Com afeto especial que une os poetas”. (GALLI, 2015).

Nos estudos de Grants (2016) encontramos dedicatórias de Schmaltz para a escritora goiana Cora Coralina nas seguintes obras: *Tempo de Semear* (1969), em que há dedicatória assinada por Yêda Schmaltz; há dois exemplares de *A alquimia dos nós* (1979), em um deles há um encarte “Paraúna Goiás, Brasil”, dedicatória, fotografias e poemas da autora, já no outro há dupla dedicatória de Nadir da Costa Nunes e de Schmaltz; os exemplares das obras *Os procedimentos da arte* (1983), *Miserere* (1980) e da *Revista Goiana de Artes/UFG* (1980) do mesmo acervo, também possuem dedicatória assinada por Yêda. Não conseguimos verificar o teor das dedicatórias, pois o estudo de Grants não traz mais dados além destes e não conseguimos acesso ao *Museu Casa de Cora Coralina*, que, em razão de questões relacionadas às medidas de enfrentamento à pandemia do novo coronavírus/Covid-19 encontrava-se fechado para visitas no momento da pesquisa.

Nos estudos de Moraes (2001; 2014), sobre o acervo do escritor e jornalista paulista João Antônio Ferreira também encontramos dedicatórias de Yêda Schmaltz em dois exemplares. São eles: *O peixenauta* (1975) em que consta anotado na obra “Ao escritor João Antônio, com admiração da autora, Yêda Schmaltz Goiânia, 4.4.76” (MORAES, 2001, p. 136). Segundo Moraes, há ainda endereço da autora, entre as páginas 62 e 63 há artigos de jornais sobre a escritora e também uma carta; e *Baco e Anas brasileiras* (1985), no qual consta anotado: “Para o escritor João Antônio, com o abraço da Yêda Schmaltz - Go, set, 1985” (MORAES, 2014, p. 136). Moraes (2001) registra, sem maiores detalhes, que há ainda uma crítica sobre o livro da autora e que esta pede que João Antônio divulgue a obra.

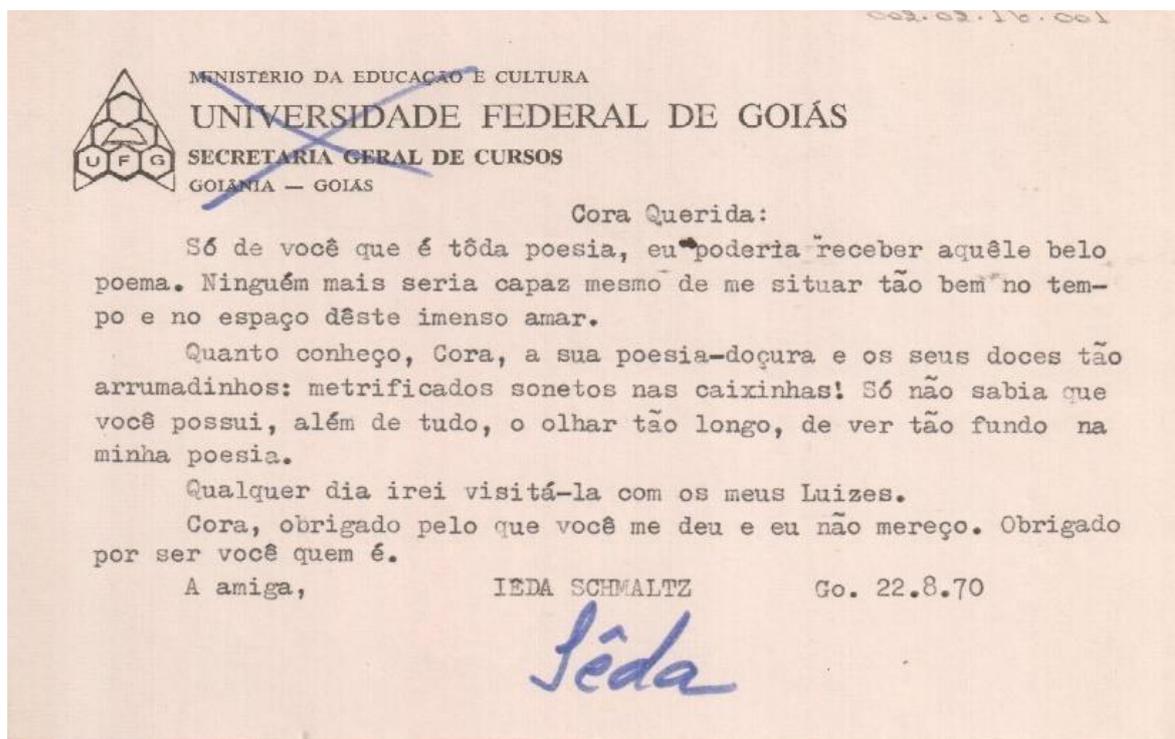
Percebemos a partir dessas fontes que a escritora desempenhava papel atuante na divulgação de seus livros, enviando-os para escritores dentro e fora de Goiás. Inferimos que, devido a algumas de suas publicações terem sido realizadas através de bolsas de publicações de concursos literários realizados pelo poder público, a divulgação das obras não contava com a logística que as grandes editoras dispõem para seus produtos, por isto, parte da divulgação ficava a cargo da própria escritora. Outro ponto a se observar através da incursão sobre estes registros é o e diálogos com outros escritores e público e o círculo de relações sociais que a escritora mantinha, que observamos ocorria além das fronteiras de Goiás, com escritores de carreira consolidada, amigos e leitoras/es em geral.

Conforme verificamos, as dedicatórias são fontes históricas que nos possibilitam inventariar redes de sociabilidades e contextos políticos e históricos ao qual estão inseridas. Essa prática social, imprime distinção e singularidade ao exemplar e nos permitem captar elementos sobre a relação entre a escritora e seus/as leitores/as, enquanto comunicação direta entre estes dois. A dedicatória marca ainda o dedicatário ao qual o exemplar pertence ou

pertenceu. Observamos diferentes marcas expressas em cada uma destas dedicatórias, que vão desde registros de amizades, ofertas de exemplares, agradecimentos, etc. Estes objetos são testemunhos escritos do universo cultural a que estavam inseridos em registros de afeto, amizade, consideração, doação, etc.

Outra fonte que encontramos, nos estudos de Grants (2016), e que também nos diz sobre o circuito de sociabilidades de Schmaltz, é a carta que apresentamos a seguir. Datada de 1970, escrita por Schmaltz e endereçada a também escritora Cora Coralina:

Figura 7 – carta de Yêda Schmaltz para Cora Coralina



Fonte: Grants (2016)

Gostaríamos de investigar melhor a relação entre as duas poetisas, verificar se há mais registros desta amizade e a qual poema Schmaltz se refere e agradece na carta, no entanto, conforme dito anteriormente, não foi possível o acesso ao acervo do Museu Casa de Cora Coralina. Contudo, encontramos em estudo realizado por Britto (2006) a informação de que o poema “Variação”, da obra *Meu Livro de Cordel* (1976), possui dedicatória à Yêda Schmaltz em manuscrito do acervo Casa de Cora. Assim, acreditamos ser este o poema que Schmaltz agradeceu na carta. Apresentamos parte destes versos abaixo:

Paráfrase

O mar rolou uma onda.
Na onda veio uma alga.
Na alga achei uma concha.
Dentro da concha teu nome.

Pisei descalça na areia
toda vestida de algas.
Tomei o mar entre os dedos.
Ondas peguei com as mãos.
O mar me levou com ele.
[...]
A vida é uma flor dourada
tem raiz na minha mão.
Quando semeio meus versos,
não sinto o mundo rolando
perdida no meu sonhar
nos caminhos que tracei.

Meus riscos verdes de luz,
caminhos dentro de mim.
Estradas verdes do mar,
abertas largas sem fim.

Por esses caminhos caminho
levando feixes nas mãos.
Trigo, joio – não pergunto
o fim do meu caminhar.
Cirandinha vou cirandando,
marinheiro de marinhar,
o mar é longo sem-fim.
Meu barqueiro, meu amor,
bandeiras do meu roteiro.
Meu barco de espuma do mar.
Onda verde leva e traz,
cantigas de marinhagem.
Vou rodando. Vou dançando,
tecendo meu Pau de Fita.
Sementes vou semeando
nos campos da fantasia.
Vou girando. Vou cantando
e... não me chamo Maria.
(CORALINA, 1976, p. 57, 58)

Notamos, tanto pelo teor da carta quanto pela dedicatória no manuscrito do poema, uma relação de amizade e afetividade entre as duas escritoras, fato percebido também na obra *Amigos Seletos* (1991), organizada por Schmaltz, em que há dois poemas escritos por Cora Coralina para Yêda. São eles: “O Eterno Caminho”, de 1970 e “Yêda minha jovem musa” de 1980, este último escrito por Cora Coralina durante visita à casa da escritora, a seguir apresentamos versos deste. Ademais, em conversa com familiares de Schmaltz, obtivemos a informação de que a escritora visitava frequentemente Cora Coralina na cidade de Goiás, acompanhada de suas filhas e filho.

Yêda minha jovem musa

A que veio cedo
Ao encontro da que
Veio tarde
Peixe Nauta...

Também eu pesquei
Um dia meu Peixe Homem
Fruto de escamas luzidias
Todo feito dos espinhos e de (ilegível).

Mas mesmo assim muito ótimo.
No saldo final, 4 filhos, 15 netos,
25 bisnetos. Ganhei a partida.

Goiânia, 15. 7.80
(CORALINA, 1991, p. 42)

Em nota introdutória de *Amigos Seletos* (1991) Schmaltz comenta sobre esta prática de trocas de poemas e cartas entre escritoras/es. Segundo a escritora, são poemas recebidos por correio, em jantares, eventos e alguns até ditados por telefone: “Desde que me mudei para Goiânia, nos idos de 1960, e que comecei a ter amizade com outros poetas, estabeleceu-se uma troca de poemas entre nós” (SCHMALTZ, 1991, p. 9).

Esta obra também nos permite inventariar parte do círculo de sociabilidade da escritora. Este hábito praticado por Schmaltz constitui o gênero poético da poesia de circunstância, e é amplamente praticado entre poetas em geral, com destaque para nomes como Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade. São mensagens trocadas entre escritores através de versos, seja por ocasião de aniversários, nascimentos, bodas e dedicatórias de forma leve e despreziosa, não necessariamente vinculados aos projetos estilísticos e poéticos de seus/as autores/as. Não obstante, é comum que essa troca de poemas venha a ser publicada em livro, como é o caso de *Amigos Seletos* (1991), de Yêda Schmaltz e de *Mafuá do Malungo* (2015), de Manuel Bandeira.

Notamos como importante o diálogo entre Cora e Yêda, pois demonstra que, mesmo com idades e tradições estilísticas diversas, as duas autoras se liam, se respeitavam e estabeleceram relação de reciprocidade e trocas. Nesse sentido, Yêda e Cora evidenciam esta dialogicidade, ambas levantaram a bandeira da mulher escritora dentro e fora dos poemas que publicaram, cada uma a seu modo, esta inaurando a poesia de tradição memorialística, e aquela a de discurso erótico e mitopoético.

Além dos diálogos com Cora Coralina, a obra *Amigos Seletos* traz poemas de Stella Leonardos, Ubirajara Galli, Miguel Jorge, Delermundo Vieira, Maria Helena Chein, Darcy França Denófrio, Astrid Cabral, Bernardo Elis, Gilberto Mendonça Teles, Heleno Godoy,

dentre outros. Nas palavras de Schmaltz (2021, p. 10), esta obra registra a memória de um tempo:

Assim, publico esta Antologia de Poemas Circuntanciais dos meus **Amigos Seletos**. Publico sem pedir permissão e sem requerer os “direitos autorais” de cada autor. Minha intenção é homenagear a todas essas pessoas que, um dia, me dedicaram uma palavra poética afetuosa ou mesmo brincalhona e creio que os autores me perdoarão a ousadia. Penso que, de alguma forma, estou resgatando um bem. Há uma outra intenção também, embutida no meu desejo de editar esta coletânea: a intenção histórica. Através desta obra, pode-se perceber, por exemplo, a amizade de alguns dos membros do GEN (Grupo de Escritores Novos); pode-se notar um ciclo de amizade entre poetas contemporâneos e uma efervescência literária no Estado de Goiás; nela percebe-se ainda uma união entre três gerações de escritores (que, no futuro, penso, serão considerados da mesma geração): a anterior, de Cora Coralina, Bernardo Elis, Bariani Ortêncio e outros; e a intermediária que é a minha, de Miguel Jorge, Aidenor Aires, Brasigóis Felício e outros; a posterior, de Delermundo Vieira, PX Siqueria e outros. Nota-se a presença de artistas plásticos entre os demais poetas: Gomes de Souza, Maria Guilhermina e Rôber Cortes. (grifos da autora)

Para Friedrich (1978), estes diálogos e trocas entre escritores e artistas é uma forte característica do poetar moderno e das artes em geral, em que há uma irmandade entre os/as escritores/as e artistas. Para Friedrich esse diálogo entre autores, tanto da mesma linguagem artística, quanto de linguagens diferentes, foi importante na criação de uma espécie de “linguagem universal” da arte e de bandeiras semelhantes.

2.3 A artista plástica: *Não fabrico quadros a cada meia hora*

Schmaltz também se expressou em outros campos artísticos, como a pintura em telas. Estreou, oficialmente, nas artes plásticas em novembro de 1994, após mais de vinte anos trabalhando como professora do Instituto de Artes da UFG. A exposição de estreia, denominada “Alquimia e Mitos”, ocorreu no Museu de Arte de Goiânia, expôs cerca de quarenta telas, tendo como temática a mitologia. A artista revelou que levou cerca de dois anos preparando as telas para a exposição. Na ocasião do lançamento da exposição, em entrevista ao o jornal *Diário da Manhã*, Schmaltz destacou:

Não tenho pretensões de ser uma artista plástica nos moldes estabelecidos. Sou uma guerrilheira. Acho que não vou pintar muita coisa na minha vida [...] faço com tanta seriedade [arte] que pequenos detalhes levam dias para serem concluídos. Não fabrico quadros a cada meia hora. Levo até três meses para terminar uma tela. (BRANDÃO, 1994, n.p)

Dentre as principais mostras coletivas e individuais e premiações, de que a artista participou, Menezes (1998) destacou: 1980: Individual na Galeria de Arte Frei Confaloni, Clube Jaó, Goiânia; 1984: 1º Movimento de Apoio Cultural de Ipameri; 1986 e 1987 Coletiva

no Museu de Arte Contemporânea de Goiânia; 1991: Coletiva na Galeria de Arte Antônio Henrique Péclat; 1992: Coletiva de Professores da UFG; 1994: Seleccionada no II Prêmio BEG de Artes Plásticas; 1994: Seleccionada no XVIII Concurso Novos Valores do Programa Cultural Casa Grande da Fundação Jaime Câmara; 1997: Individual de retratos intitulada “Homens”, realizada no Museu de Arte de Goiânia. A listagem completa das exposições está relacionada no anexo B.

O crítico de arte Miguel Jorge em comentário à obra *Células in Vitro I*, destacou:

Yêda Schmaltz, em sua obra, revela preocupação com a construção de um trabalho obsessivamente pesquisado, mapeado achados pictóricos reais ou simbólicos, numa quase documentação artístico-científica, como em suas “Células in Vitro”, em que formas orgânicas se movem com rapidez e assombro, como vírus de epidemias que assolam o país e o mundo. São verdadeiros textos plásticos em sua universalidade (JORGE *Apud* MENEZES, 1998, p. 265)

Em dezembro de 1997, Schmaltz realizou a exposição individual intitulada “Homens”, no Museu de Arte de Goiânia. Utilizando-se de aplicação mista em fotografias, com técnicas impressionistas e pós impressionistas, compôs retratos de cem personalidades goianas masculinas que influenciaram sua carreira e a vida cultural da cidade, entre escritores, artistas plásticos, ex professores, ex alunos, políticos e familiares. Dentre os retratados estão: Amaury Menezes, Antônio Poteiro, DJ Oliveira, Reinaldo Barbalho, Siron Franco, Bernardo Élis, José Mendonça Teles, Batista Custodio, Tancredo Araujo, entre outros. “De uma maneira geral, os primeiros ícones da minha geração estão ali”, comentou Schmaltz à época do lançamento de sua exposição (PEIXOTO, 1997). Nesta exposição, um percentual das vendas foi destinado à União Brasileira dos Escritores.

Participou também de exposição coletiva no MAG em comemoração aos vinte e cinco anos do museu, que ocorreu entre janeiro e fevereiro de 1995, nas salas Amaury Menezes, Reinaldo Barbalho e SEPAC (Sala de Exposição do Palácio da Cultura), ao lado de artistas como Antônio Poteiro, DJ Oliveira, Siron Franco, Carlos Sena, Omar Souto, dentre outros.

Foi organizadora e curadora, também no MAG, da exposição *International Mailart*. Mostra coletiva internacional de arte postal, em 1993, sob a temática de arte postal e mitologia grega. A mostra contou com oitenta e cinco artistas de quatorze países, em um total de cento e dezenove obras. Além disso, também exerceu a crítica de arte na imprensa e demais espaços culturais.

O acervo permanente do MAG conta com três obras da artista, as quais apresentamos reprodução no Anexo E. Além das obras, o museu mantém também um dossiê sobre a artista, com diversos documentos, dentre eles fotografias, convites de exposições, reportagens de

jornais e revistas, recibos de comercialização de obras de arte e outros. O acesso a estas fontes foi de suma importância para a realização desta pesquisa. A conservação e guarda deste material evidencia o MAG como um local importante de acervo de fontes históricas e de preservação da memória, cultura e história de Goiânia.

2.4 Funções Administrativas em tempos de vigilância e repressão

No ano de 1964 Yêda Schmaltz começou a trabalhar na UFG em funções administrativas, a convite do então reitor professor Colemar Natal e Silva, permanecendo nestas funções até o ano de 1973. A partir desta data, tornou-se professora no Instituto de Artes da mesma instituição, permanecendo até 1991, quando aposentou-se. Embora inicialmente tenha entrada na instituição a convite do professor Colemar, posteriormente habilitou-se em concurso público.

Durante sua carreira administrativa trabalhou em três unidades Acadêmicas: Colégio Universitário da UFG; Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) e Instituto de Artes. Ocupou diversos cargos e funções, dentre eles: Auxiliar Administrativo; Auxiliar de escritório, Assessor Administrativo, Oficial de Administração; Secretária Geral de Cursos; Assessora para Assuntos referentes ao Conselho Federal de Educação da Conselheira professora Lena Castello Branco Ferreira Costa; Secretária Geral de Cursos e secretária do Colégio Universitário da UFG. Além disso, participou de diversas comissões e grupos de trabalho e da construção de documentos norteadores da instituição, na época recém inaugurada.

Localizamos na revista *Informática Boletim do Curso de Jornalismo do ICHL* registro de sua designação como secretária do ICHL:

Foi designada pela portaria n.º 246/69 da Reitoria, a Bacharel Iêda Oscarlina Schmaltz e Silva, ex-Secretária do Colégio de Aplicação, para responder pela Secretaria do Instituto de Ciências Humanas e Letras. A notícia da designação da nova secretária do ICHL foi recebida com demonstração de apreço pelos alunos e professores, dada a sua reconhecida eficiência e capacidade (BLAMIRES, 1970, p. 16)

Sua eficiência e capacidade profissional são notadas tanto a partir do excerto destacado, como pela nomeação para o cargo de conselheira, participação em comissões e grupos de trabalho, cargo de secretária de diversas unidades acadêmicas, denotando a capacidade múltipla de atuação tanto no quadro técnico, quanto docente.

Outro registro que encontramos do período em que exerceu atividades administrativas, foi o atestado de ideologia política, que nos traz a lume as práticas de vigilância e repressão que se instaurou no Brasil após o Golpe Militar de 1964, conforme apresentamos a seguir:

a - O contratado se obriga, em face da Instrução Ministerial calcada no Ato Institucional, a apresentar, no prazo máximo de trinta (30) dias, a serem contados a partir da assinatura desta cláusula aditiva, atestado de antecedentes passado pela Delegacia de Ordem Política e Social do Estado, do qual conste não estar o contratado envolvido em atividades subversivas.

b - A não apresentação pelo contratado do documento a que se refere a alínea “a”, no prazo mencionado, importará na nulidade do presente instrumento contratual.

Goiânia, 28 de abril de 1964.

(CONTRATO, 1964, n.p)

Estes registros nos dão conta de que o cenário de censura, assédios e perseguições existente durante a ditadura militar foi também um dos enfrentamentos que Yêda Schmaltz vivenciou em sua trajetória de vida. Conforme já mencionado no capítulo anterior, em conversa com familiares da escritora, nos foi informado que seu primeiro marido, pai de sua primeira filha e de seu filho, foi preso durante a ditadura militar, permanecendo encarcerado por dias, sendo posteriormente liberado.

Em seu livro *Prometeu Americano* (1996), dedicou alguns versos para tratar deste período:

Eu sou o Prometeu
terceiromundista,
[...]
Prometeu pop, suburbano,
popular, pobre de marré-deci.
O Prometeu Americano
de cantos devastadores,
de dor mais forte e mais dura:
brasileiro que passou
os últimos trinta anos
nas mãos da ditadura;
um Prometeu de mãos dadas
com a tortura.

[...]

(SCHMALTZ, 1996, p. 19 e 20)

Por meio da poesia, Schmaltz traça uma análise política do país, propondo uma relação de aproximação entre a tortura sofrida pelo personagem mitológico grego Prometeu, com a tortura praticada pelos militares contra seus opositores durante a ditadura militar no Brasil.

2.5 A solidariedade intelectual no magistério: educadora para além da sala de aula

No que concerne à atuação docente, não encontramos muitas informações sobre o exercício de Yêda Schmaltz no magistério, no entanto, defendemos que todas suas práticas, atuações, espaços ocupados, escritas, provocações e desobediências, integram um perfil de

educadora. Trata-se de uma educadora, esta mulher múltipla, que não se limitou ao lar, ao matrimônio ou à maternidade, teve condições para ousar e ser, ativa, atuante, afetiva e não silenciosa.

Schmaltz começou a lecionar no ano de 1973, no curso de Teoria da Literatura da Universidade Católica de Goiás, onde permaneceu até o ano seguinte. A partir do mesmo ano, começou a trabalhar como professora no Instituto de Artes da UFG, função que desempenhou até a sua aposentadoria, em 1991. Ministrou as disciplinas de Estética Aplicada, Fundamentos Sócio-Econômicos de Arte e História da Arte, dentre outras. Além do magistério superior, Galli (2015), registra que Yêda foi também professora de poesia da oficina literária, instituída pela Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira (Funpel), no início da década de 1990, durante a gestão de Geraldo Coelho Vaz, trabalho que contribuiu para o surgimento de novos talentos na poesia goiana.

Sobre a importância de Schmaltz na história da educação, a citação abaixo referenda:

No concernente à prática educacional, dois fatores situam Yêda Schmaltz como uma figura relevante na história da educação goiana. A primeira delas diz respeito a sua atuação profissional nas universidades de Goiás, quando sua capacidade intelectual foi comprovada nas diversas funções que desempenhou, tanto como professora como no serviço técnico, e na habilidade com que se comunicou com o alunado. [...] Outro aspecto que insere o nome de Yêda Schmaltz na cultura e na história da educação de Goiás é a atitude estética assumida nos livros que publicou, notadamente na poesia que trouxe a lume. A obra yediana, sobretudo *A alquimia dos nós*, *Baco e Anas brasileiras* e *A ti, Áthis*, constitui um dos maiores achados estilísticos da poesia produzida em Goiás e da escrita brasileira de autoria feminina. (SILVA; VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 603)

Destaca-se, no contexto do magistério, sua relação e comunicação com discentes. O acolhimento em sua casa e a afetividade com que conduzia seus trabalhos com a juventude:

Conforme o relato de ex-alunos, Yêda detinha grande habilidade didática, notório saber sobre os conteúdos que ensinava e proximidade dos estudantes a ponto de integrá-los nas diversas atividades acadêmicas. Essa aptidão em interagir com a juventude foi uma característica que marcou a poeta até seus últimos dias. É comum encontrar em Goiânia e no interior do estado depoimentos sobre a solidariedade intelectual de Yêda em relação a jovens estudantes, aspirantes a poeta e demais interessados em arte e cultura. (SILVA; VIEIRA JÚNIOR, p. 604, 2017)

Nos mecanismos de busca utilizando a *Hashtag* #YedaSchmaltz, localizamos uma publicação na rede social *Instagram* que trata do caráter receptivo da educadora, conforme verificamos em excerto da publicação que acompanha uma fotografia da escritora com o autor da postagem, Luciano Freitas, que na época do encontro com a escritora tinha quinze anos de idade. A reprodução da fotografia consta no anexo C.

O ano era 1999 [...] Pelo ICQ nos encontramos e ficamos melhores amigos, eu e Yêda Schmaltz. [...] eu, um moleque de 15 anos e ela, escritora com mais de 20 livros publicados, portadora de um prêmio APCA, professora de Artes da Universidade Federal de Goiás, conhecedora do mundo... Como eram bons os nossos papos. Nessa época eu já me reconhecia como um peixe fora d'água, fascinado pela mente humana, pela transcendência, outros mundos e sobretudo, viciado em Arte. Yêda era alguém que, finalmente, pudesse sentir o que eu sentia. Nos encontramos na rodoviária de Goiânia (sim, eu fui até lá) e passamos 1 ou 2 dias juntos contemplando a amizade sem igual que tínhamos. A gênica Yêda Schmaltz passou pela transição alguns anos depois por conta de um aneurisma mas seu legado continua em mim (FREITAS, 2020, n.p).

A solidariedade intelectual de Yêda com jovens, estudantes e pessoas interessadas em arte e cultura descrita por Silva e Vieira Júnior (2017) e por Freitas (2020) é ressaltada por outras pessoas. A própria Yêda assim se descrevia. Ao ser inquirida com a pergunta “Quem é Yêda?”, entre as definições empregadas na resposta, lançou: “Uma mulher muito afetiva, uma mulher bastante romântica, cheia de esperanças” (SCHMALTZ, 2009a, p. 523).

A trajetória docente de Yêda, possivelmente poderia ser melhor contada, narrada e confrontada. O tempo não favoreceu a busca de dados que pudéssemos trazer e contribuir com a história da educação formal de Goiás. Não deve ter sido simples, ou fácil, para uma mulher que não praticava a obediência, ter sido professora nos tempos em que a censura se dava na família, na escola, na universidade, nas ruas e nos livros. No entanto, entendemos que educar não se restringe ao espaço escolar, o conhecimento é maior do que avaliações, notas, provas e outros. A arte das cores, das escritas, das conversas e da prática que a aproximava dos jovens e estudantes de forma justa, pode ter estendido a frase do estudante Luciano, quando sabiamente registrou: “Yêda era alguém que, finalmente, pudesse sentir o que eu sentia”. São as educadoras sem limites para a solidariedade. Assim era a cheia de esperança, Professora Yêda.

2.6 A Casa da Poesia no Bairro Feliz: porto seguro das artes

Segundo Silva e Vieira Junior (2017) a casa da escritora era afetivamente denominada “Casa da poesia”. Localizava-se no bairro da capital goiana denominado Bairro Feliz, na região central, tinha uma placa de identificação com o título grafado e seus muros eram pintados por Yêda e outros artistas goianos. Essa residência era frequentada por amigos, intelectuais, estudantes de Letras e demais interessados em literatura e poesia, em especial na década de 1990, para visitarem seu acervo bibliográfico, obras de arte e debater sobre arte, cultura, literatura e poesia. No anexo C, apresentamos imagens dos muros da casa da poesia, com versos inscritos neles.

O escritor e folclorista Bariani Ortêncio, em sua obra *Cozinha Goiana* (2013), relatou um evento ocorrido neste espaço na década de 1970:

Em 1978, fizemos um concurso de galinhada, restrito ao meio intelectual, aproveitando as visitas ilustres de Fernanda Montenegro e Fernando Torres, que participaram do júri, juntamente com Siron Franco, Bernardo Élis, Yêda Schmaltz, Miguel Jorge, eu e outros escritores. Participaram os professores Aldair Aires, Álvaro Catelan e o poeta Aidenor Aires. Aldair Aires inovou e venceu com a sua Galinhada visual, decorada com tomates, pimentões, azeitonas, cheiro-verde e alface. As provas foram realizadas nas residências da Yêda, do Miguel Jorge e na minha. (ORTÊNCIO, 2013 p. 171)

O escritor Curado (2014, n.p), em matéria intitulada “O cinquentenário da estréia literária da poeta Yêda Schmaltz”, publicado no *Jornal Opção*, em junho de 2014 também faz menção à residência da escritora: “Sua casa no aprazível Bairro Feliz era um porto seguro de poesia e arte”. Igualmente, Felício (2020, n.p)., em artigo publicado na plataforma de exposição de ideias *Navegos* registrou “durante décadas, em sua residência (a casa da poesia) no Bairro Feliz, Yêda Schmaltz dedicou-se a produzir uma das mais refinadas e substanciais produções poéticas deste país”; em outra fala na plataforma *Vermelho*, Felício (2010, n.p) teceu as seguintes considerações:

Quanto tempo medido em meses, anos, se passou, desde que a poetisa saiu do bairro Feliz, para a última viagem a São Paulo. Parece que foi ontem, mas fluíram vários janeiros dos dias de susto de viver, em que os médicos lhe disseram que tinha um vaso no cérebro prestes a rebentar. A poetisa saiu da sua casa da poesia [...] para não mais voltar. E bem que desejava voltar para seus filhos, seus amigos, e a poesia, arte que amava e era por ela amada. Estranha ironia: Yêda passava por um surto criativo de tirar o fôlego. Escrevia vários livros ao mesmo tempo, mantendo intenso contato com poetas do país e do mundo, via internet. Não teria sido neste excesso de trabalho que se afogou? Ela mesma alude ao fato, em poema de seu último livro: “Não consigo conter estas palavras/que me vêm como oceanos./Esta casa repleta de palavras/ e cercada/eu nadando aqui dentro/como num sonho-afogada”.

Por ocasião do falecimento da escritora, Teles (2003, 308-309 *apud* GALLI, 2015) escreveu crônica de despedida, intitulada “Yêda, o rouxinol do Bairro Feliz” publicada no jornal *O Popular*. O texto destaca a relação entre a escritora, a poesia e sua casa:

Habitava os horizontes do bairro feliz, voando nas metáforas do encontro e desencontro. Sua casinha, sombreada pelas árvores da nostalgia, foi construída com recursos que a natureza punha em suas mãos: flores, espinhos e muitas penas. Daí o seu canto triste, melancólico, telúrico, voltado para as raízes da terra, canto que extravasava pelos ares, despertando ouvidos e ouvites distantes – É o rouxinol do Bairro Feliz como canta bonito! E o rouxinol, com seus olhos claros e asas esvoaçantes cantando e encantando atraindo olhares orgulhosos das pessoas que viam nele não apenas um pássaro, mas a razão de ser da própria poesia. Pois toda vez que o

rouxinol cantava, os homens sonhavam, viajavam longe nas asas da emoção. E como cantava o rouxinol do Bairro Feliz! Cantava porque sabia que a vida nada mais é do que um nada, um canto melancólico no microfone da dor. E para diluir estados depressivos, buscava aconchego com outros pássaros, cantores como ele, para duetos e saraus, revivendo e cantando a vida que explodia nos mais insignificantes objetos que compõem a natureza. Aí o sertão tão ser, tão nosso, vibrava com seus trinados sensitivos, às vezes tristes, às vezes alegres, contagiando outros pássaros que tentavam imitá-lo. Seus cantos, levados pelas sonoridades musicais, regidas em dó maior, atingiam as mais distantes regiões da sensibilidade desse país antropofágico e até mesmo de outras culturas, daí a facilidade em óperas mitológicas. Durante vários sóis e várias luas, o rouxinol do Bairro Feliz cantou a sua nostalgia, viajando na solidão de si mesmo e, por isso, ganhou fama, chegou às mais distantes florestas da sensibilidade sem sair de sua aldeia, das sombras generosas das árvores que acolhiam o seu mundo. Ali, num cantinho do Bairro Feliz construiu e viveu seu mundo de flores, espinhos e muitas penas. E de se mundo somente sairia quando chegasse o tempo de semear e pudesse seu frágil corpo desintegrar-se no calor metafórico da poesia e fosse suas cinzas esparramadas pelo solo goiano, por esses caminhos de mim, na esperança de que a poesia caia como chuva de ouro no universo rimado do verso: “Neste momento o céu é meu/ o céu deste cerrado! O céu do universo”.

A obra *Amigos Seletos* também traz alguns versos que mencionam a residência, como é o caso do poema “O Flamboyant de uma poeta”, de Miguel Jorge, cujos versos registram:

[...]
E o céu
E o som
E as cores
Pintam de vermelho
Ou de amarelo pálido
A rua 808 nº 89
de Um bairro Feliz
[...]

(SCHMALTZ, 1991, p. 79)

A casa da poesia evidencia comprometimento intelectual de Yêda Schmaltz, valorização da cultura local e ponto de encontro de artistas e ativistas da cultura. Tais elementos expõem a verve educadora de Yêda Schmaltz mesmo fora da sala de aula. Certamente que essa casa merecia uma pesquisa inteira para podermos olhar seus muros, cores, sons e contemplar pelas frestas o quanto de beleza, arte e poesia circulou por lá.

2.7 Estudar e produzir: Grupo de Escritores Novos (GEN)

Entre os grupos, coletivos e espaços que Yêda participou destaca-se o GEN (Grupo de Escritores Novos), que existiu nos anos de 1963 a 1967, e foi fundado por Yêda Schmaltz ao lado de outros cinco jovens escritores/as, Aldair da Silveira Aires, Edir Guerra Malagoni

(Veni), Geraldo Coelho Vaz, Ciro Palmerston Muniz e Tancredo Araújo. Em razão de inicialmente serem apenas seis membros, o grupo se denominava “As seis Janelas”, posteriormente, cogitou-se o nome “Grupo Literário Carlos Drummond de Andrade”, e por fim, é estabelecido o nome GEN (Grupo de Escritores Novos). As primeiras reuniões ocorreram no ateliê de Tancredo, posteriormente passaram a ser realizadas no SESC, onde Schmaltz trabalhava, e em seguida passaram a ocorrer no Conservatório de Música da UFG e em outros espaços culturais. Ao longo dos cinco anos de existência, o grupo chegou a contar com vinte e seis membros/as⁸, destes, cumpre registrar que o total de nove eram mulheres, indicando um espaço majoritariamente composto por homens.

O escritor Bernardo Élis figurou como patrono do grupo, que tinha como objetivo e lema: “estudar e produzir”. De acordo com Godoy (1994), entre poesias, contos, romances e outros, este coletivo publicou mais de oitenta obras e diversos volumes de antologias. Além das publicações, o grupo organizou cursos, concursos literários, noites de autógrafos, debates, conferências e outros eventos culturais no início da década de 1960 em Goiânia e outras cidades de Goiás, promovendo as artes e a literatura no Estado e injetando novo ânimo à literatura produzida no estado.

Outros influenciadores do GEN foram: Colemar Natal e Silva, primeiro reitor da UFG, pelo auxílio em publicações e incentivos gerais ao grupo; a pianista Belkiss Speciere Carneiro de Mendonça, diretora do Conservatório de Música da UFG, por ceder o espaço para diversas reuniões e encontros do grupo; o professor Ático Vilas Boas da Mota, pelos diálogos e por colocar sua biblioteca a disposição do grupo; o jornalista Domiciano de Faria, diretor do Departamento de Estadual de Cultura, pelo auxílio em viabilizar publicações do grupo e na cessão do prédio do Museu Zoroastro Artiaga para reuniões; e Bariani Ortêncio, por se manter ao lado e auxiliar na superação dos entraves encontrados pelo grupo. Também foram apoiadores do grupo o escultor Gustav Ritter, o escritor e crítico literário Fabio Lucas, o professor Jerônimo Geraldo de Queiroz, segundo reitor da UFG, dentre outros. (GODOY, 1994).

Em entrevista de Yêda Schmaltz a Brasigoís Felício, publicada no Jornal *O Popular* em maio de 1985, ao ser indagada sobre as contribuições do GEN na implantação de uma mentalidade mais ousada e mais moderna por parte dos novos escritores goianos, respondeu:

Acredito que o GEN foi muito importante assim como é importante qualquer grupo de jovens autores que se reúnam em torno de um ideal literário. Na época, a união fortaleceu e incentivou a todos. Não sei se o GEN contribuiu para a “implantação de uma mentalidade mais ousada” porque, além da

⁸Para relação completa dos membros do GEN ver *Poemas GEN 30 anos* (1994) p. 9 e 10

timidez própria da nossa pouca idade na época, havia também o grande medo gerado pelo Golpe Militar. O GEN **movimentou** porque as coisas estavam paradas: não **ousou** sob o ponto de vista da inovação literária, mas fomos ousadíssimos ao enfrentar as gerações anteriores bastante fechadas. (SCHMALTZ, 1984b, p. 16, grifos do autor)

Percebemos, a partir da fala de Schmaltz uma consciência crítica sobre o grupo, seus pontos fortes e fracos. Segundo Godoy (1994), todos os eventos culturais goianienses e goianos, a partir de 1963 tiveram a marca do grupo, chamando a atenção inclusive fora do estado. A obra produzida por estes/as jovens acompanhava o que de atual e criativo se escrevia e discutia no país, apresentando como novas possibilidades para a literatura goiana, estudando e produzindo, com olhar atuante sobre a arte, literatura e cultura.

Segundo Elis (1994) uma das características de inovação do grupo era o fato de estarem influenciados e atentos às principais teorias e técnicas literárias em voga no país, o que faltou às gerações anteriores, para as quais inexistiam estudos literários tão importantes, enfatizando estratégias literárias apenas esboçadas pelas gerações anteriores, tais como monólogo interior, pluralidade cênica, corrente de consciência, descontinuidade temporal, entre outros.

O grupo alcançou destaque ao realizar publicações em jornais, suplementos literários e páginas semanais tais como: *4º Poder*, *Diário da Tarde*, *Folha de Goyas*, *Diário do Oeste* e publicações como *Revista do GEN*: nº 1, de novembro de 1966, em que Schmaltz atuou como editora; e *Revista do GEN* nº 2, setembro de 1967, em que assina como redatora chefe. Ambas as edições foram rodadas por Schmaltz no mimeógrafo do Colégio Universitário da UFG, onde trabalhava como secretária, com o incentivo e a autorização da diretora da instituição na ocasião, professora Iracema Caiado de Castro Zilli (OLIVAL, 1994; SCHMALTZ, 1994). Apresentamos página de um destes periódicos no anexo D.

Em coluna publicada no jornal *4º Poder*, assinadas pela redação – de responsabilidade de Bernardo Elis e A. G. Ramos Jubé – em julho de 1963, com o título “Juventude e Poesia”, registraram:

No grupo, parece que representa papel de destaque a bela senhorita Ieda – que é neta do conhecido e saudoso poeta Demóstenes Cristino, autor da *Musa Bravia*; ela trabalha na Biblioteca do SESC e faz dali o pivô em torno do qual gira a confraria. Seu prestígio é tamanho que atrai até mesmo alguns que não são propriamente escritores, mas cuja alma de poeta se sente atraída pela maviosidade dos gestões, pelo tom sonambúlico da voz de Yêda ou pelos olhos sonhadores de Edir, Ah! Quem sabe dos mistérios do mundo! OLIVAL, 1994, p. 26)

A poeta Cora Coralina também teceu comentários sobre o grupo de jovens, no poema “Meu vintém perdido” da obra *Vintém de Cobre: minhas confissões de Aninha* (1987), que contém os seguintes versos sobre o grupo:

Leitores e promoção.
Meu respeito constante, gratidão pelos jovens.
Foram eles, do grupo Gen, cheios de um fogo novo
que me promoveram a primeira noite de autógrafos
na antiga livraria Oió: Jamais os esquecer.
(CORALINA, 1987, p.69.)

O Bazar Oió, também conhecido como Livraria Oió, citado por Cora Coralina nestes versos, foi um importante local da cultura da década de 1950 a 1970. Sediou diversos lançamentos de livros, noites de autógrafos, e se tornou um local onde parte da intelectualidade goiana se reunia. Fundado em 1951 pelo livreiro Olavo Tormin com o auxílio de seu irmão Othelo Tormin, o nome dado ao estabelecimento refere-se à junção das iniciais de seus nomes. Posteriormente a sociedade foi desfeita e Olavo permaneceu como único dono. Além de Cora Coralina, o estabelecimento recebeu também nomes da literatura regional e mundial, intelectuais e artistas plásticos, tais como: Pablo Neruda, José Mauro Vasconcelos, Malba Tahan, e Jorge Amado (MOLO, 2016). A instituição funcionou até 1974, quando encerrou suas atividades devido às perseguições e assédios da ditadura militar (1964-1985).

Segundo Doles e Machado (1998), as instituições culturais da década de 40, 50 e 60, tais como Academia Goiana de Letras, União Brasileira de escritores, Instituto Histórico e Geográfico, Conservatório de Música, Escola de Belas Artes entre outras tinham seus acessos restritos a membros. Este fato, somado ao interesse de diversos grupos emergentes em frequentar espaços culturais na cidade de Goiânia, que vivenciava sua efervescência de movimentos culturais desencadeados pelo batismo cultural de 1942, fez com que surgissem espontaneamente na cidade espaços culturais particulares, entre eles destaca-se o Ateliê Oliveira do artista plástico DJ Oliveira e o anteriormente citado Bazar Oió.

Além do Bazar Oió, que sediou o lançamento de livros do GEN e do ateliê do artista plástico DJ Oliveira, outros espaços também surgiram como ponto de encontro de intelectuais, artísticas, jornalistas, etc. Dentre eles, destacamos o Teatro de Emergência (onde inicialmente funcionou o ateliê de Oliveira) e outros espaços propriamente ocupados pelo Grupo de Escritores novos, entre eles: SESC, Livraria Figueiroa, Livraria Cultura Goiana, Conservatório de Música da UFG, Ateliê do pintor Tancredo de Araujo, parque Lago das Rosas e alguns bares e restaurantes da cidade no setor central, e outros, tais como Paiol, no setor sul e Anjo Azul, próximo ao Lago das Rosas. Estes ambientes eram pontos de encontro

entre os genianos, em alguns deles ocorriam reuniões do grupo, outros funcionavam como local de lazer, conversas, trocas, recitais de poesias, etc. (GOGOY, 1994).

O livro *Poemas GEN 30 anos* (1994), de organização de Heleno Godoy, Miguel Jorge e Reinaldo Barbalho, apresenta antologia dos poemas do grupo, acompanhada de uma série de depoimentos e relatos de seus membros, trinta anos após sua fundação. Estes registros nos apresentam o ponto de vista de cada um de seus ex-integrantes, acompanhados das lacunas, encontros e desencontros, com pontos de confluências e convergências entre si, e são um bom exemplo para reflexão sobre a história e memória. A profusão de diferentes visões sobre o grupo apontada através dos depoimentos de seus ex-integrantes, trinta anos depois, nos mostra como a história não é um passado único e coerente. A partir da memória de cada um desses integrantes é possível escrever histórias diferentes sobre o grupo, privilegiando um ou outro critério ou ponto de vista.

2.8 Outras ações: IGL, colaboração em jornais e atuação em eventos culturais

Yêda Schmaltz também atuou como diretora do Instituto Goiano do Livro (IGL), unidade da Secretaria de Estado de Cultura de Goiás (SECULT-GO), criada no ano de 1965, com sede junto ao Centro Cultural Marietta Telles Machado, na Praça Cívica, desde 1989, e cujo objetivo é a promoção de políticas públicas de incentivo à literatura e divulgação de obras goianas (GOIÁS, 2020). Schmaltz assumiu a direção do instituto em 1999, cargo que ocupou até o ano de 2000, quando deixou a gestão da instituição por questões pessoais, sendo sucedida pelo jornalista e escritor Itamar Pires Ribeiro.

Apesar de ter ficado pouco tempo a frente da instituição, sua gestão foi bastante atuante. Segundo Ribeiro (2011, n.p), o instituto vivenciou “um processo de reestruturação e vivificação empreendido pela escritora Yêda Schmaltz”. Como diretora da instituição promoveu diversas melhorias na entidade: implantou e presidiu o Conselho Editorial, instituiu concursos e oficinas de poesia, criou as coleções literárias: *Karajáe Pali Palã* voltadas para ensaio, conto, poesia e romance; a coleção *Supernova*, voltada ao público infantil e juvenil e a coleção *Aldebarã* de dramaturgia, dentre outras ações (SCHMALTZ, 2000, p. 170). Os nomes escolhidos para as coleções ressaltam aos povos indígenas, o cerrado e a astronomia. Esta escolha, sobretudo, *Karajá*, grupo indígena que habita a região do rio Araguaia e *Pali-Palã*, planta do cerrado do gênero *Paepalanthus*, também conhecida popularmente como “chuveirinho”, demonstram reconhecimento e valorização a elementos e povos da região. Esta preocupação com a valorização do próprio meio sempre se mostrou como uma constante nos projetos políticos e culturais da escritora.

À frente da instituição coordenou também o lançamento de obras importantes para a cultura do estado, dentre elas, destaca-se o livro *Coletânea* (2000) que integra a coleção *Karajá*, de autoria da escritora e educadora goiana Marietta Telles Machado, e que traz uma série de ensaios, crônicas e reflexões sobre diversos temas, além de relatos de viagens de Machado (GÊZA, 1999).

Além de Schmaltz, também estiveram a frente da instituição nomes como o do professor Emílio Vieira das Neves, seu primeiro diretor, dos escritores Ubirajara Galli, Pio Vargas, o já mencionado Itamar Pires Ribeiro e outros. Dentre as políticas de fomento à cultura e à literatura da instituição estão: publicação tanto de autores inéditos quanto renomados e distribuição de exemplares a bibliotecas públicas, instituições culturais. (GOIÁS, 2020).

Schmaltz também participou de eventos culturais em geral seja em espaços literários, de arte, bancas, concursos, feiras, etc. Segundo Santos Junior (2010), participou como comissão selecionadora e como júri em festivais universitários da década de 1970 e 1980, com destaque para a sua participação no *II Festival Universitário da Música Popular Brasileira* (1970), que contou com nomes de projeção nacional como Maestro Gaya no júri, e Ciro Monteiro como júri e convidado especial. Segundo Freire (2018) integrou também o júri do *Prêmio Multinacional Estádio 98*, juntamente com o artista plástico Amaury Menezes, os escritores Miguel Jorge e José Mendonça Teles e a pianista Belkiss Spenziari.

Em divulgação ao *II Festival Universitário de Música Popular Brasileira*, o carioca *Jornal do Brasil*, publicou:

Goiás faz festival de canção - Goiânia (Correspondente) - O Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Goiás realizará, de 18 a 20, o II Festival Universitário de Música Popular Brasileira. Até o momento já estão inscritas 149 composições que serão selecionadas nos dias 5 e 6. Haverá um júri popular e um oficial, este formado por Ciro Monteiro, Hermínio Belo de Carvalho, Paulinho da Viola, Mariozinho Rocha, William Guimarães, José Leal, Isis Mendes e Iêda Schmaltz que escolherão as músicas vencedoras. O festival será transmitido pela Radio da Universidade diretamente do Cine Goiânia. (GOIÁS, 1970, p. 14)

Outras participações em eventos foram: Membro da Banca Julgadora no Setor de Literatura do evento *Grandes Revelações da Mocidade Inhumense* (GREMI), na cidade de Inhumas, nas edições de 1970, 1971, 1972; Membro da Comissão Organizadora da *I Semana Goiana de Poesia Moderna*; membro do Júri do *Concurso de Contos e Poesias* promovido pela Biblioteca do SESC, 1968; criação e direção da Revista *Letras em Curso*, no ICHL/UFG, em 1972; membro da comissão de julgamento do Prêmio Bolsa de Publicações José Décio, 1991; membro da comissão organizadora do *IV Concurso Novos Valores de Literatura da*

Fundação Jaime Câmara em 2001. Foi também convidada a assinar prefácio de algumas obras, e para ser patronesse em eventos, feiras e exposições, dentre outros

Participou também do *Seminário de Literatura Goiana*, organizado pela professora Darcy França Denófrio, em 1985, cujo objetivo era “promover e valorizar o escritor goiano, divulgar as suas obras, efetivando o compromisso da UFG com a realidade regional.” (TELES, 2016, p. 380). Sobre o seminário, em entrevista ao escritor Miguel Jorge, Denófrio relatou:

Tivemos uma mesa redonda com vários autores goianos, entre eles, Bernardo Élis, Carlos Fernando Magalhães e Yêda Schmaltz. Também depoimentos de escritores da UFG. Exposição de livros de autores goianos e lançamentos. Contamos com a presença de José J. Veiga, que veio do Rio de Janeiro e proferiu uma conferência. Vários autores goianos foram estudados, por meio de conferências e comunicações, ou por meio de ambas, tais como Hugo de Carvalho Ramos, José J. Veiga, Gilberto Mendonça Teles, Cora Coralina, Miguel Jorge, Yêda Schmaltz, Carmo Bernardes, Bariani Ortencio e Marietta Telles Machado. Além disto, houve a participação de outras disciplinas das ciências humanas e artes, como foi o caso de conferências dos professores Padre Luis Palacín e Maria Sônia França, da área da História, também dramatização de textos de autores goianos sob responsabilidade da professora Edmar Ferretti, do Instituto de Artes, que contemplou 23 autores goianos, além do paralelo entre literatura e artes visuais em Goiás, a cargo do professor Emílio Vieira das Neves. (TELES, 2016. p. 380)

Rabelo (2021) registrou a participação da escritora na “Feira do Livro Goiano”, evento realizado no Shopping Bougainville, na capital goiana, organizado pela Caixa Econômica Federal e Secretaria de Estado de Cultura, ocorrida no final da década de 1980 (ano incerto), com exposição de 120 títulos e noite de autógrafos de 10 escritores, entre eles, além de Yêda Schmaltz ao lado de Brasigóis Felício, Delermundo Vieira, Edival Lourenço, José Sebastião Pinheiro, Lêda Selma, Miguel Jorge, Pio Vargas, Ubirajara Galli e Valdivino Braz. Material de divulgação do evento:

Figura 9 – Material de divulgação da Feira do Livro Goiano



Fonte: RABELO, 2021.

Rabelo (2021) registrou que Schmalz declamava poemas na rua em frente a livraria Cultura Goiana, do livreiro Paulo Araujo, durante a década de 1970, como forma de divulgação de suas obras. Este fato nos demonstra uma postura ativa despojada de Schmalz, percebida também em outros registros sobre a autora a que tivemos acesso. Além disso, também promoveu a vinda a Goiás de importantes nomes da literatura, dentre eles as poetisas Olga Savary e Astrid Cabral e o professor italiano Gian Luigi Rosa (SILVA; VIEIRA JÚNIOR, 2017).

No início da década de 1960, trabalhou como auxiliar de biblioteca no Serviço Social do Comércio (SESC), onde coordenou grupos de orientação e leitura antes de trabalhar na UFG, no entanto, permanece pouco tempo na instituição, pois pediu demissão em razão do episódio ocorrido, conforme narra em *Poemas do Gen 30 anos* (1994). Nas palavras da escritora:

A Associação Comercial funcionava no andar superior ao SESC. De lá desceu um senhor, dirigindo-se à sala de Direção do SESC, e em seguida fui chamada à sala e a Diretora me comunicou que esse senhor estava fazendo uma denúncia: eu o teria ofendido na Biblioteca com palavras do mais baixo calão. Olhei para ele assustada: nunca o tinha visto na minha vida! (e era uma mocinha egressa de colégio de freiras, não falava nem “bunda”...). Pois, na minha frente, ele insistiu, ele, um senhor de meia idade, com aspecto sério, diante de mim, uma juvenzinha boba, um ninguém que se sentia bastante humilhada. Fui dispensada da sala, e na minha pureza de adolescente, não entendi como é que uma pessoa podia mentir tão descaradamente. Tempos depois, fiquei sabendo que instaurou-se um processo interno no SESC contra mim, no qual eu era acusada de comunista e outras coisas. Tal processo esteve nas mãos do Prof. Jerônimo Geraldo de Queiroz (ex-Reitor da UFG), que era meu professor na Faculdade de Direito da Católica, na época, e ele me informou que, solicitado, deu as melhores informações sobre a minha conduta, o grande mestre! Comunistas em 1964! Presos, torturados e estuprados. Eu não era comunista, não tinha conhecimento para sê-lo, e só pensava em poesia naquela época. Essa história tem outros lances mirabolantes, que até hoje me fazem estremecer de terror, mas que não me interessa relatar aqui. Pois bem, não sei no que deu o tal processo, mas a

minha situação no SESC ficou insustentável. Eu mesma pedi a minha demissão. Demitiram-me do SESC e fui acolhida pelos braços do Prof. Colemar Natal e Silva, que era reitor da UFG, e que me ofereceu um novo emprego. [...] Aí está, a liderança que exerci no SESC incomodava, me fez sofrer e eu a exercia. [...] A situação da mulher não muda: em vez de relatar as flores e amores daquela época, sou obrigada a documentá-la. Afinal, sou Geniana: não genial, mas geniosa (SCHMALTZ, 1994, p. 323,324)

O depoimento da escritora nos apresenta denúncias sobre as opressões que as mulheres sofreram ao longo de anos e sobre o clima de perseguições, censuras e ataques à cultura que se instaurou no país após a tomada do poder por parte dos militares em 1964. Nos mostra também como Schmaltz foi uma mulher ousada, questionadora e que não aceitava os ditos do patriarcado calada, se posicionando e se expressando no mundo.

Yêda Schmaltz também foi membra da União Brasileira de Escritores, secção de Goiás (UBE-GO), desempenhando a função de vice-presidente durante o biênio de 1980 a 1982, quando a chapa intitulada “Renovação”, presidida por Aidenor Aires ganhou o pleito de 1980 contra a chapa, “Atuação”, presidida por Marietta Telles Machado (GALLI, 2015). Foi também membra da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG), onde tomou posse em de maio de 2001, como 2ª titular da Cadeira nº 01 (AFLAG, 2022), e da Academia Goianiense de Letras, como patrona da cadeira nº 24 (MARTINS, 2008a, 2008b).

No jornalismo, exerceu a crítica de arte e literatura para alguns dos principais jornais do estado, entre eles: Suplemento de Literatura “DM Cultura” do jornal *Diário da Manhã*, durante dois anos na década de 1980, sendo na época a única mulher a editar um suplemento literário no estado. À frente do periódico, entrevistou nomes fortes da literatura e cultura goiana, entre eles o professor Colemar Natal e Silva, um dos fundadores da UFG e a poeta Cora Coralina (SCHMALTZ, 1987; BRITTO, 2006; RABELO, 2021). Posteriormente, contribuiu novamente para o mesmo jornal, por quatro meses, no ano de 1996 (SCHMALTZ, 1994). Editou também a página Cultura da *Revista Presença*. (SCHMALTZ, 1987). Foi também editora fundadora do Suplemento literário do jornal *Top news* (GALLI, 2015).

Na militância político-partidária, filiou-se ao PC do B. Em discurso por ocasião do falecimento da escritora, o então Senador Demóstenes Torres destaca: “Militante histórica dos movimentos sociais e literários, Yêda era um dos melhores valores do Partido Comunista do Brasil, o PC do B, e de todas as grandes lutas, mas a política em que mais se destacou foi mesmo a da poesia” (BRASIL, 2003b, p. 11347). Não localizamos maiores informações sobre a militância partidária da escritora. No entanto, conforme informações obtidas em diálogo informal com a família, nos foi dito que a escritora permaneceu pouco tempo no referido partido e tinha preferência pela militância e o ativismo independentes, o que corrobora com a

ausência de maiores registros de sua militância partidária e pode ser notado no curso desta pesquisa.

Manteve três blogs na internet, entre o final da década de 1990 e início da década de 2000: *Maryed*, em parceria com o também escritor Marcos Caiado, cujo nome resulta da junção das iniciais dos nomes dos escritores e faz alusão ao termo inglês *married*, cuja tradução do inglês para o português remete a casado(a), marital, conjugal, matrimonial; e *Noiva d'Água* e *Yeds Egípt Eróticas*, em que hospedava alguns de seus poemas e mantinha contato com leitores/as e outros escritores/as (ALFAYA, 2003).

A relação da escritora com a internet no momento em que esta ainda não havia se popularizado no Brasil demonstra o olhar atento da escritora às mudanças sociais. O discurso do então deputado federal por Goiás, Luiz Bittencourt, na Câmara dos Deputados, por ocasião do falecimento da escritora, observou sua relação com a rede mundial de computadores: “Era uma internauta fanática; construiu belos sites de poesia que ela mesma ilustrava e mantinha contato com poetas de todo o mundo.” (BRASIL, 2003a, p. 4176). Igualmente o fez o então senador da república por goiás Demóstenes Torres, em seus préstimos de despedida a educadora na casa legislativa:

A rede mundial de computadores abriga milhares de textos de Yêda Schmaltz. Ela empregava tempo e talento para facilitar o acesso de pessoas dos mais longínquos cantos a seus versos. Esmerava-se no visual das páginas, com um capricho típico de quem era poeta em tempo integral. Por que Yêda investia horas e horas burilando o texto e, depois, ilustrando-o para colocar seu trabalho na Internet? A resposta estava em sua satisfação por ver os versos do seu jeito. E ela era exigente. (BRASIL, 2003b, p. 11347)

O depoimento de Freitas (2020) sobre o encontro com a escritora em 1999, relatado em tópico anterior, também nos mostra como a internet foi também um dos lugares ocupados pela educadora.

O que esta incursão sobre os espaços públicos ocupados por Schmaltz nos revela são seus lugares de educar: desde a sala de aula, a literatura, a internet, casa da poesia, da direção de instituições públicas, feiras, eventos, relações de amizades, entre outros. Podemos perceber uma educadora para além da sala de aula, com suas inquietudes, transitando entre diferentes gêneros e linguagens artísticas, buscando seu lugar no mundo para além dos socialmente impostos às mulheres em razão de seu gênero.

2.9 Yêda Schmaltz e sua postura intelectual: *Para mim, a arte é expressão, transpiração*

No entorno das décadas de 1960 a 1970, o Brasil e o mundo vivenciaram uma profusão de acontecimentos que abalaram os alicerces das estruturas sociais. A discussão

ontológica do ser mulher de Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (1959), a revolução sexual advinda do movimento hippie da década de 1960, a circulação das ideias da psicanálise que problematizaram a subjetividade provocaram rupturas nos tecidos social e cultural, que levaram a transformações significativas.

A obra de Yêda Schmaltz surgiu em meio a esta sociedade em transição. Se antes as experiências literárias femininas estavam em torno de tradições parnasiana, folclorista, memorialística e da lírica sentimental, próprias do período histórico em que estavam inseridas – como é o caso de *Coroa de lírios* (1906) e *Orquídeas* (1928), de Leodegaria de Jesus e *Pitanga* (1954), de Regina Lacerda, três primeiros livros de poesia publicados em Goiás, antecedentes à obra de estreia de Schmaltz, ou mesmo das movimentações literárias promovidas por mulheres no início do século XX, em periódicos como *A Rosa* (1907) e *O Lar* (1926) –, o que se viu após este período de transformações, foi uma reorganização subjetiva e social dos indivíduos.

Na literatura, segundo Coelho (1991), estas mudanças resultaram em um amadurecimento da consciência crítica da mulher, que, conseqüentemente, provocou o rompimento com a lírica sentimental, fazendo surgir em seu lugar uma literatura épica/existencial, através da qual as mulheres chegaram a uma poética que:

expressa claramente o rompimento da polaridade maniqueísta, inerente à imagem-padrão da mulher, anjo/demônio, esposa/cortesã, “ânfora do prazer”/“porta do inferno”, etc. Em lugar de optar por um desses comportamentos antagônicos, a “nova” mulher assume ambos e revela a ambigüidade inerente ao ser humano (COELHO, 1991, p. 96)

Essa transgressão perpassa grande parte da obra da poeta, e parece transpor-se em um projeto intelectual da autora. Nesta seção, apresentamos alguns elementos que nos referendam esta hipótese.

A superação das dicotomias é um de seus traços fortes e evidentes na lírica yediana, como é o caso do poema “Anima”, da obra *Baco e Anas Brasileiras* (1985), já citado no capítulo anterior. Apresentamos novamente alguns de seus versos para comentar:

Os homens não me entenderam
me quiseram **freira**
ou prostituta
me **estereotiparam**
nunca me aceitaram
no que sou de **santa e puta**

[...]
os homens que não entenderam o amor
que abre o **coração**

junto com as **pernas**.
[...]
(SCHMALTZ, 1985a, p. 104, grifos nossos).

Além do par dicotômico **santa/puta**, o poema traz outros dois: **freira/prostituta** e **amor/sexo**, que é expresso através da metonímia **coração/pernas**. A poeta não realiza a separação entre a temática amorosa e a temática erótica, assumindo outra corporalidade que não corrobora com dualismos. Este traço da obra yediana pode ser percebido também no poema “Balada Simples”, da obra *Tempo de Semear*:

Vou deixar meus velhos livros,
meus ideais de poeta,
ilusões da cor do vinho,
a irresponsabilidade
das carreiras pela chuva,
das madrugadas no bosque,
por causa do meu amor.

Vou deixar os meus colegas
de poemas e brinquedos,
minha coleção de selos,
minhas lembranças guardadas
no fundo de um baú verde,
meus contos da carochinha,
por causa do meu amor.

[...]
Vou fazer cozinhadinho
e lavar roupa na fonte,
vou passar sonhos a ferro
e enxugar esperanças,
vou ter filhos mais bonitos
do que as lágrimas da lua,
vou ficar medíocre e linda,
por causa do meu amor.
(SCHMALTZ, 1969, p. 61- 62)

Esta composição apresenta um jogo provocativo sobre pares dicotômicos, que de forma ampla, podem ser interpretados como **vida de mulher casada/solteira** ou sob outro aspecto **realização amorosa/profissional**, colocando-os como antagônicos e imiscíveis. Segundo Telles (2017), no contexto das transformações ocorridas no século XIX e XX que levaram as mulheres a fazerem-se escritoras, o uso de termos dicotômicos no combate aos dualismos tornou-se uma constante na literatura de autoria feminina, relacionando-se ao contexto histórico da ruptura da posição reificada de musas, para que pudessem ocupar o lugar de criadoras:

À mulher é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação. [...] O que lhe cabe é uma vida de sacrifícios e servidão, uma vida sem história própria. Demônio ou bruxa, anjo ou fada, ela é mediadora entre o artista e o

desconhecido, instruindo-o em degradação ou exalando pureza. É musa ou criatura, nunca criadora. [...] Para poder tornar-se criadora, a mulher teria de matar o anjo do lar, a doce criatura que segura o espelho de aumento, e teria de enfrentar a sombra, o outro lado do anjo, o monstro da rebeldia ou da desobediência. O processo de matar o anjo ou o monstro refere-se à percepção das prescrições culturais e das imagens literárias que de tão ubíquas acabam também aparecendo no texto das escritoras (TELLES, 2017, p. 403-408)

Outro poema da escritora que evidencia suas aspirações filosóficas em torno de sua perspectiva anticartesiana é a composição “Espelho III”, da obra *Alquimia de Nós* (1979):

ESPELHO III (TENTATIVA DE RECONHECIMENTO)

Isto é meu sangue
e foi o amor quem ligou
nossas veias
e o vinho derramou.

Isto é a minha unidade
plena e salgada
–um chamamento encarnado
e líquido.

Isto é meu sangue
preso em veias e artérias,
batendo o coração.
Forma de vida nunca derramada.

Isto é meu ab-o universal
doador-receptor,
RH positivo
sem sífilis, sem cruz,
sem rima com Jesus,
sem peias.
E o vermelho fica azul
nas nossas veias.

E isto não se mede aos litros,
mas ao bater dos sentimentos,
ao correr das emoções,
ao jorrar das luzes,
em ofegante respirar,
em coração batendo.

(É sangue, meu querido,
o que bate no meu ventre
junto ao teu ouvido.)

Isto é o meu sangue,
um elemento, insisto
que por nós derramo.
Nele, ab-o mixto, somos:

vivo porque sonho,
canto porque amo,
– **sinto, logo, existo.**
(SCHMALTZ, 1979, p. 63 e 64, grifos nossos)

Ao afirmar “sinto, logo, existo”, Schmaltz se contrapõe às ideias dualistas de Descartes, para quem o pensamento é a fonte da certeza de existência, sintetizado na máxima “penso, logo, existo”. No poema, ao contrário, *o sentir* implica a existência, negando a ideia de corporalidade cartesiana, segundo a qual “o corpo é uma máquina automotora, um artifício mecânico, funcionando de acordo com leis causais e leis da natureza” (GROSZ, 2000, p. 53)

Segundo Grosz (2000), o pensamento dicotômico necessariamente hierarquiza termos em pares opostos, atribuindo entre eles valores de melhor ou pior. Esta polarização constitui um termo como privilegiado, e o outro, conseqüentemente, como subordinado. Yêda nega esta postura, e não fazia a divisão corpo e alma, conforme podemos perceber no poema. Esta proposta está presente também em outras composições, como é o caso de *A ti, Áthis* em que há uma ridicularização da divisão sagrada masculino e feminino. Neste sentido, Yêda se vincula ao paradigma do/da intelectual moderno/a, que interpela e se opõe às ideologias dominantes através de sua interferência social.

Outra característica de sua postura intelectual, como já abordamos, é a interiorização de questões femininas na literatura, como podemos ver no poema “Óvulo”, da obra *Baco e Anas Brasileiras* (1985). Nesta composição, a poeta aborda a relação do feminino na linguagem de forma provocativa, trazendo elementos do universo feminino para a sua literatura. Instaurando o tensionamento que deseja, abre o poema com epígrafe do livro bíblico de Levítico:

“Tudo sobre que ela se deitar, durante a menstruação, será imundo; e tudo sobre que se assentar, será imundo.” Levítico 15:20

Sangue!
**É preciso pôr
a menstruação na linguagem.**
Estas coisas minhas:
Cólicas,
enxaquecas nas luas cheias.
Uma pele de onça
pintada
e uma rosa cheira,
mas muito cheia de espinhos

**Estas coisas minhas
na linguagem,**
a minha vaidade
de estar menstruada

–filhos, brilhos
vermelhos
na face afogueada.
[...]
(SCHMALTZ, 1985, p.55, grifos nossos).

A postura intelectual da escritora caracteriza-se também por sua consciência sobre a necessidade de “estudar e produzir”, conforme lema do grupo que auxiliou a fundar. Confirma, nesse sentido, registro em entrevista concedida ao professor baiano Aleilton Fonseca, em outubro de 2002. Ao responder se sua poesia advém da inspiração ou do trabalho e da vontade de expressar o mundo em versos, assinalou:

Apesar de trabalhar com o mito, não creio em musas inspiradoras na acepção de séculos anteriores. Para mim, a arte é expressão, transpiração. Penso que não se faz o artista, ele possui um dom inato, que de **nada valerá se não houver estudo, trabalho, exercício, persistência.** Fazer o rascunho de uma ideia é simples e fácil (poiesis); exercer o trabalho artesanal sobre essa mesma ideia é mais complicado (práxis), e sou uma pessoa muito preocupada com esta realização mesmo porque já se escreveu sobre tudo! Então, a minha obra não é o seu assunto, é o meu estilo. Não há Arte onde não exista a perfeita combinação entre técnica e sentimento, você sabe; eles devem diluir-se em perfeita combinação. Enfim, acho que a alma da poesia está na criatividade, na imaginação, na contemporaneidade e na muita paciência, nenhuma pressa. Creio também que a condição fundamental da Arte é a livre afirmação da personalidade. (SCHMALTZ, 2005, n.p grifos nossos)

Nesta mesma perspectiva, em outra oportunidade, Schmaltz afirmou realizar “um esforço a vida inteira para merecer o honroso título de poeta” (LIMA, 2000, p. 5). Estas falas exprimem sua postura intelectual de atividade concreta e material sobre a atuação intelectual e poética, consciente sobre o empenho e a dedicação que lhes são inerentes, rompendo com a lógica da inspiração.

Essas características postuladas aproximam-se das concepções de intelectualidade levantadas pelo professor, crítico literário e ativista político palestino-estadunidense Edward Said, para quem o objetivo da atividade intelectual é promover a liberdade humana e o conhecimento, devendo estar diretamente ligada a um projeto político:

A política está em toda parte; não pode haver escape para os reinos da arte e do pensamento puros nem, nessa mesma linha, para o reino da objetividade desinteressada ou da teoria transcendental. Os intelectuais pertencem ao seu tempo. [...] No fundo, o intelectual, no sentido que dou à palavra, não é nem um pacificador nem um criador de consensos, mas alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações afáveis, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos ou convencionais têm a dizer e sobre o que fazem. Não apenas relutando de modo passivo, mas desejando ativamente dizer isso em público. Nem sempre é uma questão de ser crítico da política governamental, mas, antes, de pensar a vocação intelectual como algo que mantém um

estado de alerta constante, de disposição perpétua para não permitir que meias verdades ou ideias preconcebidas norteiem as pessoas. (SAID, 2005, p. 34-36)

Para Said, o intelectual não deve restringir-se à academia, devendo estar atento aos debates e discussões da realidade na qual está inserido, pois a política é ubíqua e a atividade intelectual é indissociável do contexto histórico, social e regional ao qual se pertence.

Em entrevista a Fonseca (2002), a escritora demonstra consciência sobre sua postura política e seu fazer literário, manifestando ideais que vão ao encontro às de Edward Said. Ao comentar sobre seu lugar de mulher, professora e poeta no Brasil, registrou:

Quase toda a minha obra tem como tema fundamental os problemas da mulher e meu desejo de dignificá-la. **Considero que, para que eu pudesse ter uma carreira literária (e também de professora universitária), foi preciso realmente enfrentar uma luta e ser capaz de resistência.** Ser mulher intelectual em nosso país é ainda difícil e acredito que em Goiás seja um pouco mais. Há, por aqui, um esforço muito grande de inúmeras mulheres, em todas as áreas, mas **o que realmente temos conseguido em atuação objetiva, é um mínimo, principalmente devido à situação social e política do Estado de Goiás, notadamente agropecuário, cheirando a esterco, e trazendo em si, de forma atávica, um machismo rançoso próprio de coronéis e grandes fazendeiros.** A mulher, nesse meio, fica perdida, sem socorro, subalterna; de modo que fica muito mais difícil qualquer tipo de atuação feminina em qualquer área cultural no Estado de Goiás do que, vamos dizer, num Estado como o de São Paulo. (SCHMALTZ, 2005, n.p)

Esta fala evidencia olhar crítico de Yêda sobre seu lugar de mulher intelectual em contraste com a realidade regional goiana, caracterizada por ela como conservadora, coronelista, com um machismo atávico. A essa conjuntura a poeta contrapõe sua prática literária, sobretudo no que diz respeito à luta das mulheres por liberdade, igualdade, segurança e direitos: sobre o próprio corpo, o prazer e o exercício pleno da sexualidade. A consciência da tarefa criadora, do ser-poeta e da condição da mulher nesta sociedade androcêntrica denota uma verdadeira cosmovisão da escritora, alcançando suas vivências, seu magistério, sua vida e obra, configurando uma formulação intelectual importante para a educação e cultura do estado de Goiás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer considerações finais desta dissertação é um desafio, pois Yêda Schmaltz, com suas contradições e enfrentamentos, se inscreveu nos caminhos de si e da história. Ainda que, injustamente, seja pouco conhecida, cantou sedes infinitas, cantou dores e alegrias enquanto fazia poemas coloridos. Por isso e por muito mais, tomamos algumas de suas palavras para deixar esta escrita mais atrevida e menos acadêmica. Temos certeza que ela não se importaria com isso, pois não se trata de apropriar de seu vocabulário de forma invasiva e desrespeitosa, ao contrário, é para chegar perto desta mulher sem aspas, citação, página, ano, cf, apud, et al., et seq., idem, id., ibid, op. cit. e tudo que tira a escrita poética tão cara para Yêda.

Yêda foi uma mulher que viveu boa parte do século XX e pequena parte do século XXI. Suas mais de seis décadas foram vividas intensamente, seja na capital, no interior de Goiás ou em outras terras. A menina de cabelo de milho, que se achava feia, magra, entristecida, que apanhava brincos de princesa na rua do sapo em Ipameri, ousou ser poeta e encontrou várias pedras no caminho, como registrou o mineiro Drummond ao falar de si. No entanto, a marca da desobediência a fez, com passos firmes, abrir portas, entrar sem convites e se prolongarem poemas nada convencionais.

Como um caleidoscópio, movimentou-se em uma sociedade hostil, de raízes patriarcais. Queixou, reclamou, gritou e rompeu com distintas amarras sociais, evocou cantos e ironizou conflitos e preconceitos vividos por ser mulher. Sem fim, nem limite, mostrou sua capacidade nos debates políticos e culturais, nas pinceladas decididas da arte, nas salas de aulas, na imprensa e nos lugares ainda restritos ao mundo masculino. Não mastigou a submissão e nem engoliu as imposições da educação rígida de uma filha de militar. Questionou os padrões vigentes, gritou perguntas de mistérios, rompeu as fronteiras e escreveu com forte identidade feminina o que defendia sobre direitos, liberdade, autonomia e desejos.

Seguiu na direção do sol, na floração dos flamboyants, para construir uma literatura que atalhou estradas. Amadureceu, pagando altos preços, poesias que romperam fronteiras do cerrado. Abriu a janela do sol e andou para a liberdade, para outras paisagens, chovendo miçangas para além do Brasil. Se nas terras goianas foi preterida, seus poemas grandes voaram e seduziram para além dos campos agropecuários da região, pois Yêda, sorratamente, bebia forças para contar histórias de ventos e de brumas.

Assim, publicou, declamou, divulgou, presenteou e com a esperança cantada no cheiro do tempo, fez com que seus livros chegassem em diferentes mãos para serem escutados, manuseados, folheados, lidos e vividos em mensagens tornadas poemas. Em voos simples e

longos, escreveu para si mesma e para um universo variado, que incluía, sobretudo, a juventude que tinha o direito de conhecer a lição das coisas e do vento.

Yêda estudou, leu, fez cursos de graduação, fez direito as letras e se especializou para compreender melhor o que fazia, pois sabia que a arte é expressão, mas, principalmente, transpiração! E que para escrever poesia não basta inspiração, é preciso estudo, trabalho, exercício, paciência e persistência.

Guardou versos para definir as estações e sem esperar o tempo certo, se deu inteira na luta em favor da cultura por onde caminhava. Com olhos no mundo, ocupou seu lugar cavado nas páginas literárias de jornais e de revistas, atrevidamente escreveu críticas, não se poupou e nem poupou ninguém. Foi maior que seu destino, foi terna e pouco silenciosa, entristeceu, agonizou, chorou, brigou, adormeceu de amor, resistiu e seguiu fazendo do afeto o encontro com a juventude fosforescente.

Sua solidariedade intelectual floriu sua própria casa para receber, para juntar, para escrever com mãos coletivas os encantamentos dos sentidos culturais. Educou para além dos muros das instituições escolares, deu ombro, pegou nas mãos, trocou flores e espinhos em um bairro nomeado de feliz. Com giz, canetas, lápis, pincéis, carvão, palavras, broncas, pedras, pintou poesias com a juventude, com colegas literários homens e com a cidade de Goiânia que chamou de “cu do mundo”.

Nasceu no curso da água de Tigipió, em terras pernambucanas, mas foi nas terras goianas que construiu poemas casas, viveu dores latentes, plantou flores nesse chão de ipês, urucuns, alfenins, pequis e outros elementos que nos fazem cerrado.

Fez ofícios, memorandos e certidões, mas gostava mesmo era de escrever poemas azuis e beber a primavera. Cantou Goiânia que era ainda uma flor desabrochando, suas alamedas, ruas, rios e gentes em convite e roteiro, com seus fins de tardes coloridos em que, na copa das árvores, os pardais fazem congressos.

Como mulher escritora teve que enfrentar muitas barreiras. Pôs a menstruação na linguagem, trouxe a sexualidade feminina para a literatura em terras goianas. Cantou a mulher como protagonista do seu desejo, e não mais objeto de um desejo sexual masculino; no caso das relações heterossexuais. Se posicionou contra a sexofobia e a ideia de que mulher não deve verbalizar a sexualidade. Foi tachada, vista com maus olhos, com os olhos do moralismo patriarcal. Semeou caminho para que outras mulheres depois dela pudessem circular melhor pelos espaços, publicar livros, escrever poesias, dissertações, ocupar espaços públicos e exercerem livremente a sua sexualidade.

Recebeu prêmios, títulos, honrarias nacionais e internacionais, em vida e *in memoriam*. Não assinava Oscarlina em seu nome, escolheu ser Yêda, nome forte, de gente que optou por semear a literatura feminina para todas as Anas e Marias brasileiras, reinventou mitos, viveu em anos de chumbo, casou, separou, teve filho e filhas, enfrentou misoginias e moralismos filistinos. Foi estudiosa e ousada. Registramos aqui a sua história. Uma mulher de mãos finas, que sofria, fazia poesia e amava a primavera. Uma mulher do seu tempo, com seus desafios, anseios, indagações, respostas, militância, conciliando vida pessoal com carreira de educadora, ativista, trabalhadora, artista, mãe, cidadã e escritora que sem se importar se as portas estavam abertas ou fechadas, entrou; e, sem se importar se estava sendo amada ou não amada, amou.

REFERÊNCIAS

AFLAG - Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás. **Nossas Acadêmicas - Yêda Schmaltz**. Disponível em: <<https://www.aflag.com.br/academicas/93-yeda-schmaltz>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

AIRES, Eliana Gabriel. **A trajetória da mulher na narrativa curta goiana**. 1989. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1989.

AIRES, Eliana Gabriel. **O conto feminino em Goiás**. Goiânia: Ed. da UFG, 1996.

ALFAYA, Ricardo. Yê, a solzinha, se pôs. **O Escritor - Jornal da UBE**, o 105 - Outubro/2003 – p. 14 Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/OES/OES0310105/0310105_12.PDF. Acesso: em 23 nov 2021

BINES, R. K. O Bandeira o que é? É poeta ou não é?. In: BANDEIRA, Manuel. **Mafuá do malungo**. São Paulo, 2015.

BITTENCOURT, Frederico Luis Domingues. **Ecos de Narciso: leitura do livro Ecos, de Yêda Schmaltz**. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

BLAMIRE, Nery Walderico. Notícias do ICHL, **Informática - Boletim do Curso de Jornalismo do ICHL**, Goiânia, p. 15-18, 1970. Disponível em <<https://pt.calameo.com/read/002985685825312b0b212?page=1>>. Acesso em: 02 fev 2022

BORGES, Rogério. Goiás em versos. **O Popular**, Goiânia, 21 Out. 2002, Cad. Magazine, p2.7.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019

BRANDÃO, Carlos. Yêda Schmaltz estréia na pintura. **Diário Da Manhã**, Goiânia, 04 Nov. 1994.

BRASIL insultado por brasileiros. **O Diário da Noite**. Rio de Janeiro, 13 março 1936. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/221961_01/25972>. Acesso em: 27 mar 2022

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados – **Diário da Câmara Dos Deputados**, Brasília ano 58, 20 maio 2003a, n. 68, p. 21773 a 21774 Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/plenario/notas/ordinari/2003/5/V200503.pdf>. Pronunciamento do Deputado Luiz Bittencourt Acesso em: 21 ago 2022

BRASIL. Congresso Nacional. Senado Federal. **Diário da do Senado Federal**, Brasília, ano 58, n. 61, 16 maio 2003b, p. 11346-11348. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/diarios/ver/836?sequencia=20>. Acesso em: set. 2021. Pronunciamento do Senador Demóstenes Torres Acesso em: 21 ago 2022

BRITTO, Clovis Carvalho. **Sou Paranaíba Pra Cá: Literatura e Sociedade em Cora Coralina.** 2006 Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de Goiás, 2006.

CAMARGO, G. F. O. ; ROSA, O. R. M. ; GUIMARAES, L. B. . Presença da historiografia literária em Goiás. In: CAMARGO, Goiandira Ortiz; BLEYER, Giovana; BUARQUE, Jamesson (Orgs.). **Considerações sobre a poesia goiana.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2018.

CAMARGO, Goiandira Ortiz; BLEYER, Giovana;BUARQUE, Jamesson (Orgs.). **Considerações sobre a poesia goiana.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2018.

CARDOSO, Patrícia. Yêda e sua fase filosófica. **O Popular:** Caderno 2, Goiânia 21 out 1990

CARNEIRO, Caio Porfírio. Um Carrosel de Vida.In: SCHMALTZ, Yêda. **Atalanta.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

CHAVES, Davillas Newton de Oliveira. **A história da UFG:** Região e modernidade (Dissertação) Mestrado em História. Universidade Federal de Goiás. 2011

COELHO, Nelly. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo.** São Paulo: Siciliano, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo.** *Lingua e Literatura* v. 16, n. 19. p. 91 – 101, 1991.

COELHO, Novaes Nelly, A Poeta goiana Yêda Schmaltz.In: SCHMALTZ, Yêda. **Prometeu americano.** Goiânia: Yêda Schmaltz, 1996.

CONTRATO de locação de serviço que, entre si fazem, de um lado, a Universidade Federal de Goiás, representada pelo Magnífico Reitor, Prof. Colemar Natal e Silva, e, de outro lado, Iêda Oscarlina Schmaltz. Goiânia, 28 abril 1964.

CORALINA, Cora. Yêda Minha Jovem Musa. In: SCHMALTZ, Yêda. **Amigos Seletos.** Goiânia: Edições Consorciadas – UBE-GO, 1991.

CORALINA, Cora. **Meu Livro de Cordel:** Poemas e Crônicas. Ed. Cultura Goiana: 1976

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre:** meias confissões de Aninha.Goiânia: Ed. da UFG, 1987.

CRUZ, Maria Aparecida Barros de Oliveira. Imagens de Goiás na poesia goiana. In: CAMARGO, Goiandira Ortiz; BLEYER, Giovana; BUARQUE, Jamesson (Orgs.). **Considerações sobre a poesia goiana.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2018. p. 148-161.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Eu te dedico: História, educação e sensibilidades nas dedicatórias de livros de um professor catarinense (1940-1980). **História Da Educação**, v. 24, p. 1-24, 2020.

CURADO, Bento Alves Araujo Jayme Fleury. O cinquentenário da estréia literária da poeta Yêda Schmaltz. **Jornal Opção**, 07 jun 2014. Disponível em:

<<https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/o-cinquentenario-da-estrela-literaria-da-poeta-yeda-schmaltz-6227/>>. Acesso em: 04 set. 2021

DEBUS, E. S. D.. Caça as bruxas: Lobato na mira da censura. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 32, n.2, p. 145-151, 2001.

DENÓFRIO, Darcy França. De Penélope a Atalanta: o processo de individuação em Yêda Schmaltz. **Signótica**, Goiânia, ano II, janeiro/dezembro, 1990, p. 1-24.

DENÓFRIO, Darcy França. **Hidrografia lírica de Goiás I**. Goiânia: Editora da UFG, 1996.

DICOM/IFG. **Editora IFG lança coletânea de obras que resgatam a memória editorial e literária de Goiás**, 19 de ago 2021. Disponível em: <http://www.ifgoias.edu.br/aluno/17-ifg/ultimas-noticias/25464-editora-colecao-artifices> Acesso em: 28 mar 2022

DUARTE, Constância L. Feminismo e literatura no Brasil. **Revista de Estudos Avançados**, São Paulo, v. 49, p. 81-90, 2003.

EAGLETON, Terry. **The Significance of Theory**. Nova York: Wiley–Blackwell, 1989

ELIS, Bernardo. O GEN – Grupo de Escritores Novos. In:GODOY, H. **Poemas do GEN – 30 anos: depoimentos e antologia**. Goiânia: Kelps, 1994.

FÁVERO, M. L. A., & BRITTO, J. M. (Orgs.). **Dicionário de educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais**. Rio de Janeiro/RJ: Editora UFRJ 2012.

FELÍCIO, Brasigóis. **Noiva da água**. 02 mar 2010 Disponível em: <https://vermelho.org.br/coluna/noiva-da-agua/> Acesso em 07 ago 2022

FELÍCIO, Brasigóis. Yêda Schmaltz: uma estrela da poesia.**Navegos**, 03 de jun 2020 Disponível em: <https://www.navegos.com.br/yeda-schmaltz-uma-estrela-da-poesia/> Acesso em: 04 set 2021

FONSECA, Aleilton Urucumm e Alfenins: Cor e Sabor na Poesia Goiana.In: SCHMALTZ, Yêda. **Urucum e Alfenins**. Goiânia: Editora UFG, 2002

FONSECA, Aleilton. Silêncio na lírica goiana - Entrevista com Yêda Schmaltz. [Entrevista concedida a] Aleilton Fonseca. **Jornal de Poesia**, 17 maio 2005 Disponível em www.jornaldepoesia.jor.br/alei2.html Acesso: em 09 set 2021

FREIRE, Luciana Bueno de Alvarenga. **Belkiss Spenzieri**: uma fotobiografia (1928-2005). Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Goiás, 2018.

FREITAS, L. [@lucianofreitas.me]. **O ano era 1999...** Goiânia, 28 de outubro de 2020. Instagram. [lucianofreitas.me](https://www.instagram.com/p/CG5D7HiBsAS) Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CG5D7HiBsAS> Acesso em: 04 abril 2022

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**: da metade do século XIX a meados do século XX. São Paulo: Duas cidades, 1978.

GALLI, Ubirajara. Yêda Schmaltz Destacada Voz da Poesia Feminina de Goiás de Todos os Tempos. In: MOREIRA, H. (Org.). **Memórias de nossa gente**. v. 2. Goiânia: Ed. SICOOB, 2015

GENETTE, G. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GODOY, H. **Poemas do GEN – 30 anos: depoimentos e antologia**. Goiânia: Kelps, 1994.

GOIÂNIA Câmara Municipal De Goiânia. **Lei nº 6.699**, 08 dezembro de 1988. Concede título de cidadão goianiense à Escritora Yeda Schmaltz. Disponível em: http://www.goiania.go.gov.br/html/gabinete_civil/sileg/dados/legis/1988/lo_19881208_000006699.html Acesso em 29 março 2022

GOIÁS faz festival de canção. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1970 Caderno 1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/193590 p. 14

GOIÁS. Assembléia Legislativa do Estado de Goiás **Lei nº 13.486**, de 20 de agosto de 1999. Concede título de cidadã goiana a Ieda OscarlinaSchmaltz. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/go/lei-ordinaria-n-13486-1999-goias-concede-titulo-de-cidada-goiana-a-ieda-oscarlina-schmaltz> Acesso em 29 março 2022

GOIÁS. **Secretaria de Estado de Cultura**. Governo do Estado de Goiás. Instituto Goiano do Livro. Disponível em: <https://www.cultura.go.gov.br/index.php/centros-culturais/todas-as-unidades/2-institucional/2252-instituto-goiano-do-livro> 17 Janeiro 2020 Acesso em 9 set 2021

GRANTS, Andréa Figueiredo Leão. **(Des)arquivar biografemas: a biblioteca de Cora Coralina** Tese (Doutorado em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, 2016.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados, **Caderno Pagu**, nº 14, p. 45-86, 2000.

GULLAR, Ferreira. **Corpo a Corpo com a Linguagem**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 1997

HOHLFELDT, Antonio. A aparente eternidade se revela. In: SCHMALTZ, Yêda. **Baco e Anas brasileiras**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1985, p. 09-17.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. ARAUJO, Lucia Nascimento. **Ensaistas Brasileiras**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993

hooks, bel. Intelectuais Negras. **Estudos Feministas**, ano 3, p. 464-478, 1995.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Anuário Estatístico do Brasil - 1950** - Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do IBGE. 1951. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1950.pdf. Acesso em: 26 JAN. 2022

INCENTIVO ao escritor Goiano in **UFG/INFORME Nº 63** 19 maio 1978 p. 1, 1978 Disponível em <<http://200.137.215.17/uploads/r/centro-de-informacao-documentacao-e-arquivo-da->

ufg/6/b/4/6b49335ae776b95a777abe60a76d089dfd3eb5d6ea242464c7680a87380332e3/1978_Informe_63_Ag_ncia_Universit_ria.pdf>. Acesso em 21 ago 2022

INHUMAS. **Lei nº 2985**, de 23 de abril de 2015 cria e denomina Casa de Cultura e Museu de Inhumas - Major WilfridoSchmaltz, Inhumas, 2015 Disponível em: <http://inhumas.go.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/LEI-N%C2%BA-2.985-CRIA-E-DENOMINA-CASA-DE-CULTURA-E-MUSEU-DE-INHUMAS-MAJOR-WILFRIDO-SCHMALTZ.pdf> Acesso em 28 de março de 2022

KAMILA. A notícia é mulher. **O Jornal do Rio de Janeiro**, 18 set 1969. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/110523_06/77362> Acesso em 18 ago 2022

LIMA, Ivair. Yêda lança novo livro de poesias. **Diário Da Manhã**, Goiânia, 08 Nov. 2000, P.5.

LIMA, Leila Maria Alves de. **A construção da imagética em Yêda Schmaltz sob a perspectiva de Gaston Bachelard**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária). Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2009.

LOPES, Cloves Trindade. **Os nós de ‘A alquimia dos nós’**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1989.

LOPES, Maria Angélica Guimarães. Janelas da alma: olhar o amado e o olhar do amado em Baco e as Anas brasileiras de Yêda Schmaltz, **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 303-319, 1998.

LUIGI ROSA, Gian. Arquétipo mitológico na escrita de Yêda Schmaltz. In: SCHMALTZ, Yêda. **Vrum**. Goiânia: Edição da autora, 1999. p. 67-80.

LUIGI ROSA, Gian. **Poesia e protesta, um caso brasileiro: Yêda Schmaltz**. In: Annali U. Orientale – Sezione Romanza XLII, 2, Napoli: Aion, 2000. p. 707-726.

MACHADO Maria Cristina Teixeira; DOLES Dalisia Elizabeth Martins. In: MENEZES, Amaury. **Da Caverna ao Museu: Dicionário das Artes Plásticas em Goiás**. Goiânia: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira. 1998.

MARIA, Gêza. IGL Lança Livros de Autores Goianos. **O Popular**, Goiânia, 09 jul. 1999, cad. 2, p.6.

MARIA, Gêza. Yêda Schmaltz Faz Releitura do Amor. **O Popular**, Goiânia, 08 Nov. 2000, Cad. 2, p.7.

MARTINS, Mário Ribeiro. **Dicionário Bibliográfico de Membros da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás**, Goiânia, Kelps, 2008a.

MARTINS, Mário Ribeiro. **Dicionário Bibliográfico de Membros da Academia Goianiense de Letras**, Goiânia, Kelps, 2008b.

MELO, Carolina, Reitor da UFG recebe o poeta Gilberto Mendonça Teles 21/09/18 Disponível em: <https://www.ufg.br/n/109838-reitor-da-ufg-recebe-o-poeta-gilberto-mendonca-teles> Acesso em 09 ago 2022

MENEZES, Amaury. **Da Caverna ao Museu**: Dicionário das Artes Plásticas em Goiás. Goiânia: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira. 1998.

MINISTERIO da Guerra **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 de julho de 1948, p. 6 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/42517 Acesso em 29 março 2022.

MOLLO, Lúcia Tormin. **Bazar Oió**: uma livraria, um livreiro e um campo literário. Dissertação (Mestrado em Literatura), Universidade de Brasília, 2016.

MONTEIRO, Silvana. Morre Yêda Schmaltz. **O Popular**: Caderno Cidades, Goiânia 11 maio 2003.

MORAES, Renata Ribeiro de. **“Para João Antônio, pela força aos novos e à literatura”**: dedicatórias como elementos constituintes de um projeto literário. Tese (Doutorado em Letras) UNESP – Universidade Estadual Paulista Assis, 2014.

MORAES, Renata Ribeiro de. **Estudo e sistematização das dedicatórias recebidas pelo escritor João Antônio**. Relatório final referente à bolsa de Iniciação Científica apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, Assis 2001.

MOURA, Antônio José de. Yêda ganhou? Viva Yêda! **O Popular**, p. 2, Goiânia 11 dez 1995.

NETTO, Medeiros. Sociedade, **Correio braziliense**, 29 de julho de 1969, número 2950 Brasília, 1969 Acesso em: 26 março 2022 Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/43535.

NOLETO, Laurence Costa. Com quantas chuvas se faz uma flor, **Informática - Boletim do Curso de Jornalismo do ICHL**, Goiânia, 1970 Disponível em: <https://editoranaves.com.br/revista-informatica/>. Acesso em 02 fev 2022

NOTÍCIAS do Exército, **Diário de Notícias**, 31 março de 1954, Rio de Janeiro Primeira Seção, Quinta Página Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/31338 Acesso em 29 março 2022

NOVOS soldados para a pátria! **Correio de Uberlândia**: Diário Independente, 22 de dezembro de 1948. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/830470/3719> Acesso em 29 março 2022

NUNES, Margareth. **A Imprensa Universitária da UFG**: políticas editoriais e formação do campo da cultura em Goiás (1962-1982). Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018

OLIVAL, Moema de Castro e Silva. **GEN**: um sopro de renovação em Goiás. Goiânia: Kelps, 2000.

OLIVAL, Moema de Castro e Silva. **O espaço da crítica**: panorama atual. Goiânia: Editora UFG, 1998.

OLIVAL, Moema de Castro e Silva. **O espaço da crítica II: Crônica: Dimensão literária e Implicações Dialéticas**: Goiânia: Editora UFG, 2002.

OLIVAL, Moema de Castro e Silva. **O espaço da crítica III: desdobramentos**. Goiânia: Editora UFG, 2009

OLIVAL, Moema de Castro e Silva. O GEN e a Cultura em Goiás. In: GODOY, H. (Org.). **Poemas do GEN – 30 anos**: depoimentos e antologia. Goiânia: Kelps, 1994.

ORTENCIO, Waldomiro Bariani. **Cozinha Goiana**. Edição Especial, Goiânia: Ed. Kelps, 2013.

PALESTRA Enfoca obra de Yêda Schmaltz. **O Popular**, Goiânia, 08 Out. 1999, Cad. 2, p.6.
PEÇANHA. Oziel. Correio da Manhã, 16 de setembro de 1969, 2º caderno p. 4
http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/103921 p. 4

PEIXOTO, Patrícia Rodrigues Luiz. **O educandário Nossa Senhora Aparecida - Ipameri-
GO (1936-1969)**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2013.

PEIXOTO. Rodrigo. Arte Contemporânea de Yêda Schmaltz, **O Popular** Goiânia, 08 dez. 1997

PEREIRA, C. E. S. “Nada consta!”: uma perspectiva historiográfica sobre o atestado de ideologia política (1931-1952 e 1967-1979). **Oficina do Historiador** , v. 12, p. 34138, 2019.

PERROT, M.O silencio do Corpo da Mulher. In: PERROT, M. **O Corpo feminino em debate**São Paulo: Unesp, 2003

PESSOA, Cleovane.**Poesia feminina, Tortura e Vinho**. 11 jul 2009. Disponível em <http://todosnosotros-clevane.blogspot.com/2009/07/poesia-feminina-tortura-e-vinho-clevane.html> Acesso em 21 ago 2022

PIMENTA, Josani Keunecke. **As canções de Camargo Guarnieri e Suzanna de Campos**: um estudo para a interpretação. 2015. 2 v. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes., 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/127816?show=full>

PROMOÇÕES de junho, As. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 27 de junho de 1848 Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/39571> Acesso em 29 março 2022

PROMOÇÕES do Exército **Correio da Manhã**. 31 março de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/35228> Acesso em 29 março 2022

RABELO, M. C. B **O rastro no poema: a poesia de Darcy França Denófrío e Pio Vargas** Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

REIS, Carlo. **Dicionário de Estudos Narrativos**. Almedina: Coimbra, 2018

REPRESENTAÇÃO, feminina e os avanços na legislação (2018) **Câmara dos Deputados/Cedi**, Agência Câmara e do sítio do TSE. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/546180-a-representacao-feminina-e-os-avancos-na-legislacao/> Acesso em: 29 março 2022

RIBEIRO, Itamar Pires. O senhor dos dragões. [Entrevista concedida a] Ademir Luiz. **Vermelho**, Goiânia 14 out 2011 Disponível em <https://vermelho.org.br/2011/10/14/o-senhor-dos-dragoes/>

RICCIARDI, Giovanni. **Biografia e criação literária**: entrevista com escritores de Goiás. Goiânia: Kelps, 2009.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as conferências de Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS JÚNIOR, H. **Identidade e distinção a MPB em Goiás**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Goiás. 2010

SANTOS, Alaor Barbosa et al. **Poesias e contos bacharéis**. Goiânia: UFG 1966.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n.2, p. 35-50, 2004.

SCHMALTZ, Yêda. **A forma do coração**. Goiânia: Bolsa de publicações José Décio Filho, 1990.

SCHMALTZ, Yêda. **A ti Áthis**. Goiânia: Secretaria de Cultura da Prefeitura de Goiânia, 1988.

SCHMALTZ, Yêda. **Alquimia dos nós**. Goiânia: Unigraf, 1979.

SCHMALTZ, Yêda. **Amigos Seletos** (antologia). Goiânia: Edições Consorciadas – UBE-GO 1991

SCHMALTZ, Yêda. **Anima Mea**. Goiânia: Edição Marginal, 1984a

SCHMALTZ, Yêda. **Atalanta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987

SCHMALTZ, Yêda. **Baco e Anas Brasileiras**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1985a

SCHMALTZ, Yêda. **Caminhos de mim**. Goiânia: ETG, 1964

SCHMALTZ, Yêda. **Caminhos de mim** (Coleção Artífices) Goiânia: Editora IFG, 2021

SCHMALTZ, Yêda. **Ecos - a jóia de Pandora**. Goiânia: Kelps, 1995.

SCHMALTZ, Yêda. **Miserere** (contos) Rio de Janeiro: Antares, 1980

SCHMALTZ, Yêda. **Noiva água**. Goiânia: Kelps, 2006

SCHMALTZ, Yêda. **O Peixenauta**. Goiânia: Anima, 1983a

- SCHMALTZ, Yêda. **O peixenauta**. Goiânia: Oriente, 1975.
- SCHMALTZ, Yêda. **Os procedimentos da Arte**. Goiânia: UFG, 1983b
- SCHMALTZ, Yêda. **Prometeu americano**. Goiânia: Kelps, 1996
- SCHMALTZ, Yêda. **Rayon**. Goiânia: FUNPEL, 1997
- SCHMALTZ, Yêda. **Secreta Ária**. Goiânia: Cultura Goiana, 1973
- SCHMALTZ, Yêda. **Tempo de semear**. Goiânia: Cerne, 1969
- SCHMALTZ, Yêda. **Urucum e Alfenins**. Goiânia: Editora UFG, 2002
- SCHMALTZ, Yêda. **Chuva de Ouro**. Goiânia: Editora UFG, 2000
- SCHMALTZ, Yêda. **Vrum**. Goiânia: Edição da autora, 1999
- SCHMALTZ, Yêda. O GEN. In: GODOY, H. **Poemas do GEN – 30 anos: depoimentos e antologia**. Goiânia: Kelps, 1994.
- SCHMALTZ, Yêda. Entrevista com a poetisa Yêda Schmaltz [Entrevista concedida a], Elciene Spencieri. In: SPENCIERI, Elciene **O apolíneo e o dionisíaco em Yêda Schmaltz e Estércio Marques Cunha**. Goiânia: UCG: Kelps, 2009b.
- SCHMALTZ, Yêda. Os que escrevem nas horas vagas têm vergonha de serem poetas - Entrevista com Yêda Schmaltz. [Entrevista concedida a] Brasigóis Felício **Jornal O Popular**, 11 maio 1984b
- SCHMALTZ, Yêda. Silêncio na lírica goiana - Entrevista com Yêda Schmaltz. [Entrevista concedida a] Aleilton Fonseca. **Jornal de Poesia**, 17 maio 2005 Disponível em www.jornaldepoesia.jor.br/alei2.html Acesso em 09 set 2021
- SCHMALTZ, Yêda. Yêda Schmaltz [Entrevista concedida a] Giovanni Ricciardi. **Biografia e criação literária: entrevista com escritores de Goiás**, Goiânia, Kelps, 2009a.
- SCHMALTZ, Yêda. Yêda Schmaltz: “A amargura faz crescer a barriga”. **Jornal Cacau/Letras**. Entrevista/Poesia. Itabuna/Bahia, 1985b
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Na literatura, mulheres que reescrevem a nação. In: Heloisa Buarque de Hollanda. (Org.). **Pensamento Feminista Brasileiro**. 1a.ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, v. 1, p. 65-79.
- SCULL, Andrew. **Hysteria: The Biography**. New York: Oxford University Press, 2009
- SELKE, R. C.. Monteiro Lobato e seus críticos. In: ANPUH - XXIII **Simpósio Nacional de História**. 2015. Florianópolis. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios, 2015. Disponível em:

[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433691454_ARQUIVO_MonteiroLobat_oseuscriticosANPUH2.pdf]. Acesso em 27/03/2022.

SILVA, Danielly Jacinto. **Gilka Machado, Yêda Schmaltz e Olga Savary: Erotismo e Discurso feminista na poesia erótica de autoria feminina.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras). Pontifícia Universidade Católica, 2021

SILVA, I. C. ; SIQUEIRA, M. S. S. Patrimônio e Memória: a experiência da incorporação da biblioteca particular de Gilberto Mendonça Teles pelo Sistema de Bibliotecas da UFG. In: **XXI Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias SNBU 2020**, 2022, Goiânia, GO. Anais do XXI Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 07 a 10 de dezembro de 2021, 2022. p. 96-108.

SILVA, Simone Cristina Schmaltz de Rezende e; VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. Yêda Schmaltz. In: VALDEZ, Diane. (Org.). **Dicionário de educadores e educadoras em Goiás: séculos XVIII-XXI.**Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2017. p. 602-608.

SOARES, Angélica. Consciência literária do erotismo e consciência erótica do literário: uma irresistível atração. In: SOARES, Angélica. **A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira.** Rio de Janeiro: Difel, 1999. p. 38-40.

SPENCIERI, Elciene. **O apolíneo e o dionisíaco em Yêda Schmaltz e Estércio Marques Cunha.** Goiânia: UCG: Kelps, 2009.

TELES, Gilberto M. **Estudo goianos I: a poesia em Goiás.** Goiânia: Ed. da UFG, 1964.

TELES, Gilberto M. **Estudo goianos II: a crítica e o princípio do prazer.** Goiânia: Ed. da UFG, 1995.

TELES, Gilberto M. **Sociologia Goiana.** Goiânia, Kelps, 2004.

TELES, Gilberto Mendonça (Org.). **O lado alado da poesia e da crítica.** Goiânia: Cãnone editorial, 2016

TELES, José Mendonça. Metáfora de Goianida. In: SCHMALTZ, Yêda. **Secreta árida.** Goiânia: Editora UFG, 2002

TELES, Jose Mendonça; SCHMALTZ Ieda; JORGE, Miguel. **Poesias e contos bacharéis II** Goiânia: Oriente, 1976.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del (Org.) **História das mulheres no Brasil.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2017 p.401-442.

TIETZMANN SILVA, Vera M. Apolo e Baco no vanguardismo de Yêda Schmaltz. **Cadernos de Letras - Série Literatura Goiana.** Goiânia, nº 03, 1987, p. 33-52.

TIETZMANN SILVA, Vera M. Penélope questionada – o tema do fio em Yêda Schmaltz. **Signótica,** Goiânia, ano 2, janeiro/dezembro, 1990, p. 175-189.

TURCHI, Maria Zaíra. O Desvelamento de uma Linguagem em Yêda Schmaltz. **Letras em Revista**, Goiânia, v. 1, jan/jun, 1990, p. 81-92.

VALDEZ, D.; ALVES, Miriam Fábila. Espaços de educar: biografias femininas e ensino de história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, p. 01-20, 2019.

VIDA Militar. Boletim da Diretoria do Pessoal. Movimentação de Oficiais Arma de Infantaria: Transferências, 29 de abril de 1950. p. 11 **A Manhã**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116408/48339> Acesso em 29 março 2022

VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. A mulher escrita e inscrita nas letras goianas. In: SCHMALTZ, Yêda. **Caminhos de mim** (Coleção Artífices). Goiânia: Editora IFG, 2021.

VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. A poesia de autoria feminina em Goiás: Caminhos da tradição em Yêda Schmaltz. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico** (Online), v. 188, p. 132-141, 2017a

VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. Caminhos poéticos de Yêda Schmaltz: a construção de um estilo. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, p. 295-310, 2017b

VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. Entre o pessoal e o histórico: as epígrafes na obra de Yêda Schmaltz. **Linguagem. Estudos e Pesquisas (UFG)**, v. 19, n. 2, p. 191-210, 2015.

VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. **Eros reinventado**: uma leitura da poesia de Yêda Schmaltz. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. Penetrações supremas: o diálogo intersemiótico entre os versos e as ilustrações em Baco e Anas brasileiras, de Yêda Schmaltz. **Revista de estudos literários da UEMS**, v. 17, p. 303-331, 2017c

VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. **Uma escrita sustentada pela paixão**: a poesia erótica de Yêda Schmaltz. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. **Uma escrita sustentada pela paixão**: a poesia erótica de Yêda Schmaltz. Cegraf UFG, 2022

VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. Yêda Schmaltz: balanço da fortuna crítica. **Vocábulo Revistas de Letras e Linguagens Midiáticas**, v. 10, 2016.

YUNES, Eliana. Monteiro Lobato. Um ativista da educação combatido pela Igreja. [Entrevista concedida a] Gilda CARVALHO. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos** 01 dez 2008 EDIÇÃO 284 São Leopoldo Disponível em <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao284.pdf> São Leopoldo, 01 de dezembro de 2008, edição 284

APÊNDICE A - LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO INICIAL

Obra	Autor e ano	Tipo	Instituição/ Editora
Os nós de “A Alquimia dos nós”	Lopes (1989)	Dissertação	UFG
A trajetória da mulher na narrativa curta goiana.	Aires (1989)	Dissertação	UFG
Ecos de Narciso: leitura do livro Ecos, de Yêda Schmaltz.	Bittencourt (2009)	Dissertação	UFG
Eros reinventado: uma leitura da poesia de Yêda Schmaltz	Vieira Júnior (2009)	Dissertação	UFG
A Construção da Imagética em Yêda Schmaltz sob a perspectiva de Gaston Bachelard	Lima (2009)	Dissertação	UCG
Biografia e Criação literária. Vol. 4: Entrevistas com escritores de Goiás	Ricciardi (2009)	Livro	Kelps
Uma escrita sustentada pela paixão: A poesia erótica de Yêda Schmaltz	Vieira Júnior (2014)	Tese	UFG
Destacada Voz da Poesia Feminina de Goiás de Todos os Tempos in Memórias de nossa gente: volume II	Galli (2015)	Livro	Ed. Hélio Moreira – SICOOB
YêdaSchmaltz in Dicionário de Educadores e Educadoras em Goiás: Séculos XVIII e XXI	Silva e Vieira Júnior (2017)	Livro	Ed.Imprensa Universitária
Representação do amor e do erotismo nos contos de miserere de Yêda Schmaltz	Cunha (2020)	Dissertação	UFCAT
Silêncio na lírica goiana - Entrevista com Yêda Schmaltz	Fonseca (2005)	Blog	Jornal de Poesia
Gilka Machado, Yêda Schmaltz e Olga Savary: erotismo e discurso feminista na poesia erótica de autoria feminina	Silva (2021)	TCC	PUC-GO

APÊNDICE B
TRAJETÓRIA RESUMIDA DA VIDA DE YÊDA SCHMALTZ

DATA	INFORMAÇÃO
1941	Os pais, WilfridoSchmaltz e Maria de Lourdes Cristino Schmaltz, se mudam, com a mãe grávida, de Ipameri (GO) para Recife (PE)
1941	Nascimento em 08/11/1941 em Recife (PE)
1941	Passou a primeira infância na capital Rio de Janeiro, no bairro do Catete
1948	A família retorna para Ipameri (GO), local de residência das famílias materna e paterna
1950	Após o falecimento da mãe passa a morar com os tios Leonardo Cristino e Lúcia por cerca de 2 anos
1962	Morte do avó Demóstenes Cristino (grande influenciador)
1963	Funda o GEN (Grupo de Escritores Novos), ao lado de nomes como Heleno Godoy, Miguel Jorge e outros que tem sua dissolução em 1968/69
1964	Lançamento da obra <i>Caminhos de mim</i> (poesia)
1964	Começa a trabalhar na UFG em funções administratvas
1966	Bacharelou-se em Direito pela Universidade de Goiás, posterior UCG e atualmente PUC-GO
1969	Lançamento da obra <i>Tempo de semear</i> (poesia
Ano Incerto	Editora fundadora do Suplemento Literário do jornal <i>Top News</i>
1972	Inicia o curso de Letras Vernáculas no Instituto de Ciências Humanas e Letras da UFG
1973	Passa a assinar Yêda Schmaltz
1973	Foi professora de Teoria da Literatura na UCG até o ano de 1974
1973	Contratada para trabalhar como auxiliar de ensino no Intitulo de Artes da UFG
1973	Passou a trabalhar como professora do Instituto de Artes da UFG, até sua aposentadoria no incio da década de 1990
1973	Lançamento da obra <i>Secreta ária</i> (poesia)
1975	Bacharelou-se em Letras Vernáculas pela UFG
1975	Lançamento da obra <i>O peixenauta</i> (poesia)
1977	Forma-se no curso de Letras Vernáculas na UFG
1979	Lançamento do livro <i>Alquimia de Nós</i>
1979	A alquimia dos nós (poesia)
1980	Lançamento da obra <i>Miserere</i> (contos)
1983	Lançamento da obra <i>O peixenauta</i> (poesia)
1983	Lançamento da obra <i>Os procedimentos da arte</i> (ensaio)

DATA	INFORMAÇÃO
1984	Lançamento da obra <i>Anima mea</i> (antologia)
1985	Editou o Suplemento do jornal <i>Diário da Manhã</i> até o ano de 1987
1985	Lançamento da obra <i>Baco e Anas brasileiras</i> (poesia)
1987	Lançamento da obra <i>Atalanta</i> (contos)
1988	Lançamento da obra <i>A ti, Áthis</i> (poesia)
1990	Lançamento da obra <i>A forma do coração</i> (poesia)
1991	Aposentou-se como professora da UFG
1996	Editou o Suplemento do jornal <i>Diário da Manhã</i>
1996	Lançamento da obra <i>Prometeu americano</i> (poesia)
1996	Lançamento da obra <i>Ecos: a jóia de Pandora</i> (poesia)
1997	Lançamento da obra <i>Rayon</i> (poesia)
1999	Assume a direção do IGL até 2000
1999	Lançamento da obra <i>Vrum</i> (poesia)
2000	Lançamento da obra <i>Chuva de ouro</i> (poesia).
2002	Lançamento da obra <i>Urucum e alfenins</i> (antologia - seleção de poemas dos livros <i>Caminhos de mim</i> , <i>Secreta ária</i> , <i>O peixenauta</i> , <i>A Alquimia de nós</i> , <i>A forma do coração</i> , <i>Baco e Anas brasileiras</i> , <i>Prometeu americano</i> , <i>Ecos</i> , <i>Chuva de ouro</i> e inéditos). Editora da UFG
2003	Falecimento na cidade de São Paulo-SP em 10/05/2003, aos 61 anos, em decorrência de complicações de uma cirurgia de aneurisma
2006	Lançamento póstuma da obra <i>Noiva da água</i> (poesia). Goiânia, Kelps, Ed. da UCG, 2006.

APÊNDICE C - ENTREVISTAS CONCEDIDAS POR YÊDA SCHMALTZ

TÍTULO DA ENTREVISTA	JORNAL/ LIVRO
A amargura faz crescer a barriga	Jornal Cacau/Letras (1985)
Os que escrevem nas horas vagas têm vergonha de serem poetas	Jornal O Popular (1984)
Silêncio na lírica goiana	Jornal da Poesia (2005)
Yêda Schmaltz	Biografia e criação literária: entrevista com escritores de Goiás (2009)
Apêndice - Depoimento sobre a criação artística: Entrevista com a poetisa Yêda Schmaltz	O Apolíneo e o Dionisíaco em Yêda Schmaltz e Estercio Marquez Cunha (2009)
Com quantas chuvas se faz uma flor	Informática - Boletim do Curso de Jornalismo do ICHL da UFG (1970)

ANEXO A - OBRAS DA AUTORA, PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIAS E PREMIAÇÕES

Obras da autora

- *Caminhos de mim* (poesia). Goiânia. Escola Técnica Federal de Goiás, 1964
- *Tempo de semear* (poesia). Goiânia. Cerne, 1969
- *Secreta ária* (poesia). Cultura Goiana. Goiânia. 1973
- *O peixenauta* (poesia). 1. ed. Goiânia. Oriente 1975; 2. Ed. Goiânia Anima, 1983
- *A alquimia dos nós* (poesia). Goiânia: Secretaria de Educação e Cultura, 1979
- *Miserere* (contos) Rio de Janeiro. Antares, 1980
- *Os procedimentos da arte* (ensaio) Goiânia. Ed. UFG, 1983.
- *Anima mea* (antologia). Goiânia. Editora marginal Anima, 1984
- *Baco e Anas brasileiras* (poesia). Rio de Janeiro. Achimé, 1985
- *Atalanta* (contos) Rio de Janeiro. José Olympio, 1987.
- *A ti, Áthis* (poesia). Goiânia, Secretaria Municipal de Cultura, 1988
- *A forma do coração* (poesia). Goiânia, Cerne. 1990
- *Prometeu americano* (poesia). Goiânia, Kelps, 1996
- *Ecos: a jóia de Pandora* (poesia). Goiânia, Kelps 1996
- *Rayon*(poesia). Goiânia, Cerne Funpel, 1997
- *Vrum* (poesia). Goiânia: Edição da Aatoria, 1999
- *Chuva de ouro* (poesia). Goiânia: Ed. UFG, 2000
- *Urucum e alfenins* (antologia). Ed. UFG, 2002
- *Noiva da água* (poesia). Goiânia (publicação póstuma), Kelps, Ed. da UCG, 2006.

Participações em Antologias

- *A poesia em Goiás* (estudo/antologia). Goiânia, Ed. da UFG - Teles, G. Mendonça, p. 449-452. 1964
- *Poesias e contos bacharéis* (poesia e conto). Goiânia, Ed. da UFG - p. 39-46. 1966
- *Semana goiana de poesia moderna I* (poesia). Goiânia, Dep. Estadual de Cultura, p. 15. 1966
- *Poemas do GEN* (poesia). Goiânia, Livraria Brasil Central Editora, p. 69-81. 1966
- *A cor da onda por dentro*, (poesia para crianças). Recife, PE, Edições Pirata - Hortas, Maria de Lourdes, p. 46- 48. 1971
- *Aqui & agora*, (contos). São Paulo, Editora Cooperativa dos Escritores & Editora Pindaíba, p. 69-75. 1978
- *A nova poesia em Goiás* (poesia). Goiânia, Editora Oriente - Nascente, Gabriel, p. 174-186. 1978
- *Contos de Carangola V* (conto). Carangola, MG, Centro de Difusão Cultural Padre Paschoal Rangel, p. 37-43. 1979
- *Voces femininas da la poesia brasileira* (poesia). Goiânia, Editora Oriente - Sampaio, Adovaldo Fernandes, p.133-134. 1979
- *Maria poesia* (poesia) São Paulo / Recife, Edições Pirata, p. 6. 1982

- *The internacional poetryyearbook*, (poesia) Boulder, Colorado, EUA, International Poetry - Pereira, Teresinka, p. não numerada. 1983
- *Brinquedos tradicionais brasileiros* (poesia) Edição bilíngüe. São Paulo, Editora do SESC - Chamie, Emilie; versão para o inglês de Callado, Antônio, p. 10-11. 1983
- *Carne viva: antologia brasileira de poesia erótica* (poesia). Rio de Janeiro, Editora Anima - Savary, Olga, p. 345-348. 1985
- *Arte hoje - O processo em Goiás visto por dentro* (crítica de arte plástica) Rio de Janeiro, Editora Marco Zero - Silveira, Machado - PX, Betúlia, p. 135-142. 1985
- *América desenhada* - Iza Costa (crítica de arte plástica) Goiânia, Edição da autora - Silveira, Costa - PX, Iza, p. não numerada. 1991
- *Chuva de poesia* - 3 (poesia). Goiânia, Ed. Funpel - Galli, Ubirajara, et all., n.p. 1992
- *Goiânia flor e poesia* (poesia) Goiânia, Ed. da Secretaria Municipal de Cultura - Gomes, Vera, p. 112-116. 1993
- I Prêmio BEG (poesia e prosa) Goiânia, Edição da Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira e Banco do Estado de Goiás, p. 77-83 e p. 95-101. 1993
- *Antologia do conto goiano IIO conto contemporâneo* (conto), Goiânia, Ed. da UFG Silva, Vera Maria Tietzmann, p. 233-243. 1994
- II Prêmio BEG (poesia e prosa) Goiânia, Ed. Funpel e BEG, p. 77-79. 1994
- *Poemas GEN - 30 anos* (poesia e prosa), Goiânia, Editora Kelps - Godoy, Heleno; et al, p. 319-336. 1994
- *Diálogo poético* (poesia) Goiânia Edição do autor - Contart, Luiz, p. 25-28 e 30 (extraído da obra da autora); p. 29, 31, 36 e 50-62 (extraído da antologia *Amigos seletos, organizada pela autora*). 1995
- IV Prêmio BEG (poesia e prosa) Goiânia, Ed. Funpel e BEG, p. 59-62. 1996
- *Feitio de Goiás*, poesia, Goiânia, Ed. UCG e Ed. UFG Leonardos, Stella - p. 162-163. 1996
- *Goiás, meio século de poesia* (antologia) Goiânia, Kelps - Nascente, Gabriel, p. 236-240. 1997
- *Premio Di Poesia Simon Bolivar El Libertador* (poesia) v. I, Edição bilíngüe, Fondi, Itália, EdizioniLoSpazio, p. 33-34. 1998

Prêmios, troféus e homenagens

- Prêmio Hugo de Carvalho Ramos - edição 1972 com *Secreta Ária* (1973)
- Prêmio Hugo de Carvalho Ramos – 1975 O Peixenauta 1975,
- Prêmio IV Concurso Nacional de Literatura da Fundação Cultural de Goiás, 1979
- Prêmio Remington de Prosa e Poesia, RJ, 1980
- Prêmio Melhor Livro de Poesia Associação Paulista de Críticos de Arte, (Baco E Anas Brasileiras); 1985
- Prêmio Hugo de Carvalho Ramos, 1985 A ti Athis (1998)
- Prêmio Nacional Itanhangá de Poesia, 1985
- Troféu Tiokô de Literatura: Yêda Schmaltz (Diploma de Honra ao Mérito da UBE-GO) 08 de abril de 1985
- Prêmio José Décio Filho, GO, 1990
- Prêmio Hugo De Carvalho Ramos 1995 Ecos (1996)

- Prêmio BEG de Literatura, GO1996
- Prêmio Cora Coralina, GO, 1996
- Prêmio BEG de Literatura, GO, 1997
- Simón Bolívar, Fondi, Itália; 1998

ANEXO B - PARTICIPAÇÃO EM EXPOSIÇÕES

Coletivas:

- 1980 - Museu Zoroastro Artiaga - UBE-GO - Goiânia-GO
1984 - 1º Movimento de Apoio Cultural de Ipameri - Jôquei Clube
1986 - Museu de Artes e Artistas - Museu de Arte Contemporânea - Goiânia-GO
1987 - Arte sobre Papel - Museu de Arte Contemporânea - Goiânia-GO
1991 - A Forma e a Música - Galeria Antônio Henrique Péclat - Instituto de Artes da UFG - Goiânia-GO
1992 - Restauração da Goianidade - Centro de Tradições Goianas - Goiânia-GO
1992 - Professores do Instituto de Artes da UFG - Galeria Dona Lica - Reitoria da UFG - Goiânia-GO
1994 - Pequenos formatos - Casagrande Galeria de Arte - Goiânia-GO
1994 - Amigos das letras - União Brasileira de Escritores, Seção de Goiás - Goiânia-GO
1995 - Novos valores - Programa Cultural Casagrande Galeria de Arte - Fundação Jaime Câmara - Goiânia-GO
1995 - Pequenos formatos - Programa Cultural Casagrande Galeria de Arte - Fundação Jaime Câmara - Goiânia-GO
1995 - Espaço Cultural da Câmara dos Deputados - Brasília-DF
1995 - Museu de Arte de Goiânia - Sala Amaury Menezes - Goiânia-GO
1996 - Arte com Arte - Museu de Arte de Goiânia - Goiânia-GO
1996 - Arte Itinerante nas Escolas de Goiânia - Projeto do Museu de Arte de Goiânia, Goiânia-GO
1997 - Posicione-se - Projeto Mix Brasil/ Retrospectiva - Goiânia - 97 - Sala de Exposição do Palácio da Cultura de Goiânia
1997 - Salão de Arte de Ipameri - Ipameri-GO

Individuais

- 1980 - Galeria de Arte Frei Nazareno Confaloni - desenho - Goiânia-GO
1994 - MAG - Sala Reinaldo Barbalho - pintura - Goiânia-GO
1995 - Microcosmos - Sala de Exposições da Caixa Econômica Federal - pintura - Goiânia-GO
1997 - Homens - MAG - Sala Reinaldo Barbalho - desenho misto - Goiânia-GO

Mail ArtInternational - Coletivas

- Década de 80 - 12 Coletivas internacionais nos seguintes países: USA (2), Holanda, Uruguai, França, Itália (2), Japão (2), Alemanha
1987 - ButterflyInternational Mail Art Show - Biblioteca Pública do Estado de Goiás - Parthenon Center - Goiânia-GO com 109 artistas de 12 países
1990 a 1994 (período) - 43 Coletivas internacionais nos seguintes países: Itália (18), USA, Inglaterra (3), Checoslováquia, Iugoslávia (3), Espanha, Rússia, Brasil (8), França (2), Alemanha (2), Japão (2), Uruguai (2), Holanda

1993 – GreekMithology Show (Archetypal Figures) - Museu de Arte de Goiânia, Goiânia - GO; 85 artistas de 14 países, com 119 obras

1995 - Salão: 1º Bienal Internacional de Arte Postal do Colégio Universitas (outubro/novembro 95) – Santos-SP

1996 - Express yourselfandsendback - 255 participantes de 37 países - organizada por Clemente Padín, Montevideú, Uruguai

1997 – BrainCell FRACTAL nº 396 - Ryosuke Cohen - Osaka, Japão

Mail ArtInternational - Individuais

1988 - Mail ArtInternational - Instituto de Artes da UFG – Goiânia-GO

1992 - Mail ArtEstércio/Orfeu - Galeria Prof. Péclat - Instituto de Artes da UFG - Goiânia – GO

Fonte: AFLAG (2022)

ANEXO C - ICONOGRAFIA

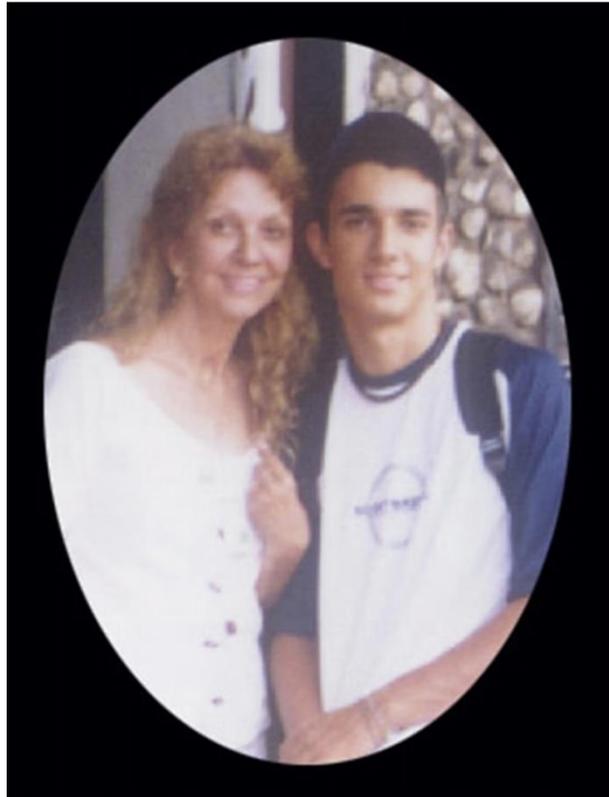
A iconografia constitui uma importante fonte nos trabalhos de historiografia. Contudo, é possível, a partir das imagens, realizar diversas possibilidades. As imagens e fotografias, desenhos e quadros podem figurar de forma ilustrativa ou podem se constituir a fonte principal dos estudos, fornecendo informações não verbais preciosas. Nesta dissertação, optamos por selecionar uma pequena quantidade de fotografias, de forma a atuarem como documentos complementares e auxiliarem na contextualização geral, junto aos demais documentos e informações coletados e apresentados. O não aprofundamento no estudo da iconografia que optamos na presente dissertação se justifica pelo escopo do trabalho, para que não se disperse nas diversas possibilidades de apresentação e investigação de pesquisa. Todavia, são fontes ricas com múltiplas possibilidades de análise que não poderíamos nos furtar de não integrá-las à pesquisa. Postas as explicações, passamos a seguir para a apresentação de algumas fotografias que encontramos durante a pesquisa.



Fonte : Acervo MIS|GO - Integrantes do GEN – Grupo de Escritores Novos. Década de 1960. Autor desconhecido. Goiânia



Fonte : Acervo MIS|GO MIS00655 – Yêda Schmaltz noite de autografo do livro *Secreta ária*. Década de 1970. Autor desconhecido. Goiânia



Fonte: Freitas (2020) - Yêda Schmaltz em encontro com o estudante Luciano Freitas. Ano 1999.

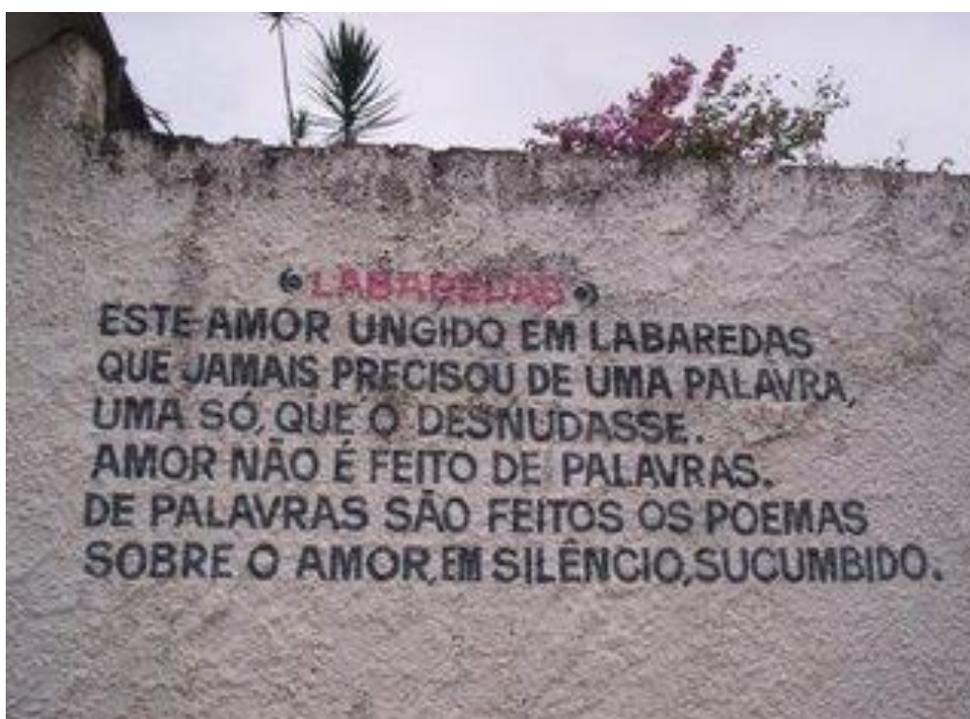


Fonte : Acervo MAG – Os escritores Anatole Ramos e Yêda Schmaltz. Autor desconhecido. Goiânia.

Sem data.



Fonte: PESSOA (2009) - Muros da residência da poeta, a casa da poesia. Sem data.



Fonte: PESSOA (2009) - Muros da residência da poeta, a casa da poesia. Sem data.



Fonte : Acervo MAG - Yêda Schmaltz em sua residência no Bairro Feliz. Sem data. Autor desconhecido. Goiânia



Fonte : Acervo MAG – Anatole Ramos entrevistando a Yêda Schmaltz, acompanhada de seus filhos Luiz Cristino e Simone. Autor desconhecido. Sem data.



Fonte : Acervo MAG –Carmo Bernardes, Anatole Ramos, Yêda Schmaltz, Modesto, Otávio e Sandro Araújo na feira de arte.Sem data.. Autor desconhecido. Goiânia



Fonte : Acervo MAG – Luiz Fernando Valadares, Miguel e Maria Helena, Yêda, Natal Neves – todos do GEN - Sem data. Autor desconhecido. Goiânia



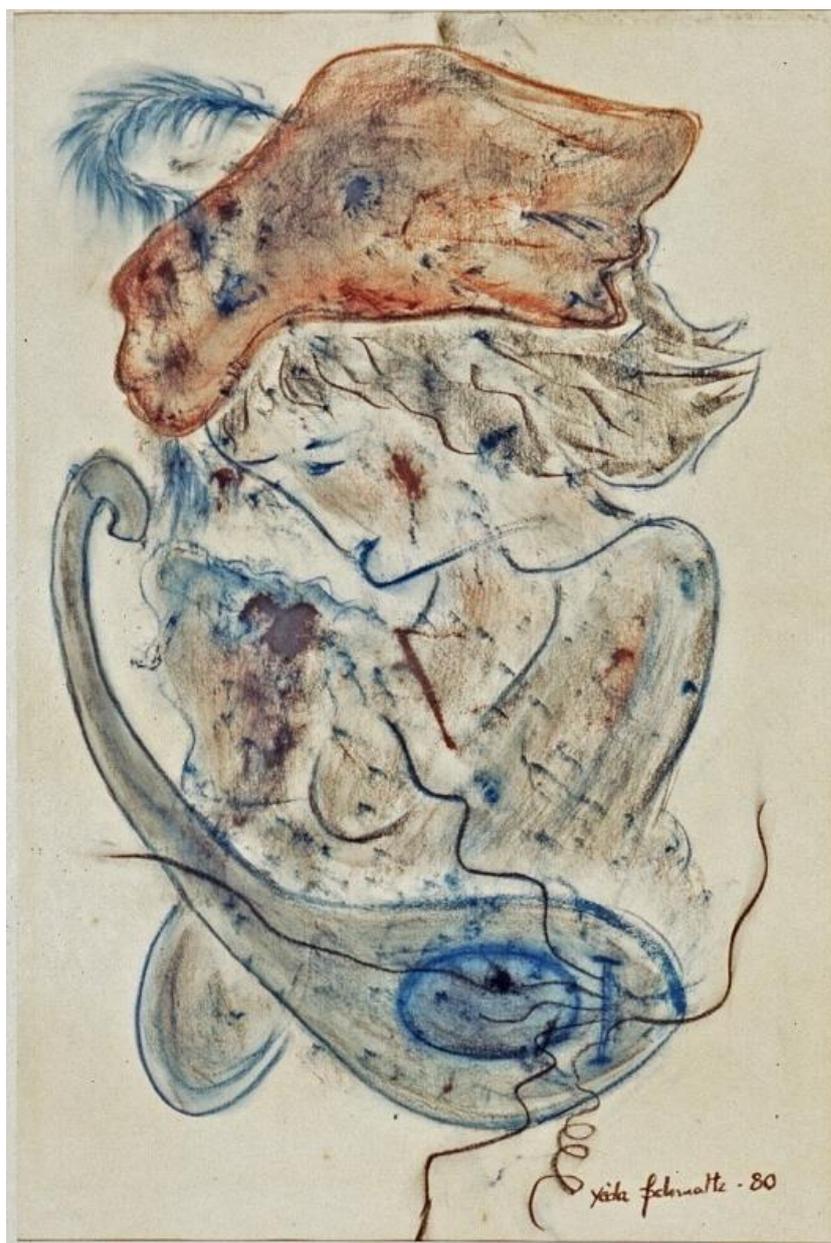
Fonte : Acervo MAG - Yêda Schmaltz - Sem data. Autor desconhecido. Goiânia



Fonte : Acervo MAG – Edir Guerra Malagori (Weni) Miguel Jorge, Yêda Schmaltz, Geraldo Coelho – Escritores do GEN – recebendo o diploma de Bachareis em direito. - Sem data. Autor desconhecido.

Goiânia

ANEXO E - ACERVO - MAG



Título: Cordas arreventadas

Autor: Yêda Schmaltz

Categoria: Desenho

Técnica: Pastel oleoso sobre papel

Ano: Década de 1980 [ano incerto]

DIMENSÕES(cm)

Altura: 57,1

Largura: 42,3



Título: Talvez nos encontremos no infinito

Autor: Yêda Schmaltz

Categoria: Pintura

Técnica: Mista

Ano: Década de 1990 [ano incerto]

DIMENSÕES(cm)

Altura: 49,5

Largura: 59,7



Título: Espelhos dos meus labirintos

Autor: Yêda Schmaltz

Categoria: Pintura

Técnica: Mista

Ano: 1994

DIMENSÕES(cm)

Altura: 54,4

Largura: 65,2